REVISTA DA SEMANA

13-5-50 ★ N.º 19

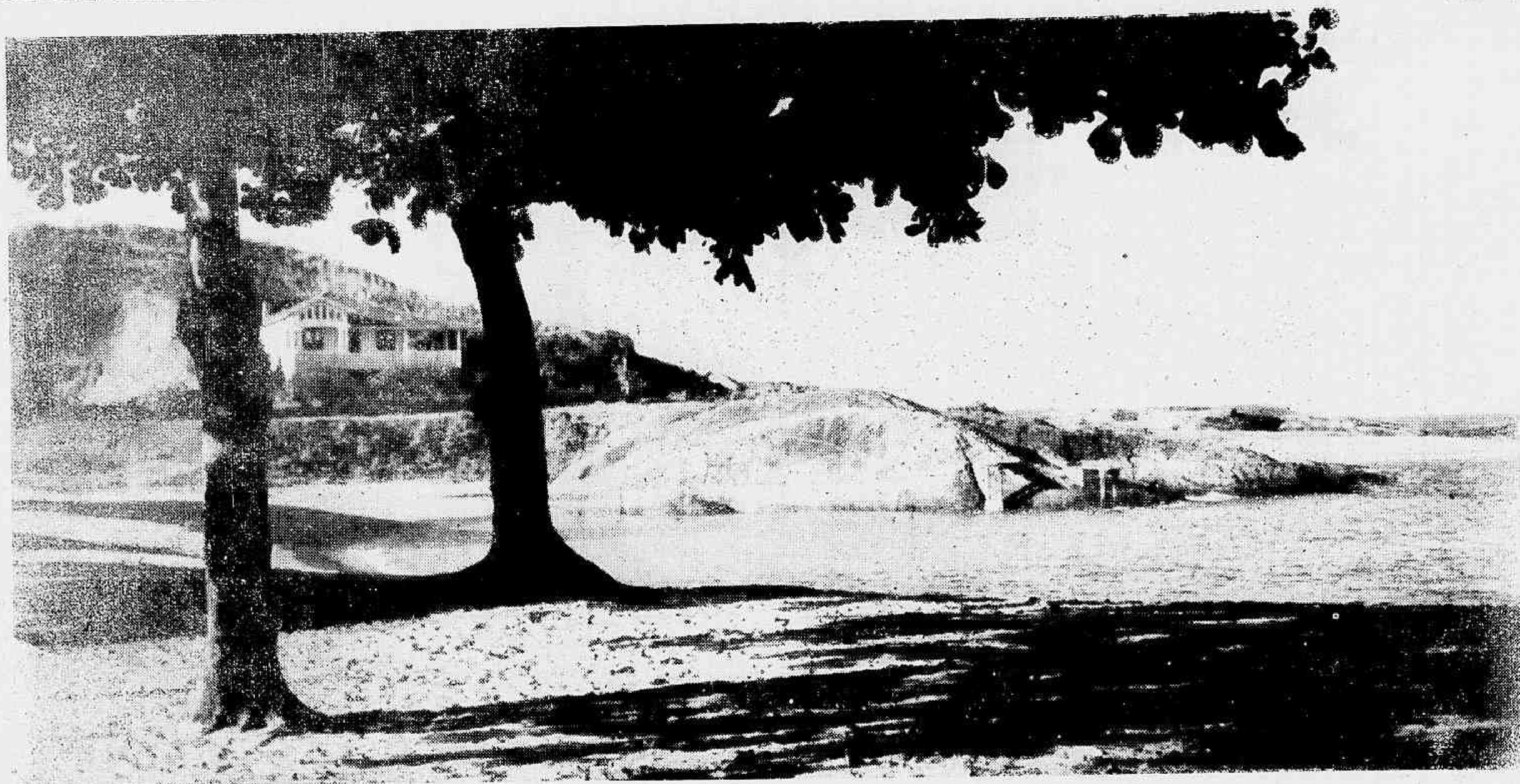
CR$ 3.00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO:



UMA VISITA SOLITARIA AO ANFITEATRO DOS MARTIRIOS CRISTÃOS



GUARAPARY

a praia das areias milagrosas

EM QUALQUER ÉPOCA DO ANO A LINDA ESTÂNCIA DE VERANEIO CAPIXABA OFERECE EXCELENTES CONDIÇÕES PARA UMA ESTAÇÃO DE CURA E REPOUSO

PRAIAS DE BELEZA INCOMPARÁVEL, COM SUAS AREIAS MEDICINAIS DE ALTO PODER CURATIVO NAS DOENÇAS DA PELE E REUMÁTICAS. ÁGUAS RADIOATIVAS PELA PRESENÇA DAS AREIAS MONAZÍTICAS



TRANSPORTE FÁCIL PARA VITÓRIA, EM AVIÃO, TREM, OU POR AUTOMÓVEL. DE VITÓRIA A GUARAPARY, POR EXCELENTE ESTRADA DE RODAGEM, COM SERVIÇO DE ÔNIBUS PERMANENTE

PARA MAIOR CONFORTO DOS QUE, DE TODOS OS PONTOS DO PAÍS, PROCURAM GUARAPARY, O GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO ESTÁ ULTIMANDO A CONSTRUÇÃO DE UM GRANDE E LUXUOSO HOTEL, QUE SERÁ INAUGURADO DENTRO DE POUCOS MESES





AS FOTOGRAFIAS QUE ILUSTRAM ESTA PÁGINA MOSTRAM ALGUNS TRECHOS DAS PRAIAS DE GUARAPARY, CENÁRIO MARAVILHOSO QUE ENVOLVE UM VERDADEIRO MANANCIAL DE SAÚDE

Almoço a um antropófago



O cardápio era meio louco ou meio modernista, o que dá no mesmo. Nele havia escrito entre outras coisas: 1925 - jubileu do «pau brasil» - 1950. No 396.º ano da deglutição do Bispo Sardinha, aos 25 vindos de março. Que tinha a ver isso com o almôço? Aí está a capa do cardápio.

EM S. Paulo, duzentos admiradores de Oswald de Andrade ofereceram-lhe um almôço, pela passagem do seu sexagésimo aniversário e pelas bodas de prata do seu livro "Pau Brasil", livro atrevido como tudo que se rotula modernista. Almôço, no Brasil, é mato. À fôrça de repetido, êsse assunto já nem ierece comentários. Acontece, porém, uma série de coisas que tornam sse almôço um acontecimento pelo menos divertido. Imagine o leitor ue compareceram a neta e a filha do escritor, sendo aquela alguns nos mais velha do que esta.

O homenageado, escritor p'ra lá de excêntrico, compareceu trajado le terno marron, uma horrível camisa roxa e uma gravata azul.

Como êle era chefe do Movimento Modernista Antropofágico, que cupou as colunas da imprensa lá por 1922, tocaram-se as músicas a época.

Uns pretos cantaram uns cururus, por sinal que muito aplaudidos. grupo folclórico do Conservatório cantou a "Flor do mal", o célebre Pé de anjo" e o "Pinião", contando com o côro de todos os presentes.

Havia gente de todos os matizes, credos religiosos, literários ou olíticos.

Lá estavam também alguns literatos que têm sido vítimas prediletas a língua viperina do homenageado.

Havia ainda ex-integralistas como Almeida Sales e Miguel Reale, oje secretário da Justiça do grande Estado. Escritores de obra desonhecida como René Thiollier, um milionário que é também secreário da Academia Paulista de Letras. Artistas como Silveira Sampaio, aria Della Costa. E banqueiros, bancários, livreiros, admiradores e Oswald e dezenas de pessoas que nunca leram uma obra sua.

★

Oswald, que no fundo é um humorista interessante, iniciou assim seu agradecimento:

"Eu estava quieto, jogando sinuca, quando me apareceu não uma egra maluca mas uma dúzia de negras malucas, querendo me atriuir a paternidade de múltiplas coisas que se produziram nesta cidade. — Êsse filho é seu!". Tratava-se da Semana de Arte Moderna. "— É o filho que Deus lhe deu!", "— Não é meu", "— É seu!" É resolveram me almoçar, fazendo dêste tricentésimo nonagésimo sexto ano da deglutição do bispo Sardinha uma espécie de ano jubilar da antropofagia."

No cardápio, redigido por Ernani Campos Seabra, havia um espaço em branco, com esta legenda espirituosa: "A Posteridade aguarda autógrafos".

E iniciava-se com um aviso de Hans Staden, tirado de um dos seus livros: "Lá vem a nossa comida pulando"...

Os comes e bebes constaram de folhadinhos marcianos e canapés voadores, batida Pau Brasil (uma criação de Oswald de Andrade, de 1925), coração de abacates com crustáceos incrustados, lombinho parnasiano e virado e (pasmem agora) "20, do primeiro ao quinto".

Que diabo de vinte era êsse?

E' que vinte, no jôgo do bicho, que por aqui não é nenhum bicho de sete cabeças, é o peru.

E como havia o infalível peru com farofa, designaram-no por "vinte".

Oswald de Andrade, irrequieto como um menino que atira pedras em tudo e em todos, terminou seu agradecimento com esta tirada francamente discutível:

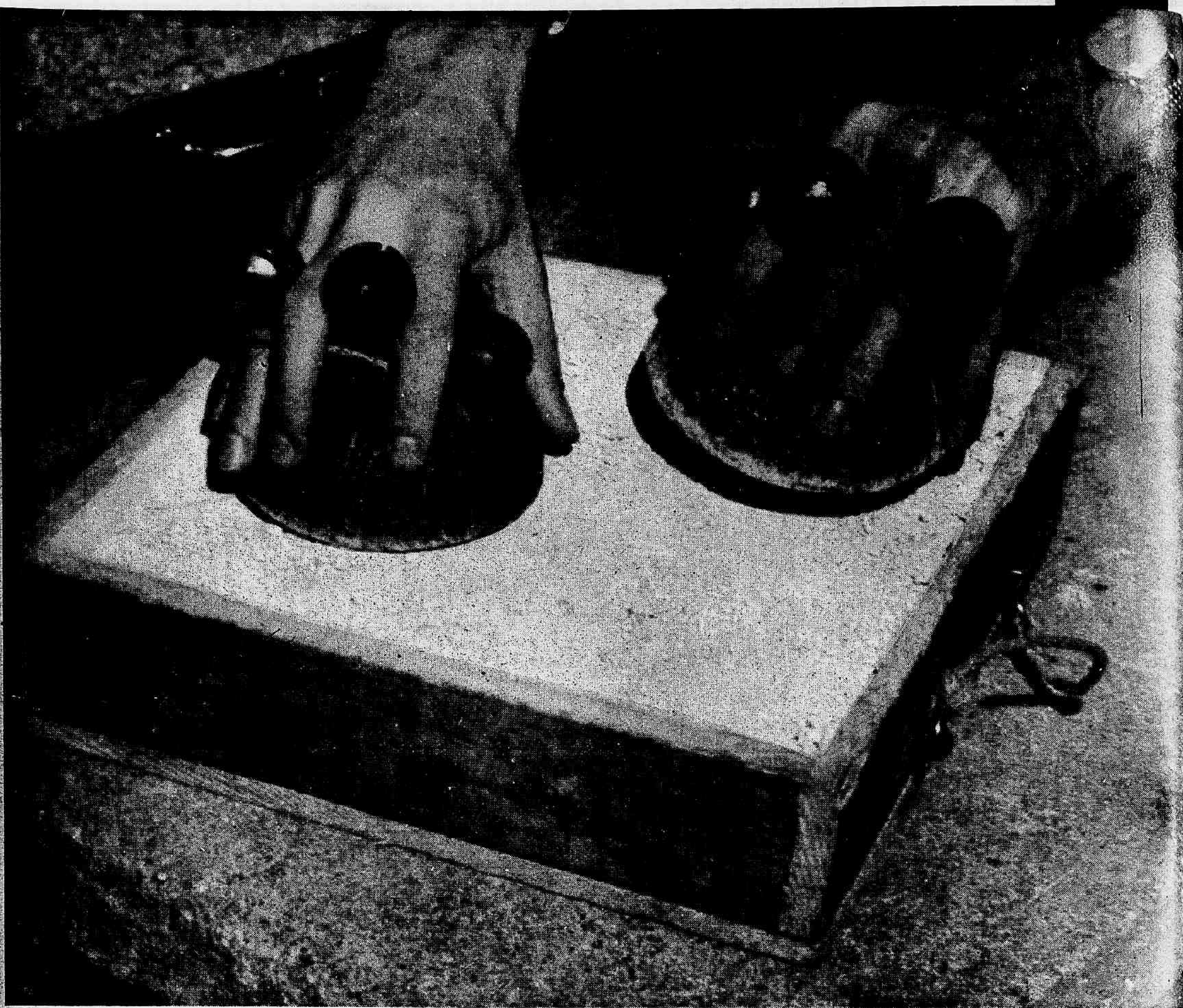
"Nasce-se velho, cheio de taras, preconceitos e hábitos vetustos, mas pouco a pouco a idade traz em si a juventude. De modo que, ao me despedir e agradecer, declaro, para uso de quem quiser, que há uma nova categoria: sexagenário eu? Não! Sexa-appeal-genário!"

★

Como os leitores vêem, S. Paulo não é só a terra das chaminés e da gente apressada.

Ainda há duzentos cidadãos de paciência e bom humor suficientes para ficarem, durante três horas, no Automóvel Clube, a comerem, beberem, falarem mal da literatura alheia (porque da própria ninguém fala) e homenagearem um garoto irrequieto de 60 anos que o vulgo denomina, simpàticamente, Oswald, com "d" final, em homenagem à França.

PAULO FÁBIO



Duas mãos, meia dúzia de campainhas e duas metades de um côco sôbre um tabuleiro de areia, e o que o ouvinte escuta é a «madrinha» de uma tropa marchando, imitado à perfeição.

O QUE OS OLHOS NÃO VÊEM...

NÃO É POSSÍVEL LEVAR UMA LOCOMOTIVA, UM NAVIO OU UM TERREMOTO PARA DENTRO DE UM ESTÚDIO DE RÁDIO, MAS É PRECISO TRANSMITIR APITOS, RUÍDOS, ESTRONDOS E FRAGORES E DESSA TAREFA SE ENCARREGA O CONTRA-REGRA

Reportagem de MILTON PEDROSA

OLHANDO as fotos que ilustram esta reportagem, quem não conhecer os segredos do rádio dificilmente poderá saber o que elas significam. Não é sem razão. Há no rádio um aspecto que está ao alcance de todos. E' o que os ouvintes conhecem através dos seus receptores ou através da publicidade das revistas e jornais. Diz respeito aos artistas, aos grandes cartazes, à movimentação que se processa continuamente à vista de todos ou, melhor diríamos, ao alcance dos ouvidos de todos.

Há, porém, outro aspecto que fica, como se costuma dizer em linguagem radiofônica, por trás do "dial", e lá não chega fàcilmente o entendimento dos fãs.

Refere-se esta parte à elaboração dos programas, à aplicação da técnica, à execução de tudo aquilo quanto constitui a preparação do prato que depois vem a ser servido ao público ouvinte.

Muitas pessoas ignoram isso e para elas existem apenas os cantores de melodias mexicanas, os intérpretes de "boleros", os "reis" da valsa, do fox, da rumba, as sambistas fenomenais e as sensacionais revelações, ou então as dramáticas e lacrimosas novelas de rádio, sem falar nos tremendos bestialógicos que ainda consomem um grande número de horas das emissoras brasileiras.

Mas há, a serviço do rádio brasileiro, bem por trás do "dial", inteiramente ignorado dos ouvintes, um profissional cuja atuação tem um papel de grande importância na vida do rádio.

PESQUISADORES DE SONS

E' o contra-regra, isto é, o profissional encarregado de pôr em movimento tôda



Êste alter, esta mão e um pouco de areia estão produzindo nada menos que um terremoto.

ma técnica especializada durante a irradiação dos programas radiofônicos. Não á estúdio de rádio que dispense a sua resença. Sem ser pròpriamente um artista, muitas vêzes êle desempenha papéis m que se requer engenho e arte. Como e sabe, não há programa de rádio que ispense o concurso do som e nisso tem apel preponderante o contra-regra. Na ealidade, êle não se limita a produzir ons que tal ou qual passagem desta ou daquela novela ou de outro programa qualquer necessite. Muitas vêzes êle se revela m inventivo, pois, em geral, são os contra-egras rapazes vivos, ambiciosos e inteligentes, cujo objetivo imediato no rádio passar a ator, a cantor, a humorista, a ualquer posição que represente um progresso e que lhe abra o caminho do sucesso. Tais qualidades são, geralmente, bem proveitadas pelas emissoras. Como dissemos, nem sempre o contra-regra se limita a tirar sons de instrumentos. Muitos êles têm feito verdadeiras descobertas esse setor. Quem visite um estúdio de ádio encontrará ai, um verdadeiro arsenal, com tôda espécie de instrumentos de odos os feitios e de todos os tamanhos. orrentes, fechaduras, buzinas, batedores e ovos, martelo, caçarola, apitos, sacos tufados dos mais estranhos ingredientes, olsas de borracha, bombas, cornetas, roldanas, pedaços de madeira, fôlhas de zinco nem sei quê mais, enfim tudo quanto ossa produzir um som. Êles servem para produzir um apito de trem, o estrondo e uma ponte desabando, um terremoto, m navio em movimento de carga e descarga num pôrto, pois, como é fácil compreender, não é possivel levar para perto o microfone um navio, uma locomotiva u um terremoto, quando se torna indispensável reproduzir os respectivos ruídos, pitos e outros sons. Por isso, aquêles nstrumentos são levados para ali. Muitos são pelos contra-regra. E' que muitos êles são verdadeiros pesquisadores de ons. Há os que vivem em constantes experiências à cata de novas descobertas. E raças a isso é que vemos em tais lugares os mais exquisitos instumentos, erdadeiros quebra-cabeças para os não iciados.

Êles ajudaram a desenvolver a técnica o rádio e continuam a dar a êle uma ontribuição cada dia maior.

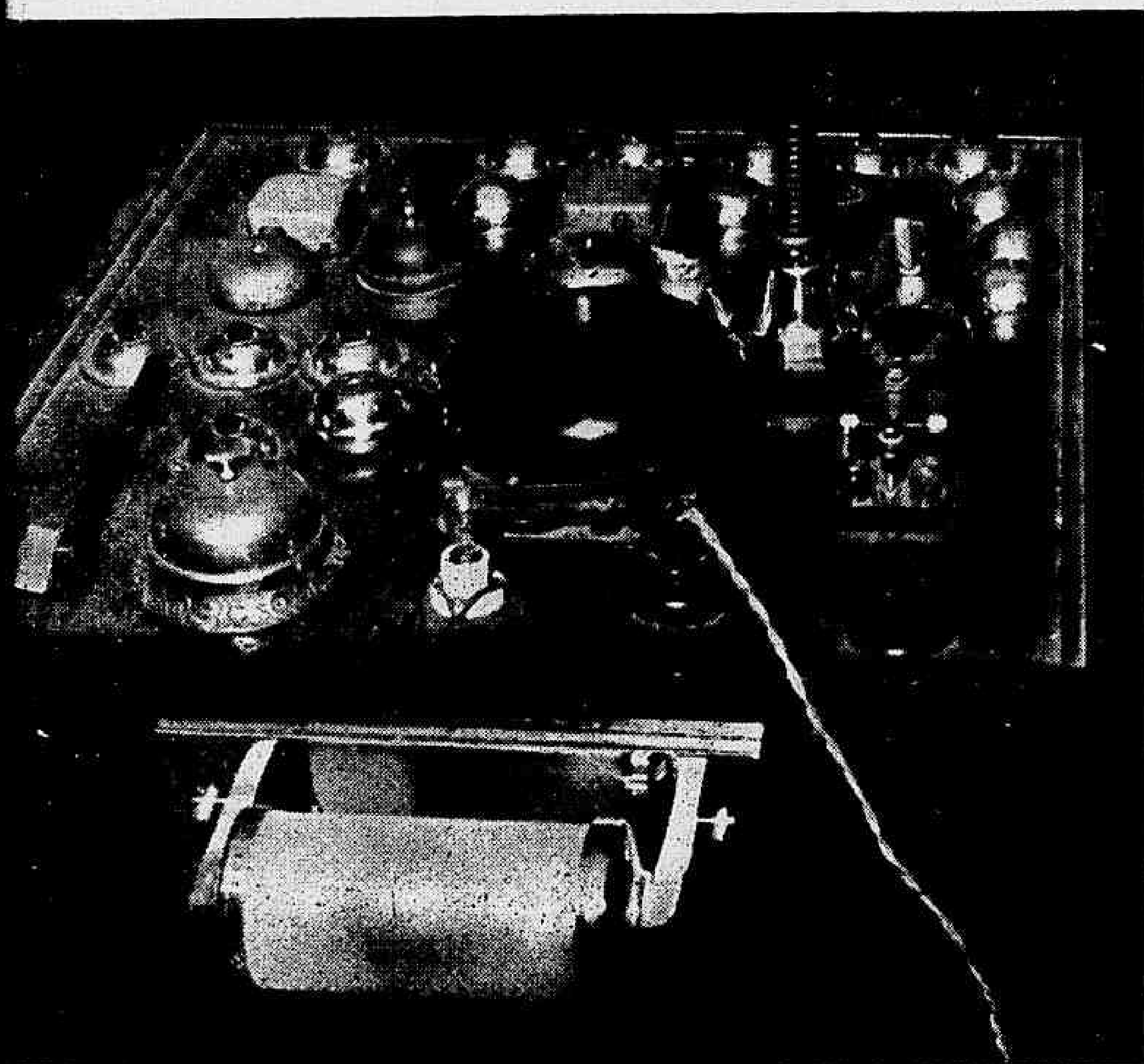
Diremos aqui em que consiste a sua profissão, através de alguns exemplos de como ão conseguidos certos efeitos, que os uvintes escutam quando ligam seu rádio, a mais das vêzes sem indagar de omo são êles obtidos.

TREM E A GARRAFA DE CHAMPAGNE

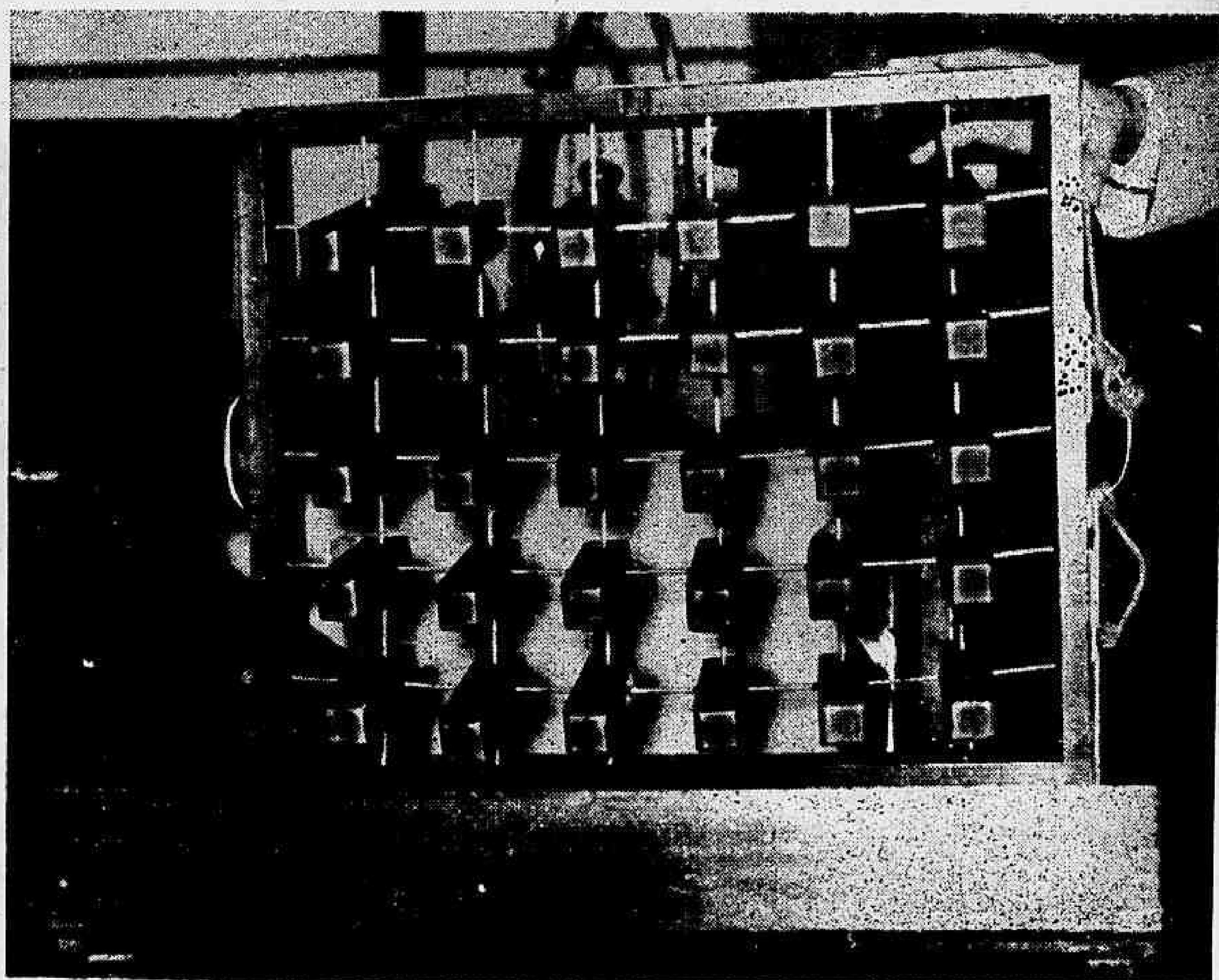
Comecemos com a chegada de um trem uma estação, por exemplo. Comumente, ouvinte ouvirá isso numa novela radiofônica. Pois, o apito do trem e aquêle repidar característicos são produzidos no stúdio com um apito especial de madeira, ue imita perfeitamente o do trem, uma uperficie metálica e um batedor de ovos massado. No momento preciso em que



Esta garrafa não é de champagne e o que o contra-regras segura é uma bomba de automóvel. Mas para o ouvinte o efeito é real.



esta mesa surgem o badalar de um relógio, a campainha do bonde ou de um apartamento.



Um simples quadrado de madeira, pois não? Para o ouvinte isto é um exército em marcha.

a novela exige o som, o contra-regra, que, como os demais artistas, acompanha o "script" aproxima-se do microfone, sopra no apito e faz o batedor de ovos deslizar sôbre a superficie metálica. Ouvindo-o, certamente, ninguém vai pensar que uma locomotiva se encontra dentro do estúdio (será que não?), porém, não perceberá nenhuma diferença entre uma locomotiva de verdade e o aparelhamento que produz o som.

Mais ou menos o mesmo ocorre quando se trata de um navio em movimento num pôrto. Aí, além de outro apito, também especial, há uma série de correntes, de roldanas e mais outros objetos que produzem os ruidos necessários.

Essas mesmas correntes, noutras circunstâncias, servirão para um episódio relativo à escravidão, com escravos arrastando cadeias, etc.

Mas, se se trata de reproduzir o som especial que se obtém abrindo uma garrafa de champagne, não vai a emissora, cada vez que isso se torna indispensável, abrir uma garrafa de champagne. Nada disso. O mesmo efeito é obtido destapando-se, ao microfone, uma bomba de ar, a que se adaptou, numa das extremidades, uma rolha de cortiça. Ao mesmo tempo que se faz isso, despeja-se num copo, contendo um sal efervecente, um pouco d'água. A efervescência equivale à da champagne.

UMA TROPA EM MARCHA

A inventiva do contra-regra levou a várias outras descobertas interessantes. Assim é no que se refere à representação de uma tropa em marcha. Nada de muito especial. Apenas um quadro de madeira, em cujo interior estão ligados, entre si, por cordéis que se cruzam, numerosos pedaços de madeira. Seguro o quadro por dois lados opostos, levanta-se um dos lados enquanto o outro apóia-se sôbre a superficie de uma mesa. O movimento de levantar e baixar o quadrado sôbre a mesa, feito segundo certo ritmo dado pela prática, reproduz o som de uma tropa marchando.

Já um pouco diferente é o da "madrinha" de uma tropa em marcha. Utilizam-se duas metades de um côco, que o contra-regra prende às suas mãos, onde também estão prêsas pequenas campainhas, que imitam às que leva o animal. Um tabuleiro de areia completa o material necessário à imitação, sempre feita junto ao microfone.

Nesse caso, como no anterior, o que ressalta em primeiro lugar é a prática que deve ter o contra-regra, pois assim como êle concorre para beneficiar um programa pode também contribuir para um êrro irremediável.

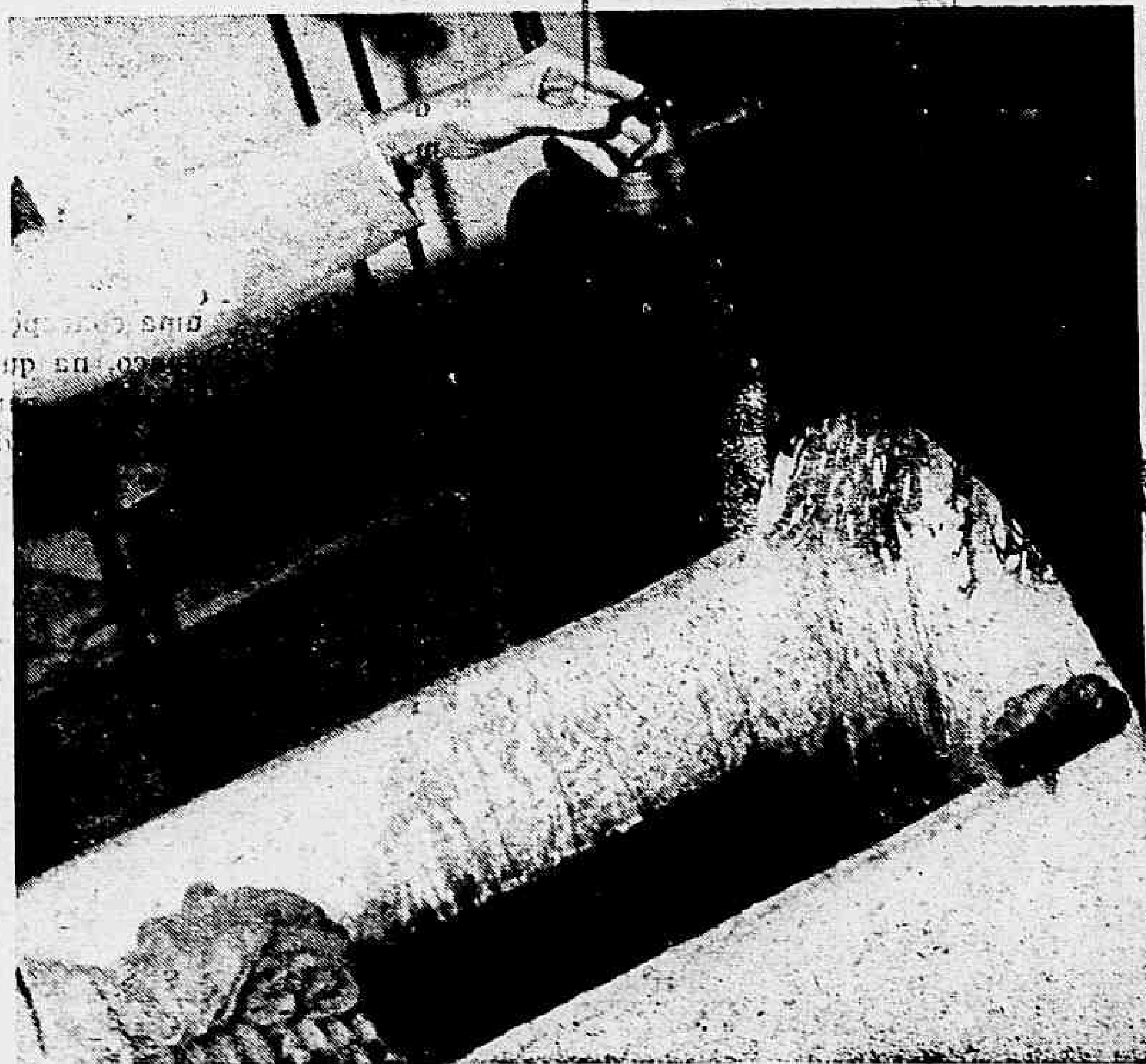
O TANQUE E O BIG-BEN

Mais um grande colaborador nos programas de rádio é o tanque d'água. Dentro de estúdio, com o tanque pode-se obter

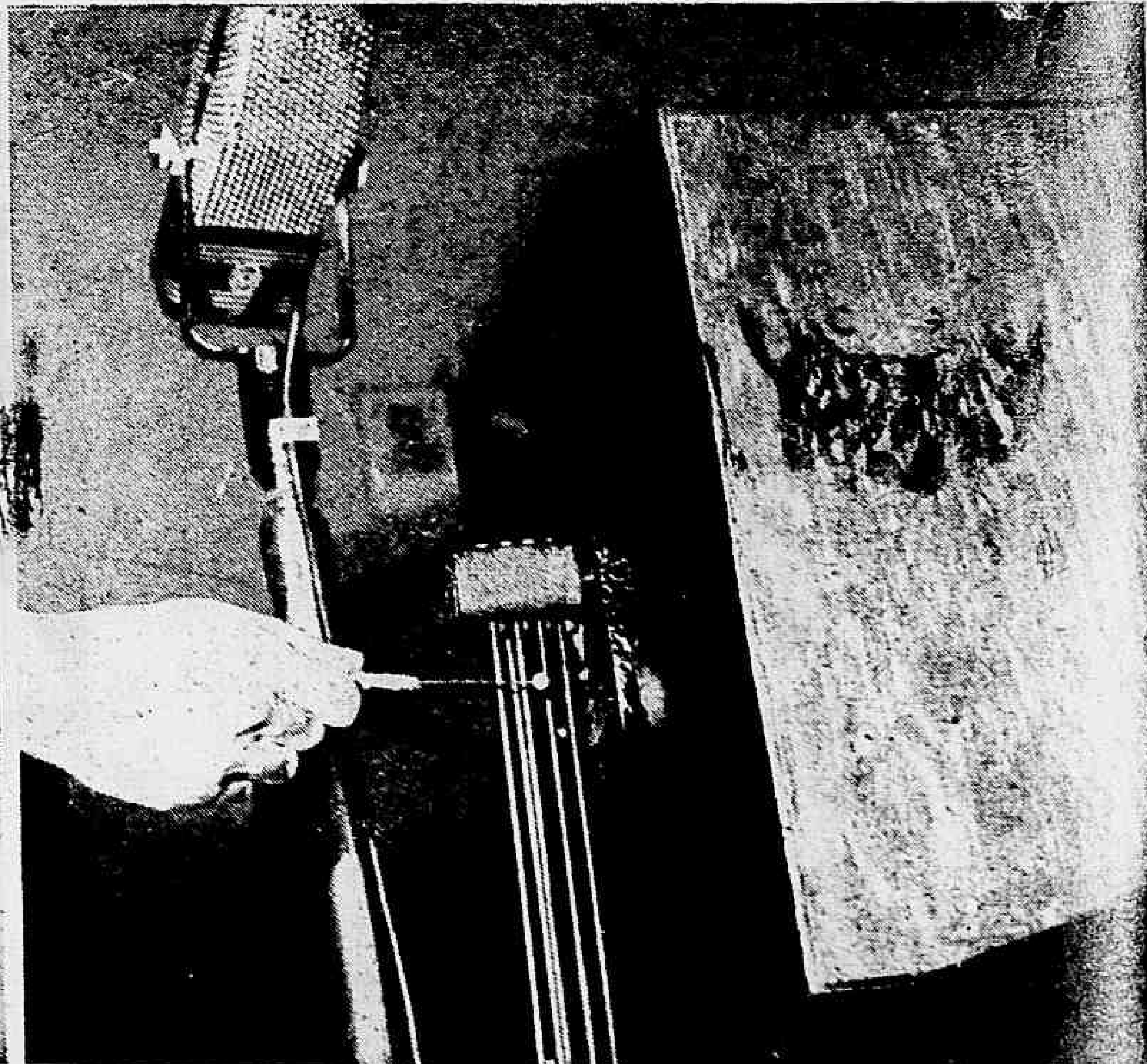
(Cont. na pág. 51)



Enquanto o contra-regras trabalha, o microfone transmite para o ouvinte um trem em marcha, apitando numa curva. E' perfeito!



Eis aqui uma cachoeira, uma cascata, uma catarata ou um simples chuveiro. Tudo depende



Quando se ouve o Big-Ben o contra-regra está fazendo mais ou menos o que se vê na foto.



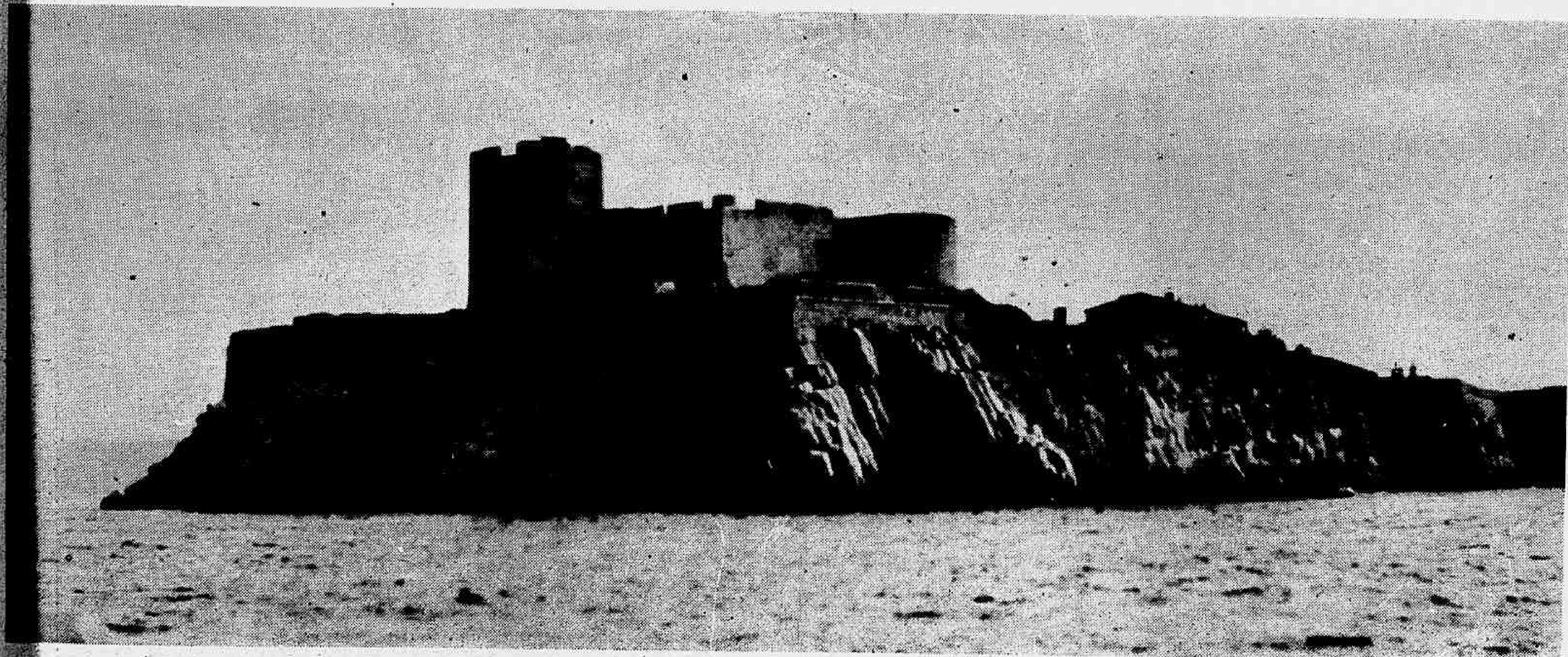


DOIS BELOS flagrantes das cenas filmadas no Mar Tirreno, da produção francesa «O Conde de Monte Cristo». Repare-se os tipos, que aliás pouco mudaram desde a época do romance

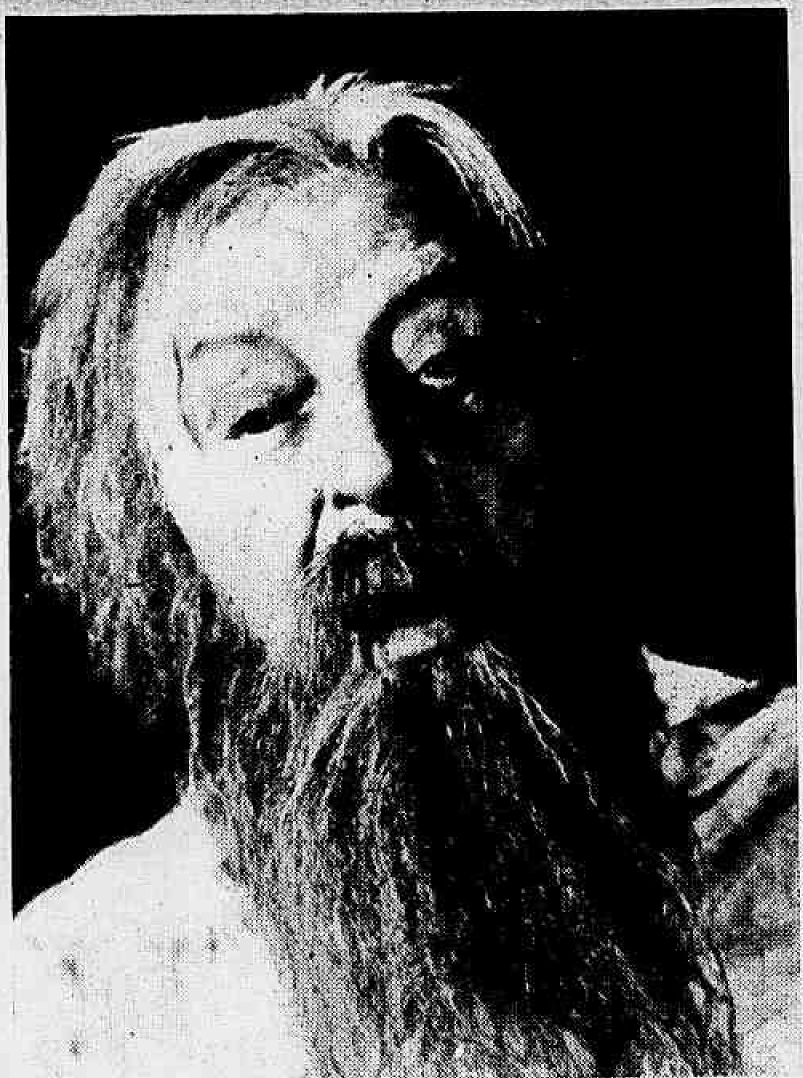
"O CONDE DE MONTE CRISTO"

MAIS UMA VERSÃO DO CÉLEBRE ROMANCE DE ALEXANDRE DUMAS ★ EDMUNDO DANTÉS, MERCEDES E O LINDO CENÁRIO DO CESTELO D'IF, NOVAMENTE NO CINEMA

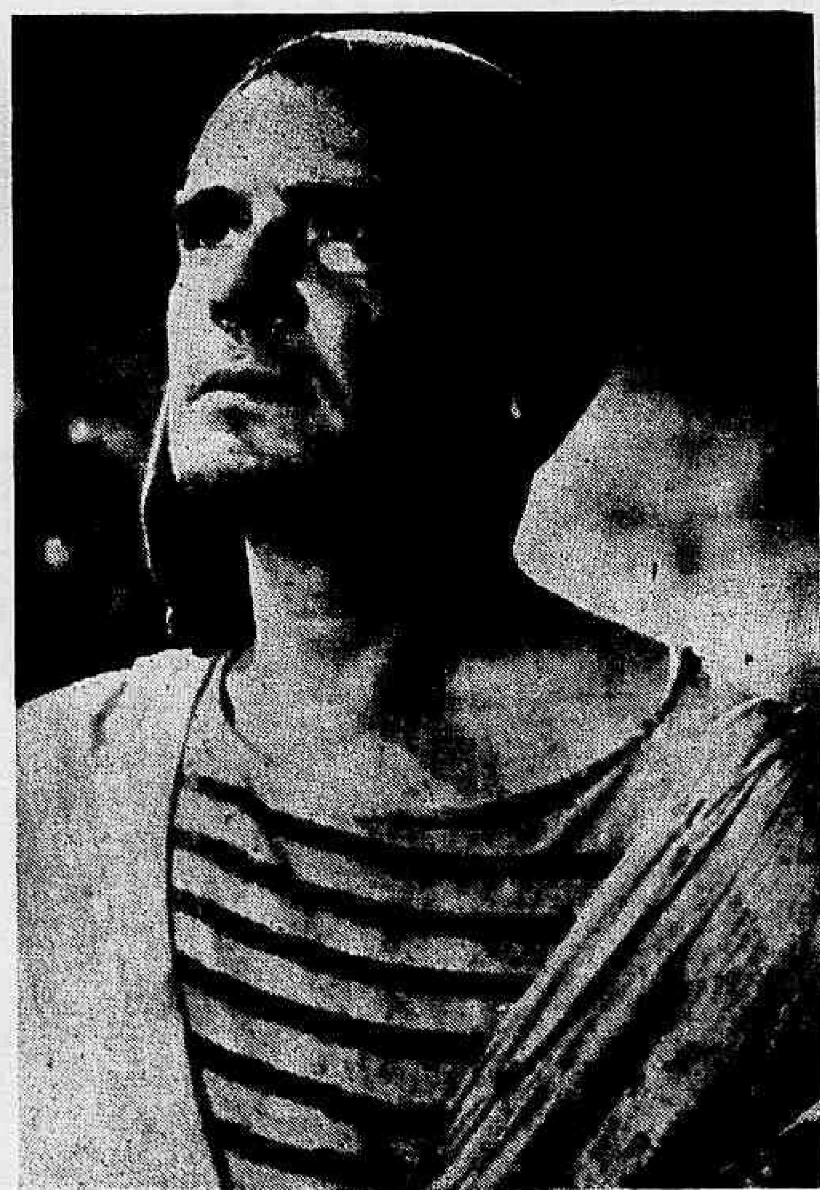
A filmagem de "O Conde de Monte Cristo" (Le comte de Monte Cristo) constituía um velho sonho de Robert Vernay. Êsse diretor chegou a declarar que a aventura de Edmundo Dantés de tal modo o impressionara na juventude que êle não se sentiu satisfeito enquanto não viu essa vibrante história transportada para a tela. Os estúdios franceses trabalharam mais de três anos na filmagem dessa nova versão do famoso romance de Alexandre Dumas. Apesar das dificuldades



Quem não conhece essa famosa sagoma? Quem, na mocidade, não leu Dumas e não ficou com a sombra do castelo no pensamento e as figuras de Edmundo Dantés e do abade Faria?



«MÁSCARA» de alguns dos principais tipos do filme. A



caracterização é fiel à época, costumes e personagens.





MAIS UMA cena filmada nas tascas próximas do pôrto, locais apropriados e coerentes com o original do célebre romance

oriundas do estado de guerra, que abalou tão profundamente a França assim como outros países, nada foi poupado para dar a "O Conde de Monte Cristo" a autenticidade e o realismo requeridos para a confecção de uma obra de tão alto mérito como esta que o diretor Robert Vernay acaba de realizar com extrema habilidade e sensibilidade. E depois de três anos de filmagens contínuas, em que foram despendidas quantias fabulosas, ficou pronta a nova versão do romance francês. A película está dividida em duas partes, abrangendo duas épocas distintas, o que equivale dizer que haverá dois filmes para contar uma história. Nem um só detalhe foi omitido do romance de Alexandre Dumas, o que nos faz esperar pelo breve aparecimento dessa nova realização de Vernay que estará, em tempo bem próximo, nos cinemas cariocas.

No papel-título, vivendo a figura heróica e destemerosa de Edmundo Dantés, veremos o veterano Pierre Richard-Willm, cabendo a Michele Alfa o papel de Mercedes. Outra grande sensação desta nova versão do filme é a presença de Ermete Zacconi, o genial trágico italiano recentemente falecido e que neste celulóide tem uma de suas grandes criações como o "Abade Faria". A versão recentemente concluída é inédita para o Brasil.

No elenco, além dêsses nomes, há a notar mais os seguintes: Louis Salou (também recentemente falecido), Marcel Herrand, Alexandre Rignault, Aimé Clariond, Lise Delamare, Line Noro, Charles Granval, Jacques Beaumer, Henry Bosc, Jean Chaduc, Carmen Boni, André Fouché, e mais centenas de figurantes. Danças e "ballets" sob a direção de Léo Staats. Fotografia de Pierre Ancrenaz.

NOTA — Publicaremos no próximo número as fotografias da segunda parte do filme que tomará o título de «A VINGANÇA DO CONDE DE MONTE CRISTO».

NOS HEDIONDOS subterrâneos do Castelo d'If estavam os prisioneiros políticos entre os quais Dantés e o abade Faria





NO ELENCO dos artistas há nomes dos mais representativos da sétima arte. Entre êles, dois são recordados com respeito, pois já morreram: Emete Zacconi e Louis Salou. Vemos o segundo na sua caracterização do filme, verdadeiro tipo de marinheiro iltorâneo da Costa Azul francesa, de mistura com os habitantes da Córsega. Em baixo, a heroína: Michele Alfa.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ Nº 19 ★ 13-5-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

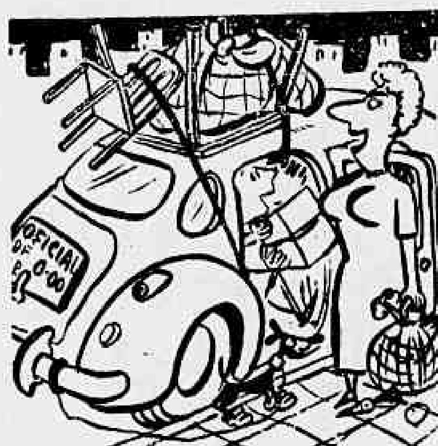
Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

LEIS INÚTEIS



Não é de hoje que se procura, através de decretos e regulamentos, acabar com o uso e abuso dos carros oficiais. Quando os promotores da Revolução de 1930 subiram ao poder, muito se fêz para normalizar-se o caso dos veículos oficiais. O ministro da Viação daquela época, sr. José Américo, chegou mesmo a andar de taxi, para dar o bom exemplo, e ordenou que fôssem recolhidos à garagem do Ministério carros de passeio e caminhões supérfluos, mandando-se os mesmos a leilão... Outros Ministérios também ensaiaram a providência e os jornais bateram palmas. O novo regime ia moralizar o deboche que nos afligia desde que apareceram os primeiros veículos a motor nas repartições do govêrno.

Mas tudo não durou um trimestre. Não há chofer de Ministério de Prefeituras ou do Catete; não há motorista de governadores, de ministros ou de prefeitos, que não se julgue dono dos autos oficiais, sempre que rodem êstes sem os chefes respectivos. E, por isso, não é difícil vermos carros oficiais a conduzir gente que nada representa junto à família dos privilegiados. Quanto a êstes, não há lei neste país que reforme os hábitos enraizados dos que dispõem de carros em suas respectivas repartições. O "chic", o prestígio da posição está justamente no automóvel "Cadilac" "rabo de peixe". Apesar das circulares, dos decretos, das ordens severas, êles são vistos em lugares onde não podiam estar: feiras, cinemas, teatros, campos de esporte, mercados, etc. Agora mesmo o diretor geral da Fazenda Nacional assinou uma circular sôbre o uso de veículos oficiais, determinando aos diretores de repartições e chefes de serviços que não permitam o uso abusivo dêsses carros e lanchas, com infração da lei. Pois sim...

FUTEBOL SERVE PARA TUDO



Futebol serve para muita coisa neste mundo encantador e maluco. Segundo rezam crônicas de começos do século, foi depois de uma partida de futebol que o Brasil e o Uruguai conseguiram acertar as fronteiras lá pelas margens da Lagoa-Mirim. O que a diplomacia não alcançou, obteve-o uma partida amistosa entre pés uruguaios e brasileiros.

Mas isso era no começo do século. De lá para cá o futebol tem evolucionado muito, mas no sentido da intriga e da velhacaria. Vejam os leitores o que fizeram os politicões dêste país quando se deu o hediondo golpe de 10 de novembro de 1937. Aproveitaram uma sensacional vitória do Vasco sôbre o Flamengo, para dar a foiçada no pescoço da Constituição recém-nascida. Na segunda-feira todo mundo só se ocupava com a luta Vasco-Flamengo. O Senado Federal estava cercado pela tropa; a Câmara, fechada; os jornais sob censura; as liberdades públicas debaixo da medida violenta a que deram o nome de "polaca". A nação retrocedia, mas o carioca não tomou conhecimento dêsse terremoto. Só se interessava pela vitória do Vasco sôbre o Flamengo. E o futebol servia, pela primeira vez no mundo, para despistar o povo que perdia seu direito constitucional... Últimamente, porém, o futebol está servindo para intrigas internacionais. E contra o Brasil, o que é muito de lamentar. Vejam o que dizem de nós certos cronistas lá de fora. Inventam cada uma! E tudo porque já temos um estádio que é um espanto e elencos de fazer inveja aos gregos de Péricles (o do século). Mas isso ainda não é nada. O Malmoe, equipe de futebol da Suécia, que o ano passado aqui estêve, está promovendo uma ação de indenização contra o Botafogo, alegando falta de cumprimento de contrato. Tudo, porém, não passa de campanha difamatória contra o futebol brasileiro.

E AS CHUVAS CHEGARAM



A primeira grande sêca registrada pelas crônicas de nosso país foi a de 1608, no nordeste brasileiro, com seu ponto crucial no Estado do Ceará. Daí por diante, periòdicamente, as grandes estiagens afligiam os habitantes daquela vastíssima zona brasileira, provocando o êxodo dos seus moradores. As sêcas de 1877 e 1915 tornaram-se famosas em nossa história e deram o que falar aos flagelados e aos literatos. D. Pedro II chegou a dizer que venderia a última jóia de sua coroa, mas não permitiria que os cearenses morressem de fome.

Foi por isso que no govêrno Epitácio a nação mobilizou recursos para vencer a crise de chuvas com a construção de açudes e sistemas de irrigação; mas, como tudo neste país é de veneta, a grandiosa obra redentora nem chegou à metade. Ficou por aí abandonada. Recentemente vinham nos jornais do Rio notícias alarmantes sôbre ameaças de sêca no Ceará. Se não chovesse, milhares de pessoas estariam na miséria, seus rebanhos mortos, suas roças perdidas, suas casas abandonadas. E, mais uma vez, as estradas de rodagem, os trens, os rios, os mares se povoariam de emigrantes do Ceará e dos outros Estados nordestinos, todo mundo descendo para o sul, para S. Paulo e Rio. Uma calamidade. Mas, de súbito, mudou o panorama. Em lugar de fugirem os cearenses com a sêca nos calcanhares, retiram-se agora apavorados com os dilúvios de matar sapo! Rios que, de ordinário, vivem a mostrar os intestinos ao sol, afogam-se nágua. Chuvas a bambão, enchentes indomáveis, águas de monte arrebentando tudo: casas, pontes, açudes... E a grita é agora contra tanta chuva. Roças perdidas, criações mortas, gado afogado, casas levadas pela correnteza. O Jaguaribe invadiu Aracati, que, para vingar-se, já deve ter botado um bom apelido nêle...

PERDEU A CABEÇA



Muitas coisas fazem um indivíduo perder a cabeça e, dentre estas, é o ciúme uma das mais violentas. Dizem as mulheres ciumentas que essa paixão que converte o amor em ódio é uma virtude; mas, na verdade, virtude que mata os outros ou lhes arranca os dentes sem injeção não é lá boa coisa. O ciúme vive a matar gente por êsses subúrbios e morros. E também nos bairros elegantes. E muito senhor de responsabilidade se apresenta entre seus amigos com a cara inchada, por falta de alguns dentes expulsos violentamente dos maxilares graças a murros que o ciúme vibrou. O mais recente e mais curioso episódio em matéria de ciúme nos deu uma senhora carioca. Desde muito vinha madame desconfiando do espôso, um senhor de boas maneiras, bem trajado e já na idade de ter mais juízo.

Entretanto, por mais diligências que fizesse a mulher legítima, nunca apanhava o maroto em flagrante idílio com a outra, a vice-espôsa. Sabidinhos, hein? Mas, ou porque tivesse faro de cão policial, ou porque os seus santos fôssem fortes e protetores da honestidade conjugal madame iludida encontrou a pista. Os dois amantes se encontravam sempre num dos cinemas desta cidade. Isso, porém, era muito vago. Há no Rio cêrca de cem dessas casas de diversões; mas a senhora queimando em ciúmes começou a tarefa. E viu coroado de êxito o seu trabalho de Sherlock de saias. No salão do "Império", ei-los agarradinhos. A mulher legal deu o berro: "Largue meu marido, desavergonhada!". Isso não estava no programa, e foi um Deus-nos-acuda! Depois do rôlo, das bofetadas e do escândalo, viu-se a ciumenta legítima sem sua bolsa com Cr$ 500,00! Lamentando muito mais isso do que aquilo, chorou. E como o carioca se divertiu muito com êles, promoveram os presentes uma coleta apurando Cr$ 600,00, que entregaram à vingadora. Saldo: Cr$ 100,00.

A PERSONAGEM DA SEMANA

O fato mais em evidência durante a semana que passou foi o caracterizado pelo conflito de jurisdição entre o Provedor da Mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento desta capital, sr. Joaquim Correia Marques e a Curia Metropolitana da Igreja Católica, que tem como chefe máximo, S. Eminência o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro. A desinteligência, segundo consta do que tem sido publicado, se resume entre matéria de Direito Canônico e a organização de Direito Civil. De um lado, a Curia Metropolitana, havendo aprovado o recente Sinodo, acha que a Irmandade do Santíssimo Sacramento não tem poderes legais, do ponto de vista estritamente religioso, para eleger sua Mesa e dirigir os destinos da irmandade, sem aprovação das autoridades eclesiásticas: mas, pelo lado oposto, julga o Provedor, Sr. Correia Marques, que o assunto não pode estar sujeito à intervenção dos chefes da Igreja, uma vez que a Irmandade do Santíssimo Sacramento é uma organização civil, devidamente registrada e com sua vida legal conforme as leis do Brasil Tendo havido a eleição fora dos preceitos do Direito Canônico e estabelecem as resoluções do Sinodo no Distrito Federal, o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro chamou à ordem os que a seu ver, transgrediram as leis da Igreja, dandо-lhes um prazo para evadir o êrro, voltando ao seio da Igreja. Vários acusados de indisciplina religiosa concordaram com a advertência da autoridade eclesiástica, enquanto o Sr. Joaquim Correia Marques resistia e se mantinha no ponto de vista de que não se trata de insubmissão religiosa e sim, de um caso de Direito Civil em conflito com o Direito Canônico defendido pela Igreja. O Cardeal D. Jaime Câmara, porém, firme em sua orientação, decretou a excomunhão de quantos permanecessem no êrro. Para analogia, há o caso recente e idêntico com a Irmandade de S. Pedro e S. Paulo, também desta capital, cuja direção administrativa passou para a Curia Metropolitana, e as eleições da Mesa só devem ser procedidas, depois que a respectiva nominata é submetida às autoridades eclesiásticas para a devida aprovação ou impugnação de nomes. O caso teve grande repercussão no espirito público dado o seu caráter de quase ineditismo. Ao escrevermos estas notas, o prazo para a confirmação e execução da penalidade máxima da Igreja contra os excomungados estava a vencer-se, continuando o mais visado, a sustentar seu ponto de vista. Ao que tudo indica, é provável que o Sr. Joaquim Correia Marques recorra ao Tribunal do país, de cuja decisão, naturalmente, resultará o ponto final nessa pendência, muito semelhante à que se verificou ao tempo do Segundo Reinado, quando era Ministro do Império o Visconde do Rio Branco.



Sr. Joaquim Correia Marques

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUAL O NOME DO VISCONDE DE OURO PRÊTO:
— José Maria Paranhos?
— Manoel de Alvarenga Peixoto?
— Afonso Celso de Assis Figueiredo?

2 QUE QUER DIZER A PALAVRA MESSIAS:
— Salvador de Israel?
— Ungido?
— Redentor do mundo?

3 QUE SUCEDEU AO GOVERNADOR DA BAHIA, DIOGO DE MENDONÇA FURTADO, NA INVASÃO DA CAPITAL PELOS HOLANDESES:
— Foi aprisionado e remetido para a Holanda?
— Fuzilado pelos invasores?
— Fugiu para o interior do Estado?

4 QUANTOS QUILÔMETROS MEDE UM MERIDIANO TERRESTRE:
— 52 mil?
— Pouco mais de 40 mil?
— Pouco menos de 48 mil?

5 QUANTAS IGREJAS HÁ NA CAPITAL DA BAHIA:
— 365?
— 204?
— 69?

6 QUAL O GOVERNANTE DO BRASIL QUE, NA FALTA DE UMA CONSTITUIÇÃO DECRETOU A ADOÇÃO DA ESPANHOLA:
— D. João VI?
— D. Pedro I?
— D. Isabel?

7 QUANTAS CIDADES PORTUGUÊSAS DISPUTAM A GLÓRIA DE TER SIDO O BERÇO DE CAMÕES:
— Duas?
— Cinco?
— Quatro?

8 EM QUE DATA PASSOU O PALÁCIO DO CATETE A SER A SEDE DO GOVÊRNO DA REPÚBLICA:
— 1/ 5/1900?
— 24/ 2/1897?
— 30/11/1889?

9 QUE QUER DIZER A PALAVRA *SIMONIA*:
— Seita fundada por Simão, o Mago?
— Semelhança de nomes?
— União ilícita?

10 EM QUE PARTE DO RIO FICAVA A LAGOA DO BOQUEIRÃO DA AJUDA:
— No Campo de Sant'Ana?
— No largo do Machado?
— No Passeio Público?

11 EM QUE ANO TERMINOU A CONSTRUÇÃO DO CAMINHO AÉREO DO PÃO DE AÇÚCAR:
— 1905?
— 1913?
— 1889?

12 EM COMPARAÇÃO COM A QUINTA DA BOA-VISTA, É A ÁREA DO JARDIM BOTÂNICO:
— Igual àquela?
— Mais ou menos a metade?
— Maior alguns metros?

13 QUE QUER DIZER "LATROCINIO":
— Ato de ladrão que mata para roubar?
— Indústria de leite enlatado?
— Espécie de processo mecânico?

14 QUE NOME SE DÁ, NO NORDESTE, AO CANTO DO VAQUEIRO TANGENDO O GADO:
— Louvação?
— Abôio?
— Embolada?

15 EM QUE DATA FOI PERMITIDO QUE O BRASIL TIVESSE INDÚSTRIA:
— 15/11/1889?
— 7/ 9/1822?
— 1/ 4/1808?

16 QUE SIGNIFICA A PALAVRA "DROMÔMETRO":
— Campo de corridas a pé?
— Aparelho para medir a velocidade dos trens?
— Medida de velocidade do vento?

17 QUAL O MAIOR EXEMPLO DE PRECOCIDADE MUSICAL ATÉ HOJE CONHECIDO:
— Mozart?
— Haydn?
— Carlos Gomes?

18 QUE SUCEDERIA A UMA VELA ACESA QUE FÔSSE LEVADA A ALTURA DE 21 MIL PÉS:
— Derretia-se ràpidamente pelo calor?
— Provocaria explosão?
— Apagava-se por falta de oxigênio?

19 QUE NOME TINHA O BAIRRO DE VILA ISABEL ANTES DÊSSE NOME:
— Chácara das Goiabeiras?
— Andaraí Grande?
— Caminho da Serra?

20 QUAL O PONTO CULMINANTE DO DISTRITO FEDERAL:
— O Pico da Tijuca?
— A Pedra da Gávea?
— O Bico do Papagaio?

(*Respostas na página 58*)

PALAVRAS CRUZADAS

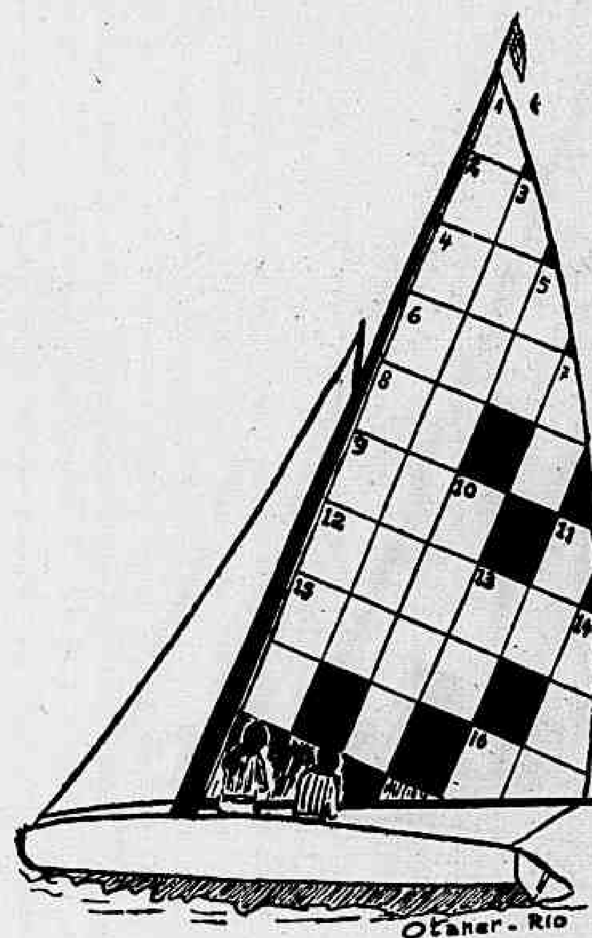
INICIAMOS neste número a publicação de uma nova seção: a das Palavras Cruzadas. Esperamos com isso ir ao encontro do desejo de muitos dos nossos leitores, que por carta, nos vêm pedindo a inclusão dessa nova seção especializada em nossa REVISTA. Haverá, semanalmente, dois problemas a resolver, um para novatos e outro para veteranos, na interessante arte de decifrar. Tôda e qualquer correspondência poderá ser enviada para a redação da REVISTA DA SEMANA — Seção de Palavras Cruzadas — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

PAPA VETERANOS

PROBLEMA N. 1

HORIZONTAIS: 2. O mais — 4. Contração plural — 6. Coisa ruim — 8. Prefixo latino que traz a idéia de ponta — 9. Apologia — 12. Relativo ao vento — 15 — Preguiça — 16. Basta!

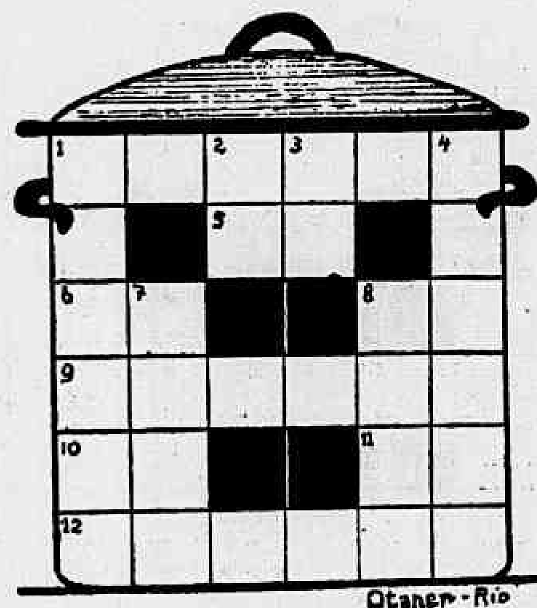
VERTICAIS: 1. Tatu (pl) — 3. Filho de Priamo e Hecuba — 5. Nota musical — 7. Interjeição de espanto — 10. Metade de um batalhão (pl.) — 11. Espécie de flexa usada pelos antigos turcos — 13. Gênero de palmeiras do Brasil — 14. Folha de palma.



★

PARA NOVATOS

PROBLEMA N. 1



HORIZONTAIS: 1. Ruborizada — 5. Seguir — 6. 2.ª nota musical — 8. A voz do cabrito — 9. Escolhem por meio do voto — 10 Aqui — 11. Feminino do sufixo ão — 12. Cheio de areia.

VERTICAIS: 1. Pessoa calva — 2. Dá risada — 3. Vento — 4. Da Alemanha — 7. Segurar pelos elos (as plantas) — 8. Parte do corpo na extremidade do braço (pl.).

★

Correspondência e colaboração para REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

A VIAGEM SINISTRA

Motivada pela publicação da reportagem que obedecia ao título acima, no dia 22 de abril, recebemos a seguinte retificação que transcrevemos na íntegra:

«Departamento Nacional de Obras de Saneamento — Carta n. G 91 — Rio de Janeiro, 2 de maio de 1950. — Illo. sr. Redator da REVISTA DA SEMANA — Rua Maranguape n. 15, Laga — Rio de Janeiro (DF) — Sr. Redator. Em seu número de 22 do corrente, essa conceituada revista, reproduzindo informações inverídicas estampadas por um dos nossos jornais, fêz algumas declarações que merecem pequenas retificações.

Ei-las:

1) — No dia 8 do corrente, sábado, os engenheiros que foram ao local do desastre não estavam constituídos em comissão. Entre êles estava eu, que simplesmente acompanhei a Tanguá os técnicos da Leopoldina em sua faina de restabelecer o tráfego.

2) — O desvio do rio Casserebu não foi provocado nem facilitado pela retificação do rio, executada pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento, a que tenho a honra de pertencer.

3) — Os engenheiros da Leopoldina, com quem conversei várias vêzes sôbre o assunto, nem ao menos pensaram em atribuir ao Departamento qualquer parcela, por menor que seja, de responsabilidade na destruição do atêrro.

Muito agradeceria, sr. Redator, a publicação destas explicações, a fim de que não se atribua ao DNOS culpa que, de forma alguma, lhe cabe.

Cordialmente, subscrevo-me, patrício e admirador, — (a) **Camilo de Menezes**, Diretor Geral.»



"MENINA DO GALO"



"NO BAR"

UM RETRATISTA ESPANHOL PINTA NO BRASIL

REALIZA-SE na Galeria do Palace Hotel uma exposição do pintor espanhol Pedro Antonio Martinez Exposito. Nascido no ano de 1886, em Pulpi, Almeria, na Andaluzia desde a meninice seu maior desejo era o d[e] se tornar pintor, e, apesar de contrariado pelo[s] pais, conseguiu ser notado pelos professôre[s] do colégio que frequentava. Por intermédi[o] do dr. Zurano, foi, aos 23 anos, para Madrid onde, sob os ensinamentos de Eduardo Chi[charro] e de José Maria Lopez Mesquita, aper[feiçoou-se], brilhando desde então entre o[s] melhores da Espanha contemporânea. Fo[i] premiado na Grande Exposição do Panamá em 1916 e no Salão Nacional de Madrid em 1924. De 1930 em diante excursionou pela Ar[gentina], os Estados Unidos e o Brasil, fixand[o] residência em São Paulo, em 1936. Sua espe[cialidade] é o retrato e os seus quadros sã[o] disputados no mundo inteiro.



"NO CAMARIM"



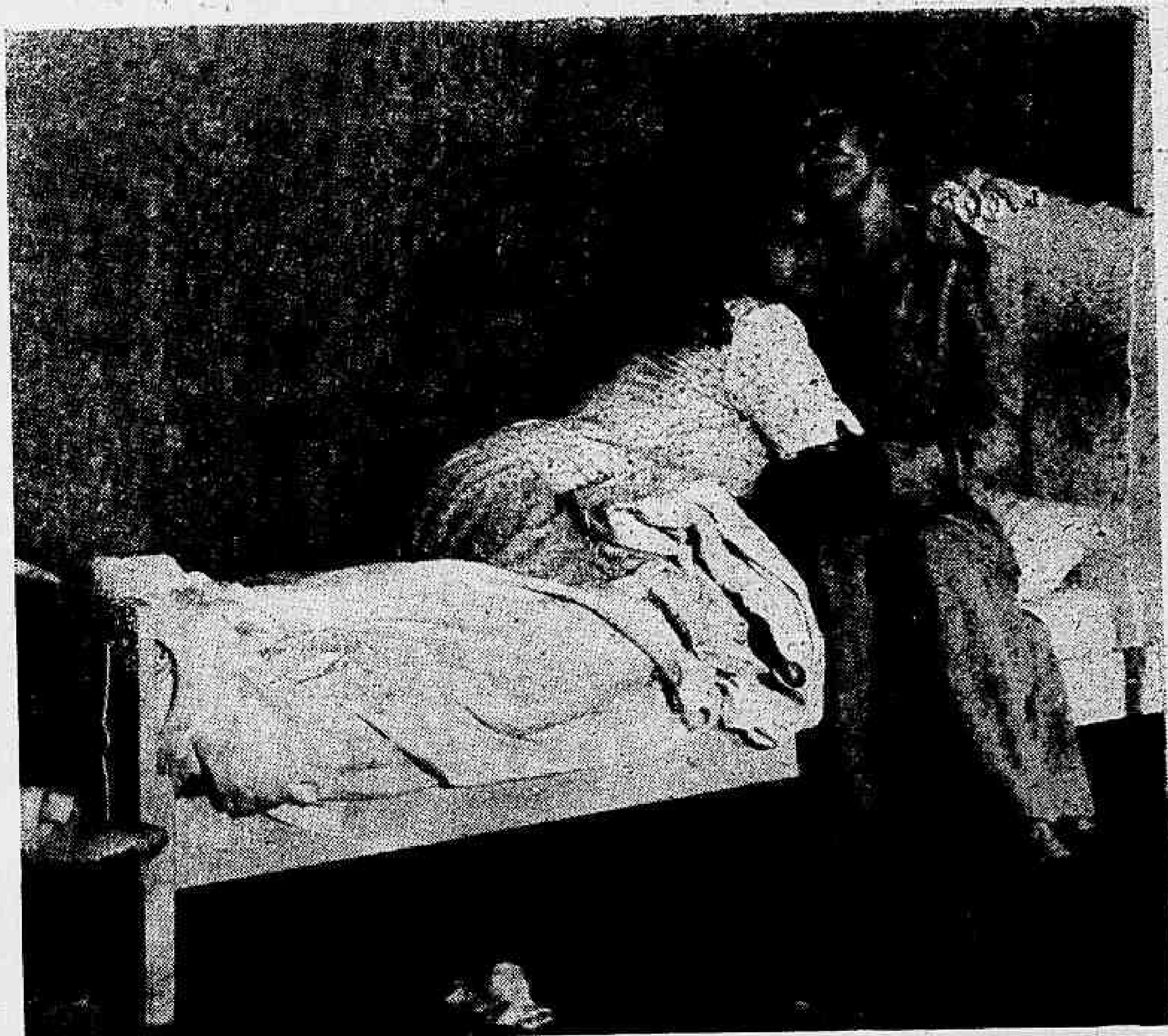
"ROSAS BRANCAS"



"PRINCESA DOS POMBOS"



1 Teresa (Eva Tudor), filha única e muito mimada do sr. Miranda (Afonso Stuart) e de sua espôsa Florença(Elza Gomes), ainda está dormindo, apesar de o sol já estar alto e invadir, luminoso, seu quarto. Nota-se no mesmo a desarrumação própria de uma moça que ainda vai para o colégio. Livros espalhados por todo canto, cadernos, diccionários e fôlhas sôltas. A empregada Maria (Pola Leste) acorda Teresa. Esta, para não ser obrigada a ir ao colégio, pois não havia estudado a lição de latim, finge-se em estado febril, alarmando os pais. À pressa é chamado o médico.



2 O dr. Carlos (André Villon), ficando a sós com a doente, a pedido desta, é pôsto a par de tôda a trama urdida pela menina. Por não querer comparecer às aulas, a moça inventou a febre. Só estando doente os pais a deixariam ficar em casa. Para provar a febre, mergulha o termômetro no leite quente lhe haviam trazido. Agora pede ao médico que sustente a sua mentira, apesar de êle dizer que sempre foi um aluno exemplar e que não se prestaria para semelhante ação. Afinal o dr. Carlos deixa-se convencer e promete voltar no dia seguinte.

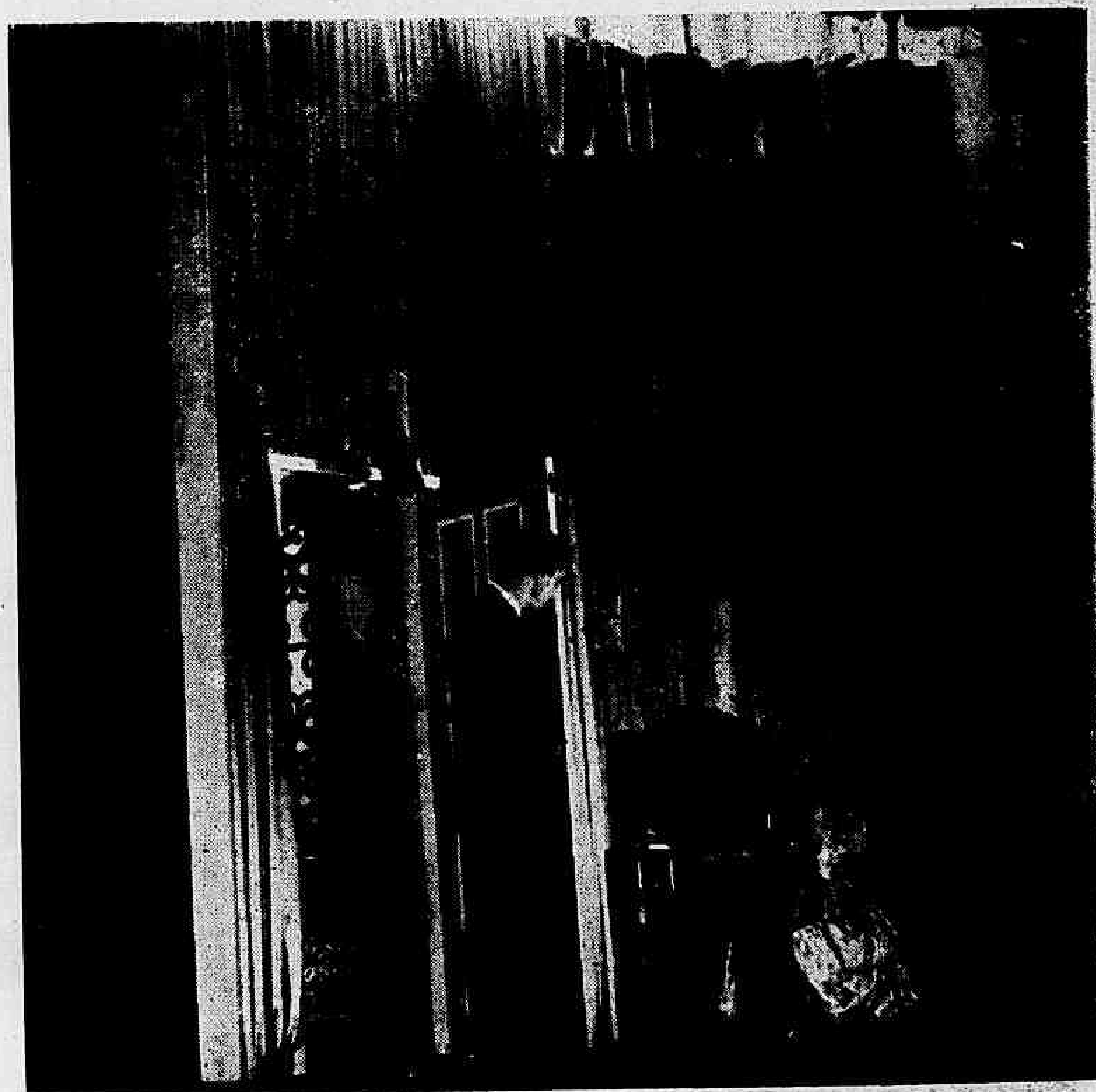
AI, TEREZA!

ORIGINAL DE BEKEFFI — ADAPTAÇÃO DE LUIS IGLESIAS EM OITO QUADROS

Texto de SABINO CANALINI



3 Daquele fortuito conhecimento nasceu um verdadeiro amor entre o médico e a pseudo-doente. Casaram-se e após um mês de lua de mel são esperados, em sua nova residência, pelos pais de Teresa e por Oscar (Alberto Perez), amigo íntimo de Carlos e advogado. A chegada é festejada entre lágrimas de satisfação e saudade. Conseguindo ficar a sós com a mãe, Teresa pergunta-lhe como deverá encher o tempo, agora que é uma mulher casada. Fica triste ao saber que uma senhora casada e rica pouco tem a fazer. Sente saudade do tempo de colégio. Alegra-se, porém, com a visita de Carlota (Iris Delmar).



4 Após transcorrerem algumas horas juntos, saem os pais de Teresa, acompanhados de Oscar. Ainda sob a impressão da visita da amiga, Teresa lembra seus tempos de aula, e o marido, para vê-la mais alegre, manda que se vista de "soirée", pois irão os dois a uma "boite". Satisfeitíssima, corre a moça a se aprontar, e Carlos antes de trocar de roupa telefona para a clínica, perguntando pelo estado de um doente. Será necessária uma intervenção cirúrgica urgente. Desiste portanto de ir à "boite". Teresa resigna-se, apesar de compreender que para ser espôsa de um médico precisa sacrificar-se.



5 Um pouco desapontada, Teresa volta a pensar no colégio, na visita de Carlota e na promessa que lhe havia feito de continuar a lhe comprar os livros novos, como fazia outrora. Isso lhe dá uma idéia. Telefona para a amiga e com insistência pede-lhe para ir até a casa de seus pais. Dizendo que recebeu de presente todos os pertences desta, mas no mais absoluto segrêdo. Se fizer isso, poderá contar com o auxílio monetário de Teresa; de outra forma não. Quanto a esta, decidiu voltar ao colégio, apesar de casada.



6 No gabinete da diretora do colégio (Judith Vargas), o "professorzinho" Venâncio (Armando Braga) está se queixando do comportamento de duas de suas alunas: Carlota e Teresa. A primeira pelas traquinadas e pelo comércio que estabelece com as outras alunas até com sanduíches que traz de casa para vender. A segunda por chegar sempre atrasada e nunca saber a lição de latim. A diretora repreende-as e se retira enquanto o professor toma a lição de Teresa. A diretora, por haver visto Teresa num cinema abraçada com um homem, não sabendo que é o marido, aplica-lhe como castigo um dever para escrever.



7 Em casa ninguém suspeita de nada, a não ser Maria que é cúmplice da patroa. Os outros desconfiam de alguma coisa, pois a atitude de Teresa às vêzes é inexplicável. Passam a examinar os "sintomas" da doença e chegam à conclusão de que ela está esperando um bebê. Alegram-se todos e Teresa termina por concordar, e conta levar partido da situação. Como primeiro desejo expressa a vontade de ficar sòzinha durante alguns instantes. Retiram-se os parentes para a varanda. Teresa escreve o seu dever escolar e telefona para um explicador de latim, segundo sugestão do professor Venâncio.



8 E' surpreendida pelo marido e esconde debaixo de chave o caderno em q escrevia. Carlos pede-lhe explicações. Ela responde confusa, aumentando m ainda as suspeitas do marido. Ela terá que sair sem que ninguém o saiba pa se encontrar com o explicador e inventa visita à costureira. Mais eis que chega encomenda da mesma. Quer desculpar-se por não haver ido ao cabeleireiro de manh Carlos pelo telefone tem a confirmação de que tôdas as desculpas que a espôsa lh deu são falsas. Pede ao amigo Oscar para tratar do seu desquite. Enquanto is Teresa havia saído.



9 Fôra encontrar-se com o explicador de latim num gabinete reservado de um bar. Escolhera êsse lugar, nada próprio, para fugir à curiosidade dos seus e não ser obrigada a revelar o segrêdo. Paulo (Artur Costa Filho), o rapaz indicado pelo professor de latim para dar-lhe aulas particulares, é chocado pela elegância de Teresa, que êle supõe solteira. E o perfume que ela sua embriaga-o. Sempre fôra um aluno correto mas agora se sente enamorado. A lição de latim não prossegue. Teresa decide ir embora e deixa que Paulo lhe beije a mão. Inesperadamente chega a diretora do colégio.

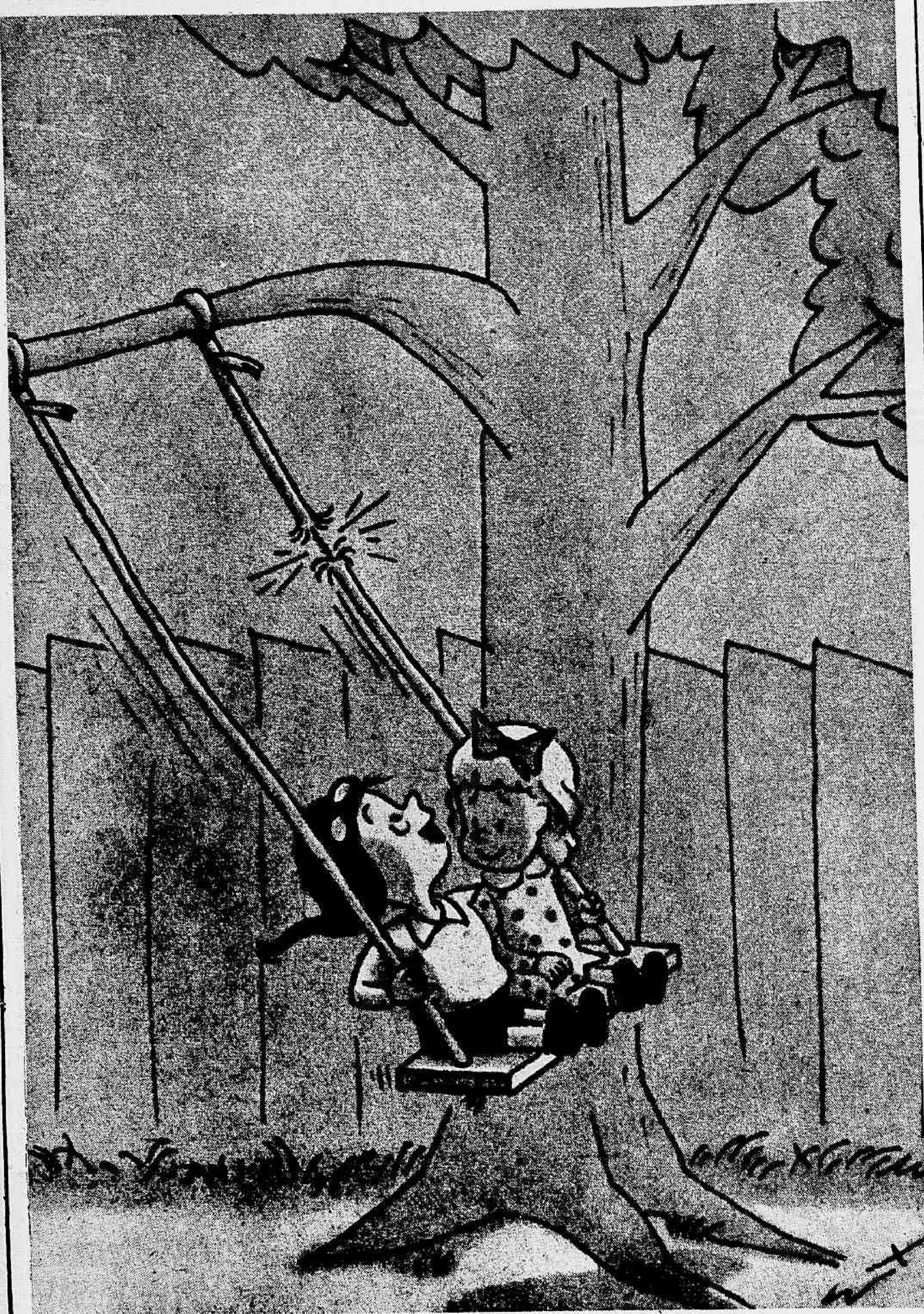


10 O escândalo foi enorme. A diretora, para zelar pelo bom nome do colégio e pela moral das outras alunas, chama ao seu gabinete Teresa, Paulo, o professor Venâncio e o próprio Carlos, que aparecia nas fichas como tutor de Teresa. Carlos, quando descobre a espôsa em trajes de aluna de colégio, não pode conter o riso, pois compreende logo qual era o segrêdo que ela queria guardar com tanto carinho, e resolve brincar um pouco à custa da diretora e do professor, que se revoltam diante das atitudes tomadas pelos dois, demonstrando a existência da maior intimidade entre ambos.

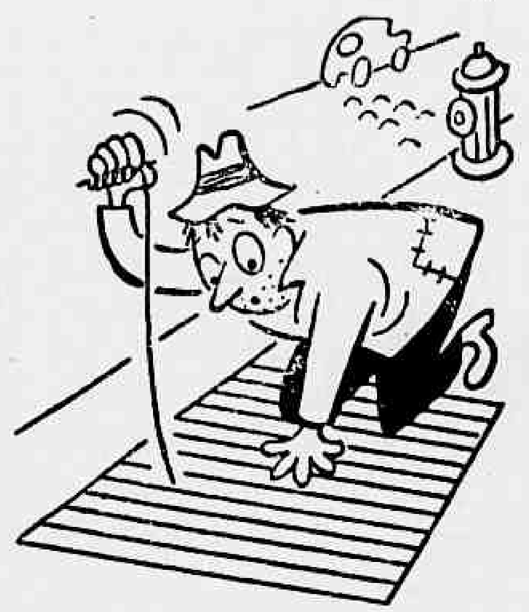


11 Não querendo mais delongar a farsa, Carlos e Teresa resolvem contar a verdade sôbre tôda aquela intriga. Na realidade Teresa é a espôsa de Carlos e sem que êste soubesse matriculara-se naquele colégio para estar perto da inseparável amiga Carlota e continuar a ter na vida uma finalidade, um motivo de preocupação. Devido à profissão do marido e à sua posição social, a vida corria-lhe monòtonamente. Pensara naquele estratagema, mas sem maldade nenhuma. Estava disposta a voltar para casa e nunca mais sair, pois agora teria o motivo para se preocupar: esperava bebê.

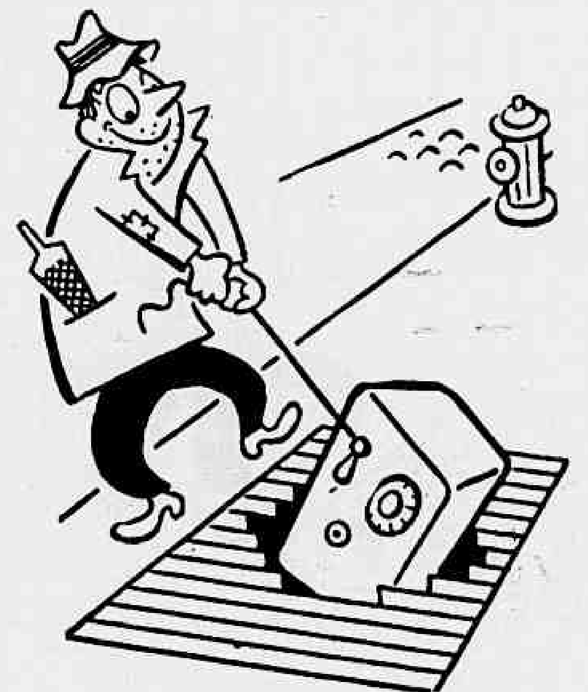
BOM HUMOR

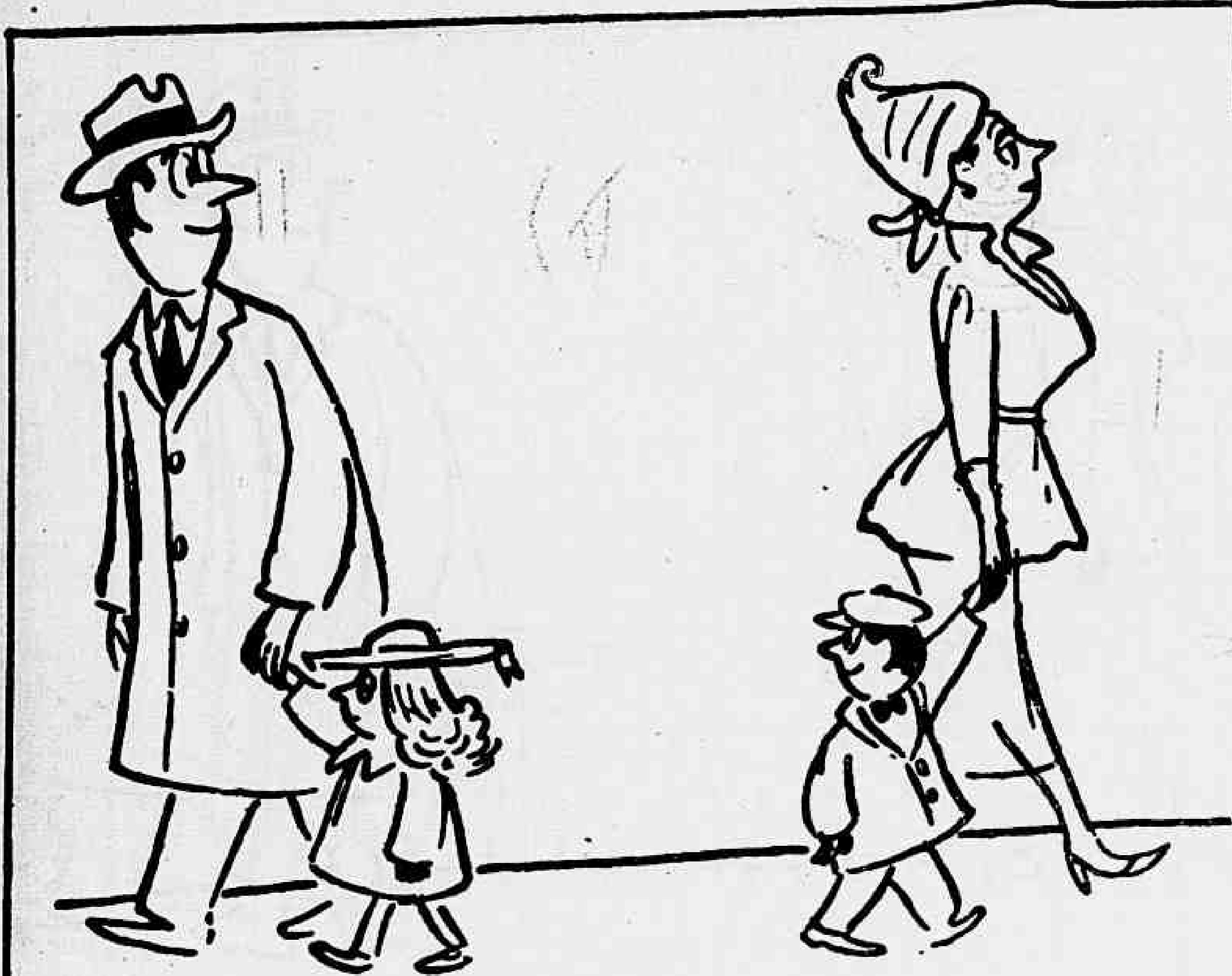


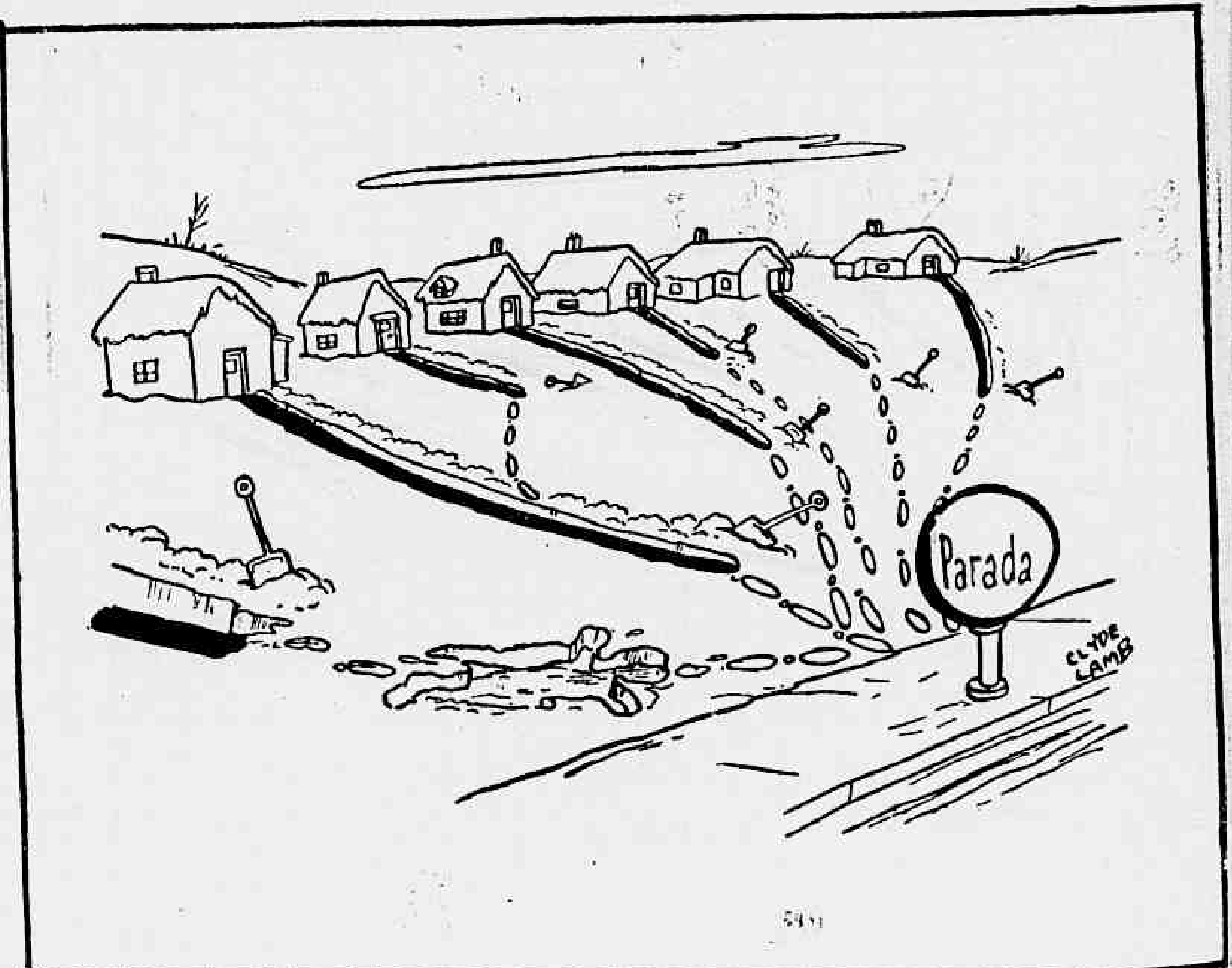
— Alô, alô, pilôto de provas! Preparar para aterrissagem forçada...









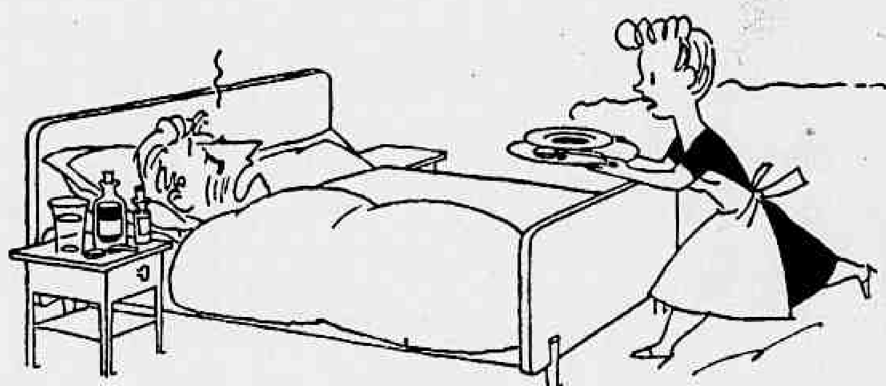




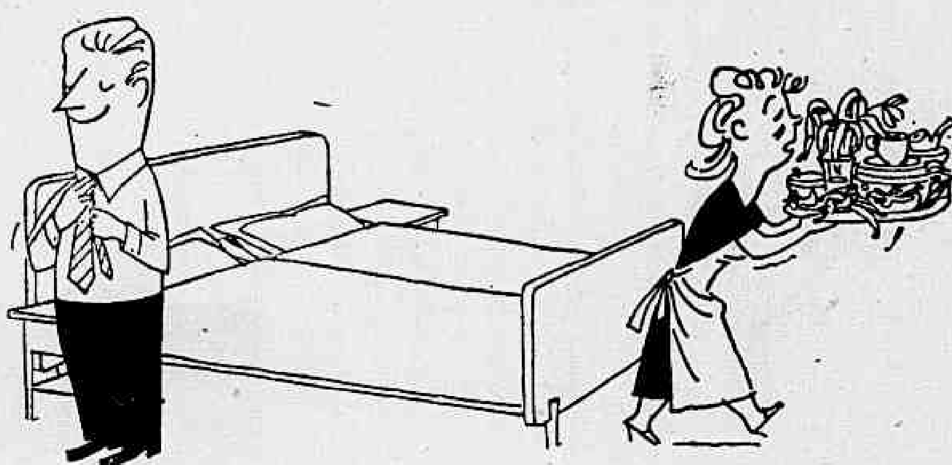
— Não se incomode, «seu» Zacarias, esteja à vontade...

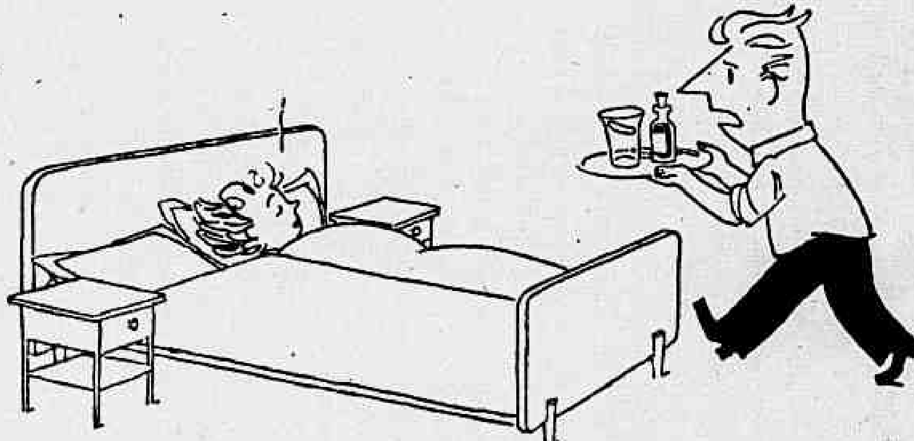


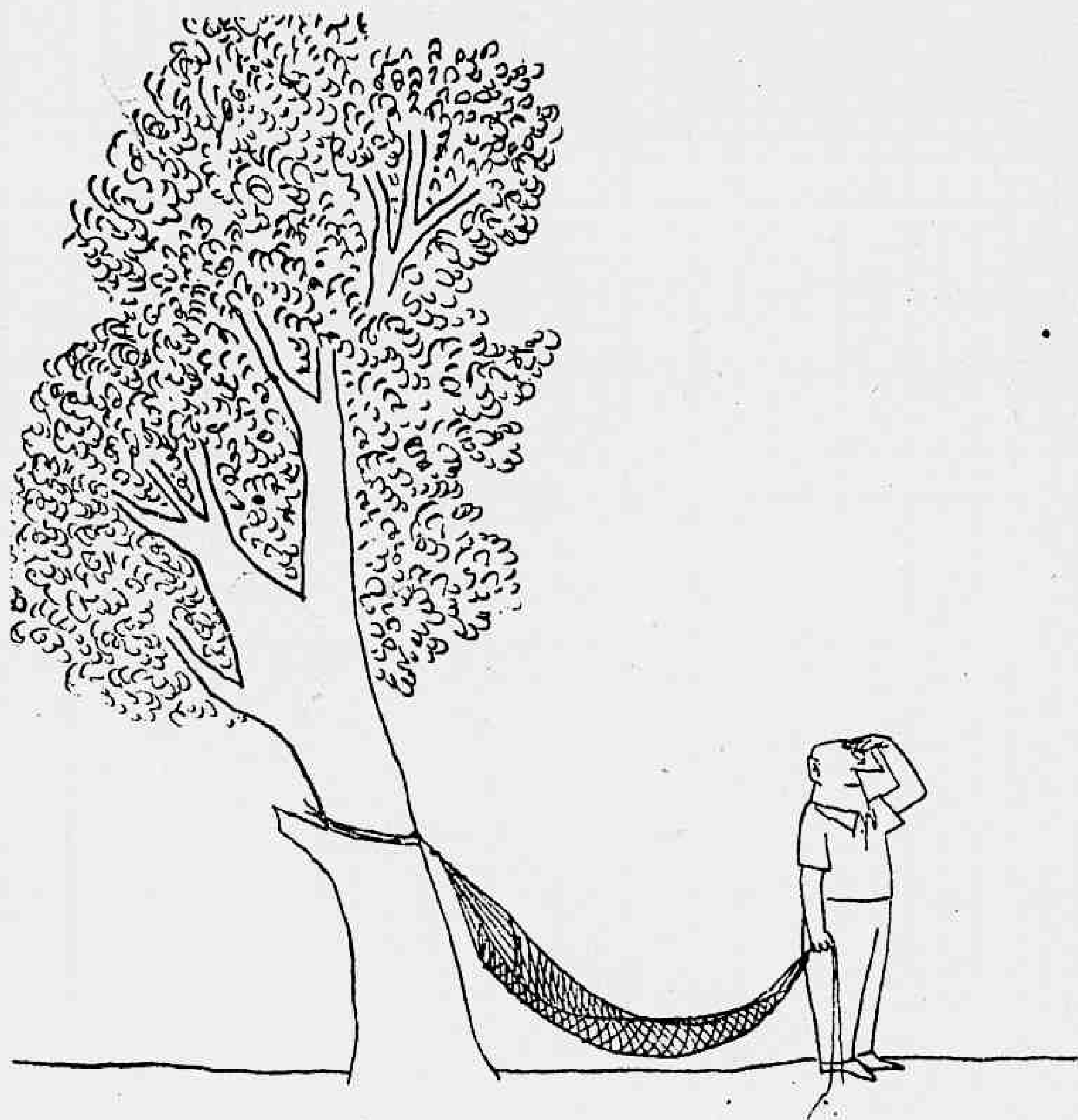
— O Benedito é muito rebelde, nem o médico mandando, êle fica na cama...





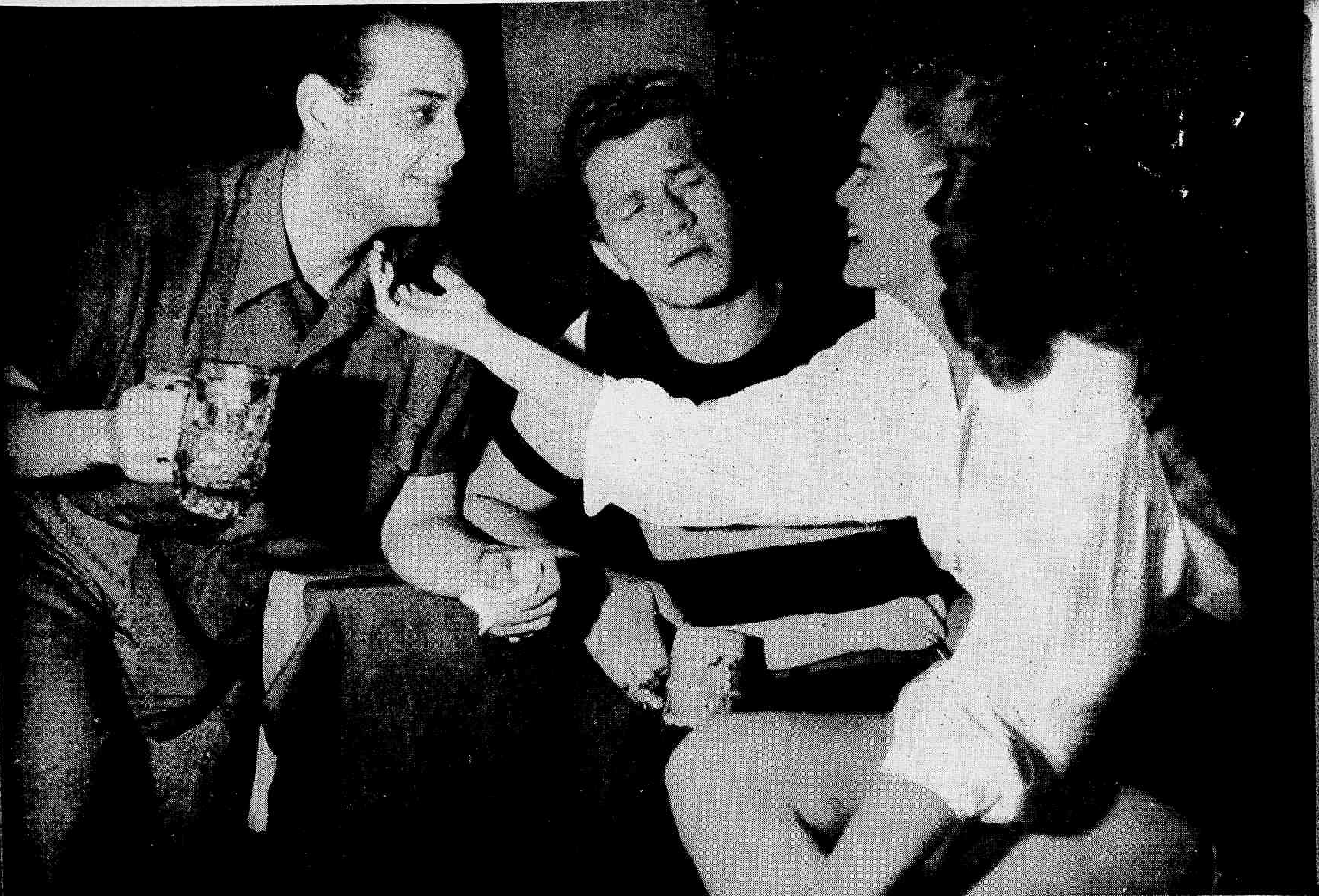








— Mas, querida, nem sempre as expressões do rosto traduzem os pensamentos...



1 Paulo Maurício aproximou-se de Katty e Jardel Filho. Os dois já estavam flirtando. A pequena reconheceu o intérprete de «Castro Alves» e convidou-o: «Deixa êsse bobo e vem dar uma voltinha»

NO AMOR, COMO NA GUERRA, VALE TUDO

DOIS GALÃS EM LUTA CORPORAL QUANDO O CIUME VENCE A RAZÃO COMO SE ACABA COM UM BAILE NEM A RADIO-PATRULHA RESOLVEU A PARADA

Texto de MAX GOLD

O Baile dos Artistas, famoso baile da temporada de Carnaval, realizado nos salões do Hotel Glória no "sábado magro", foi êste ano famoso por diversas outras razões, que não foram rigorosamente de ordem social.

Embora tenha sido nêle que foi apresentada pela primeira vez a então recém-eleita "Rainha do Carnaval": Elvira Pagã, o que fêz êste baile famoso mesmo, tendo o seu sucesso repercutido longa e largamente, foram as inúmeras brigas havidas nos salões de festa e em todos os recantos franqueados ao público. Tal foi o número e a violência das brigas que a festa terminou mais cedo. Foi nesse baile, poderíamos dizer, que foi inaugurada a temporada pugilística do ano e foi nêle que a Delegacia de Costumes e Diversões mostrou a sua ineficiência e a pre-



2 «Que negócio é êsse, querendo bancar o «bonitão» com minha pequena?



3 Não tente fugir agora. Levante-se e venha apanhar mais ainda...



4 O galã de «Castro Alves» mostra o que lhe ensinaram no cinema.



5 Fale grosso agora se tiver fôlego... Mostre do que é capaz...



6 «Muitas vêzes o que resolve uma situação difícil é o pé na cara...



7 Agora chegou a minha vez e vou arrebentá-lo todo. Prepare-se»...

cariedade de seus recursos para manter a ordem e harmonia nos locais de diversão.

Bem grande foi o número de pessoas que nada tinham a ver com as brigas e que no entanto foram profusamente esbordoadas pelos mantenedores da ordem.

Apesar da nutrida vigilância, elementos tidos e havidos como desordeiros e a quem a polícia bem conhece como a "turma que vem para acabar com o baile", "grangestes" que são, terror de Copacabana por suas inúmeras desordens dentro e fora das "boites" elegantes daquele bairro, não tiveram nenhuma dificuldade para entrar na festa e o resultado era visto em pouco tempo. Verdadeiras caçadas dentro dos salões, valentões procurando seus rivais para fazer exibição diante de uma eleita eventual.

COMENTÁRIO RADIOFÔNICO

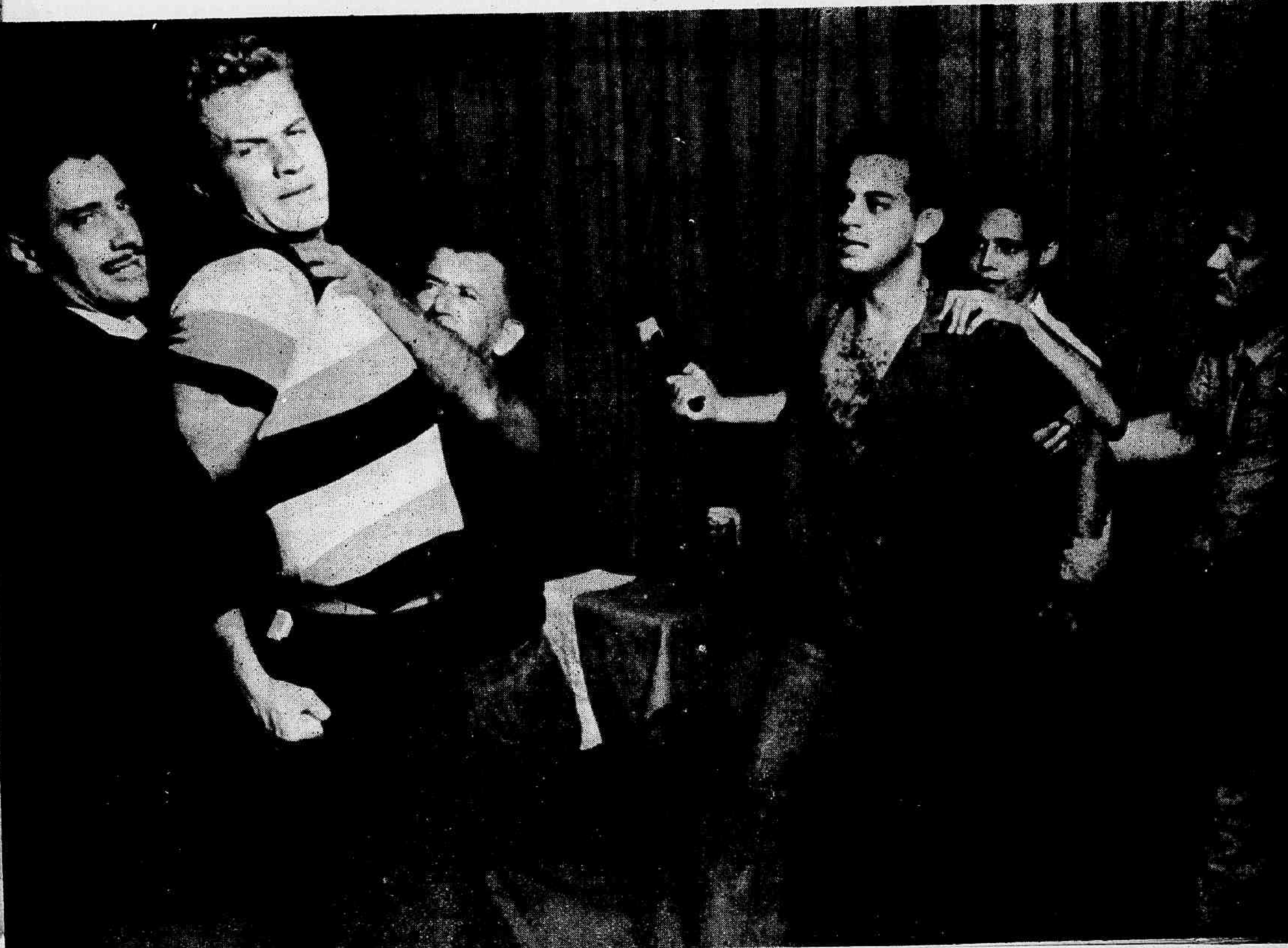
"Embora o Carnaval já vá um pouco longe, só agora resolvemos revelar uma das maiores brigas havidas no baile dos Artistas, e que talvez tenha sido o rastilho que ateou fogo àquele paiol, provocando as cenas lamentáveis de que foram testemunhas todos os que ali compareceram.

A nossa demora em trazer à público êstes fatos, deve-se ao nosso natural escrúpulo, tratando-se de pessoa de certa projeção nos círculos artísticos desta capital e também conhecidas nos Estados. Mas, como a missão da imprensa é divulgar os fatos que lhe chegam ao conhecimento, vamos relatar o que ocorreu.

Os personagens são: Jardel Jércolis Filho, conhecido artista de teatro, atleta do Botafogo de Futebol e Regatas e que já atuou também no cinema nacional, e Paulo Maurício, que se tornou largamente conhecido, por ter sido escolhido por Leitão de Barros para interpretar o papel de Castro Alves na película luso-brasileira "Vendaval Maravilhoso de uma Vida".

(Cont. na pág. 52)

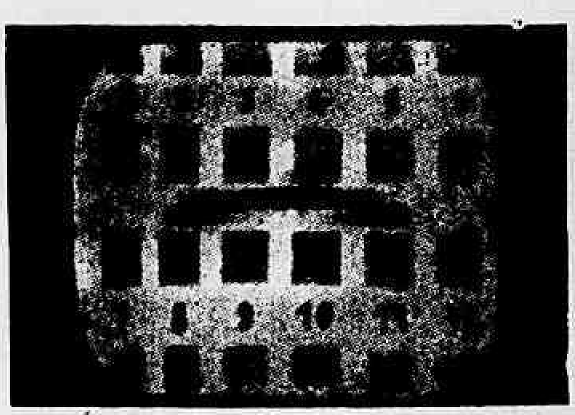
8 A polícia não pôde conter os dois brigões; foram necessários reforços e nessa altura nunca falta a «turma» do «deixa disso». Apesar de seguros com fôrça, ainda estão se olhando com rancor.





DUAS CAMARAS para um só assunto. A preparação de um programa de televisão exige meios técnicos que se assemelham aos do cinema, do teatro e do rádio. Uma câmera para cenas de conjunto, outra funcionando em «travelling» para cenas de movimento. Com êsse sistema é possível mostrar ao telespectador cenas simultâneas diferentes, no mesmo visor

A TELEVISÃO NA FRANÇA



DOIS TIPOS DIFERENTES DE TELEVISÃO EM LUTA PELA SUPREMACIA ★ GRANDE DESCONTENTAMENTO INTERNO E EMBARAÇOS NO ESTRANGEIRO

Reportagem de CLAUDE DUFRESNE



O ICONOSCÓPIO, elemento técnico, base da televisão. Serve para os receptores de 819 linhas. Em cima: quando êsses números aparecem nítidos, começa a retransmissão nos estúdios

A televisão francesa entra hoje na fase decisiva de sua jovem história. Segundo ela passe a contar com o apoio das autoridades administrativas e financeiras do país, ou seja abandonada à sua própria sorte, será chamada para ter um destino prodigioso, ou então, marcará passo. Depois que se meteu nos negócios, o ministro das Informações, sr. François Mitterand, impôs-se, como primeiro trabalho, o de permitir à França de explorar os maravilhosos instrumentos que seus sábios e seus técnicos lhe haviam dado como presente. Levantando o estandarte da televisão de 819 linhas, Mitterand levou, de um só golpe, a técnica francesa muito acima de tôdas as técnicas estrangeiras. Ao mesmo tempo, a iniciativa do ministro, tomada de pleno acôrdo com Wladimir Porché, abria largas perspectivas à exploração. Todavia, os dois se chocam com uma série de obstáculos, tanto no plano nacional como no internacional, que êles deverão vencer. No cenário francês, contam-se, entre os adversários, Ory, diretor da Televisão Francesa, e Barthélemy, pai do aparelho de 1.029 linhas, que defende com tôdas as fôrças a sua criação. São as peripécias dessa luta que exporemos objetivamente.

A TÉCNICA FRANCESA E AS ESTRANGEIRAS

A França prepara a mais notável instalação de televisão do mundo. Os últimos aparelhos saídos dos laboratórios franceses permitem um registro e uma projeção de qualidade quase duas vêzes superior à dos aparelhos estrangeiros. De tôdas as esp

tais do mundo chegam propostas à televisão francesa, e as próprias fábricas americanas perturbam-se com o progresso de nossa indústria. Assim mesmo, após três anos de funcionamento da rede de televisão francesa, ainda estamos no período de experiência.

O francês da classe média considera a televisão uma curiosidade de preço alto demais para a sua bolsa. As grandes fábricas francesas especializadas, que poderiam produzir vários milhares de postos de transmissão, todos os mêses, não fabricam mais que vinte e cinco por semana. A França conta atualmente com cêrca de 8.000 postos de recepção. Durante o mesmo período, os Estados Unidos poderão contar, no fim do ano, com dois milhões de postos. E a televisão inglêsa, que conta com um ano de atraso sôbre a nossa, já possui 100.000 telespectadores assinantes.

Compreende-se fàcilmente que uma tal subida vertiginosa da televisão no mundo inteiro é acompanhada pelo aparecimento de interêsses de vulto. O mundo das finanças apresenta os sintomas de uma próxima batalha. Ainda há três anos atrás, a televisão era pràticamente desconhecida dos meios bancários, enquanto hoje ela constitui uma de suas preocupações maiores. Nos Estados Unidos, segundo as cifras de produção, durante o ano passado, figurou como a primeira indústria nacional. Várias centenas de milhões de dólares são investidos em novas fábricas, construídas todos os dias. Os fabricantes de automóveis, com Ford à frente, sonham em «adaptar» parte de seus estabelecimentos em fábricas de aparelhagem para televisão. Na Inglaterra, onde a decisão francesa de adotar um novo aparelho aperfeiçoado provocou, no início, uma certa apreensão, os capitães da indústria da televisão preparam suas armas secretas. Êles haviam, com efeito, investido tais capitais na fabricação que em absoluto não podem adotar um nov modêlo de construção. Os inglêses, portanto, preparam a televisão em côres... para daqui a dez anos. Enquanto isso decidiram explorar suas patentes em circuitos fechados, no interior mesmo de suas fronteiras. Mas na França, a televisão poderá, num futuro bem próximo, provocar o movimento de fundos consideráveis. Os meios financeiros do nosso país acham que dentro dos próximos cinco anos, a televisão ocupará pràticamente, o lugar do rádio. Nessa altura, ela terá exigido o empate de cêrca de trinta bilhões de francos. Assim, todos os organizadores particulares franceses, desde os industriais aos publicitários e às sociedades de autores, desejam fazer parte da futura emprêsa que dirigirá a televisão.

BATALHA DA TELEVISAO

Por que, então, a televisão ainda não tomou êsse impulso vitorioso que seria de se esperar de suas qualidades técnicas e do esfôrço de seus dirigentes?

Para responder a essa pergunta é indispensável levantar o véu que esconde aquela que se pode chamar de batalha da televisão. Impõe-se uma explicação prévia. Depois do término da guerra, procurando uma imagem de nitidez cada vez maior, os construtores franceses acabaram por entrar em concorrência. Todos trabalhando para o mesmo fim: impôr a televisão francesa ao mundo. Duas grandes companhias: Rádio-Indústria, dirigida por M. de France, e a Companhia «des Compteurs», que conta com a colaboração de Barthélemy, chegaram, no fim do ano, cada uma por sua conta, a fabricar um aparelho quase perfeito que, apesar de tudo, ultrapassava de longe os mais perfeitos aparelhos americanos. O aparelho da Rádio-Indústria funciona com uma definição de 819 linhas, enquanto que o da Compagnie des Compteurs funciona com 1.029 linhas. Cada linha representa uma parte da imagem televisada. Mas o aparelho da Compagnie des Compteurs nunca havia funcionado com um sistema de alta-freqüência, quando aquêle da Rádio-Indústria estava prestes a ser difundido entre os compradores. Eis a razão pela qual um decreto do mês de novembro de 1948 decidia que a nova televisão francesa funcionasse com um «standard» de 819 linhas. Essa iniciativa tinha a vantagem de dar imediatamente à técnica francesa um considerável «handicap» sôbre as técnicas estrangeiras. Por outro lado, não protegia apenas a Rádio-Indústria à custa das outras companhias, já que tôdas as fábricas em França têm o direito de produzir aparelhos de 819 linhas. Barthélemy, entretanto, foi designado pelo govêrno francês para uma importante missão de propaganda no estrangeiro, que êle cumpriu admiràvelmente. A decisão de adotar o 819 provocou, todavia, no mundo da televisão, descontentamento. Os construtores que haviam acumulado, durante alguns anos, estoques de antigos aparelhos, receiavam as conseqüências do plano governamental. Mitterand, porém, para acalmar suas legítimas apreensões, decidia que as transmissões com o antigo tipo, continuassem ainda por cinco anos.

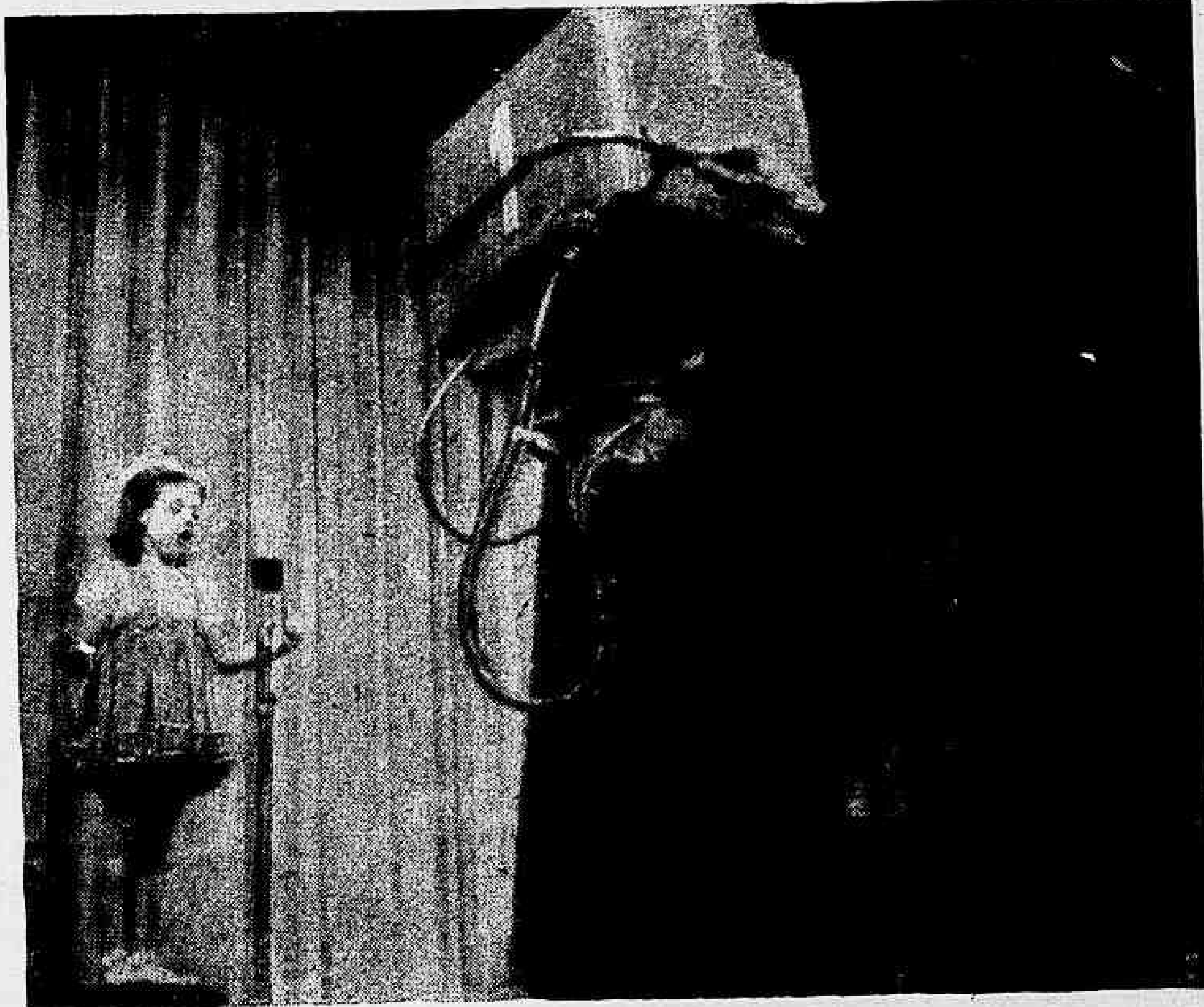
Os responsáveis pela televisão francesa perguntavam-se, por outro lado, onde poderiam achar o bilhão necesário ao lançamento do plano. Cogitava-se, em especial modo, de equipar com o novo aparelho, três estações transmissoras, em Paris, Lille e Lyon, que deveriam permitir a cobertura de mais da metade da França.

Mas naquele momento, e apesar de todos os esforços de Mitterand, que deve ser considerado como o grande ministro da televisão francesa, não haviam disponíveis, no orçamento, mais que oitenta milhões de francos por ano. Isso no mesmo instante em que a televisão inglêsa dispunha de um bilhão por ano e a dos Estados Unidos não hesitava em gastar dez mil dólares por uma única emissão.

Apesar dos pesares, e vencendo as dificuldades de tôda ordem, a adaptação da parte superior da tôrre Eiffel para a televisão foi iniciada e levada a têrmo, funcionando agora normalmente.

CONCORRÊNCIA

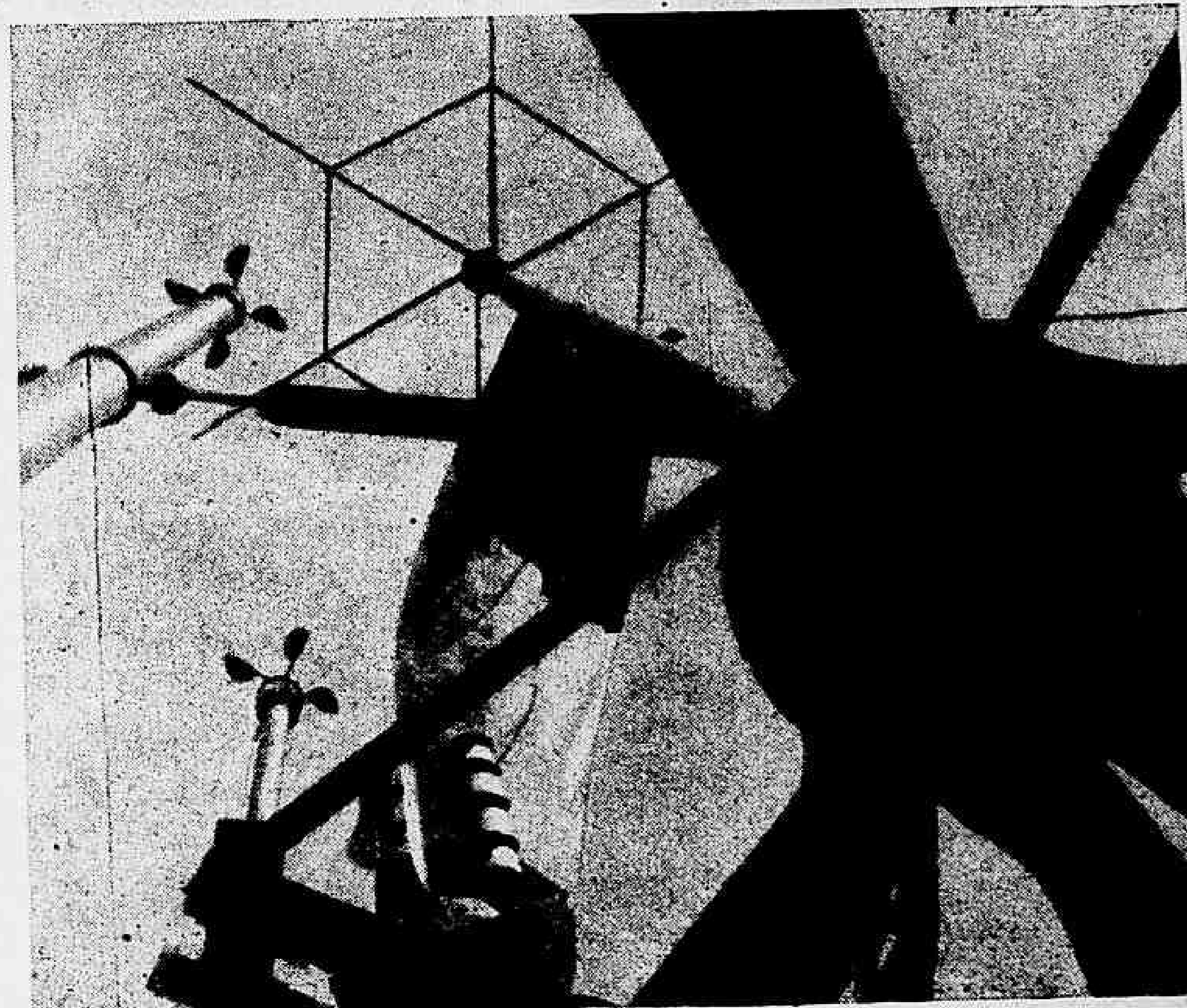
A televisão francesa dispõe, atualmente, de um pessoal de apenas cem agentes. A sede está localizada num imóvel que, após cinco anos, ainda está em construção. Se põe no ar vinte e uma horas de programas hebdomadários, ainda está muito longe das vinte horas quotidianas da América do Norte. O estado de estacionamento daquela época deixava prever que não se poderia esperar algum progresso apreciável durante o ano seguinte: A situação complicou-se mais ainda devido à repercussão internacional. O govêrno, não havendo ob-



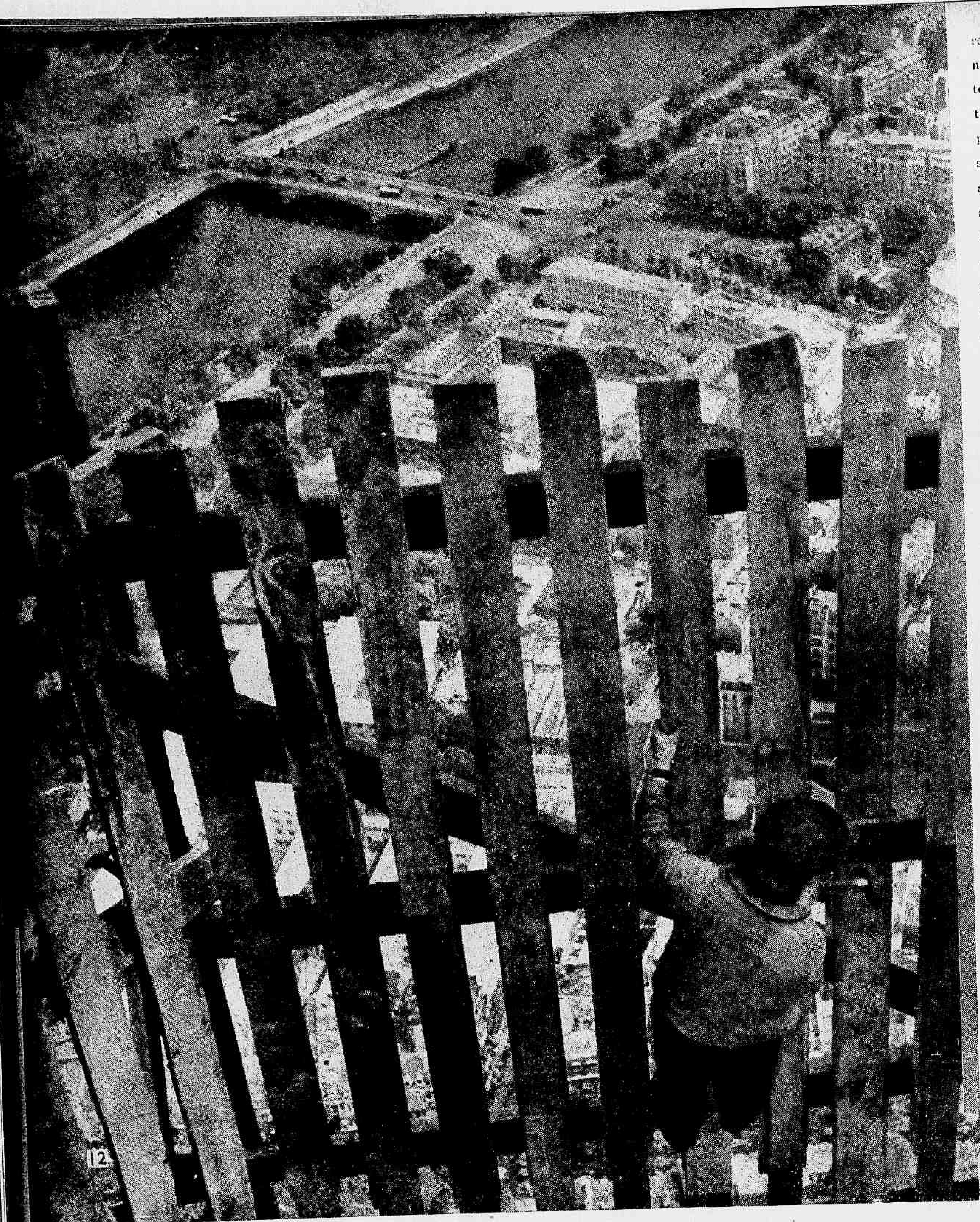
O PRIMEIRO plano constitui a imagem-tipo, já que a pequena tela permite cenas de profundidade. Para conseguir televisar o operador deve ser carregado com tôda a aparelhagem.



EIS O ÚLTIMO tipo de câmara para televisão, que permite imagens iguais às do cinema. O operador deve ser técnico de som, de cinema, música, pintura e ter boa cultura.



A TÔRRE EIFFEL serviu às primeiras experiências de T.S.F. do general Ferrié. Hoje, na sua última plataforma foi levantada uma antena apropriada às transmissões de imagens



DECIDIDO o aproveitamento da tôrre Eiffel, cercou-se de madeira a última plataforma e iniciou-se a instalação da antena. O alcance dessa emissora e mais as de Lille e Lyon cobrirá metade do território da França. Em breve a Europa será ligada em todos os sentidos.

tido do Parlamento os créditos necessários à exploração do novo aparelho, tentou reunir o capital vendendo as instalações francesas a vários países estrangeiros. Foi então que se chocou com uma organização internacional formidável: a Philips. A Philips explora há muito tempo um aparelho de qualidade inferior ao francês, mas que beneficia de uma campanha de publicidade sem precedentes. Logo que os engenheiros franceses partiram, no mais completo segrêdo, para a Bélgica, com o desejo de fazer adotar o tipo francês pelos construtores belgas, a Philips começou a exercer sôbre as companhias de televisão belgas, dentro das quais possui interêsses, uma pressão que bloqueou todos os esforços dos propagandistas franceses. Ao mesmo tempo, a Philips desencadeava uma campanha através da imprensa internacional, obedecendo ao tema seguinte: «Por que a França, que possui um aparelho que funciona com 1.029 linhas, decidiu adotar outro de qualidade inferior? Isso indica que a televisão francesa não é tão perfeita como dizem». Essa campanha teve como primeiro resultado paralisar as tentativas com as companhias suíças que queriam comprar os aparelhos franceses. Imediatamente os dirigentes de nossa televisão contraatacaram em outro terreno: a Itália. No princípio, a televisão italiana, que é sustentada pelos capitais provenientes dos Estados Unidos, mostrou-se reticente, mas após uma hábil manobra efetuada nos meios do Vaticano, levaram-se as próprias autoridades eclesiásticas a olhar com mais benevolência para a televisão francesa. Pode-se esperar que a televisão italiana tomará a resolução de adotar finalmente o sistema francês. Após haver feito várias demonstrações com os aparelhos de 819 linhas, os franceses montaram para o Ano Santo uma completa transmissora de televisão no Vaticano.

Entretanto, os recursos financeiros com os quais contava o govêrno francês, não foram conseguidos. Por causa disso Mitterand teve que retomar as negociações com as organizações particulares mantidas durante um ano inteiro e várias vêzes interrompidas. Essas organizações agrupam não sòmente construtores de aparelhos de televisão, mas também vários bancos que têm fé no futuro da indústria francesa. O ponto de maior atrito entre o Estado e êsses organismos, está na distribuição de ações. O Estado, para conservar intacto o seu monopólio, sugeriu ficar com 51% das ações da futura sociedade mista. Mas os representantes da indústria particular responderam que êles deveriam investir imediatamente cêrca de dez bilhões de francos para reorganizar a televisão e que um tal adiantamento deveria ser garantido não apenas por promessas. O Ministério das Informações estuda portanto as diferentes hipóteses, registrando também os protestos dos funcionários seja do rádio como da televisão francesa, que temem perder seus lugares no dia em que o contrôle do Estado não mais garantir a situação deles. Os diferentes sindicatos reunidos no seio da televisão emitiram um veto de princípio contra qualquer iniciativa do govêrno suscetível de mudar os estatutos da televisão. O Ministério das Informações poderia encarar um compromisso que criaria um alto comissariado na televisão debaixo da direção de Wladimir Porché e podendo receber fundos particulares. Restaria saber se os eventuais concessionários aceitariam êsse sistema. Enquanto isso, os diferentes fabricantes pararam pràticamente suas produções. A direção da televisão, na espera dos acontecimentos, nem mesmo se fêz entregar os vários aparelhos que havia encomendado à Compagnie des Compteurs e à Rádio-Indústria. Mas com o passar do tempo, tudo ficou acertado da melhor maneira, e já agora a indústria da televisão francesa está novamente produzindo e se impondo não sòmente na França como em vários países estrangeiros. E graças à boa vontade e às inteligentes iniciativas dos realizadores franceses, os programas de televisão são acompanhados por um público cada vez mais interessado que espera com impaciência a fabricação em série, e portanto acessível a todos, dessa indústria de amanhã.



PARA TRANSMITIR programas da rua, serve-se a televisão dêsse caminhão, verdadeiro laboratório ambulante, e cuja antena situada sôbre o teto deve ser orientada segundo o eixo daquela tôrre.

Nicodemus COLOCA-SE A SI PROPRIO ENTRE

A CRUZ E A CALDEIRINHA...

SE TODOS OS MEUS
PECADOS FOSSEM
PERDOADOS,
SE PUDESSE, POR
UMA GRAÇA DIVINA,
ESCOLHER ENTRE
O CÉU E O INFERNO
DESTA TERRA, ENTRE
A FELICIDADE DO
ALÉM E O LÔDO
EM QUE
MERGULHADOS
VEGETAMOS ...



... A VOZ DA CONSCIENCIA
DESFILARIA EM MINHAS ORELHAS
O ROSARIO DOS DISSABORES,
DAS LUTAS, DOS DESENGANOS,
DAS GOTAS DO SUOR DA
AMARGURA QUE A
VIDA TERRENA REPRESENTA ...
AH, EU ESQUECERIA TODOS
OS PRAZERES FÚTEIS E
MESMO QUE DISSESSEM
QUE UMA MULHER,
NAQUELE MOMENTO
PRECISO, ME ESPERAVA,
BRAÇOS NÚS,
TENTANDO-ME,
LABIOS
ENTREABERTOS
EM SUSSURROS
DÓCEIS ...

EU GRITARIA,
EM PLENOS
PULMÕES,
DE CORAÇÃO :

CÉU, VEM A MIM !

... **MAS**, UM MOMENTO :
ELA
E' LOURA
OU MORENA ?

A FLOR DA SAMAMBAIA

Conto de **MARIA LETICIA**
Ilust. de **OSWALDO DA CUNHA**



PERCY parou, olhando, desanimado, a íngreme e grande ladeira coberta de terra molhada, que, ainda, teria de galgar. Sentia-se exausto; o coração martelava-lhe o peito, descompassadamente, parecendo querer rebentá-lo. Contudo, não queria, não podia mesmo desistir. Lá em cima, no alto do morro, ficava o barracão de pai Mateus. Precisava alcançá-lo. O máximo que poderia fazer, era descansar um pouco, antes de reiniciar a árdua caminhada. Avistando uma enorme pedra chata, cobriu-a com um jornal e sentou-se.

— Que coisa ridícula estou fazendo! — pensou. — E' inacreditável que eu, um homem vivido, culto, inteligente, acabasse recorrendo a um macumbeiro, na crença de que êle possa melhorar a minha vida, modificar o meu destino... Entretanto, é só o que me falta tentar.

Realmente, assim era. Aquêle homem, que, num dia úmido e frio, subia um morro do Leblon, à procura de um "arranjo" para a sua existência, havia tentado, antes, todos os meios possíveis para ser feliz. Aos vinte e três anos, jovem e vaidoso, dando demasiada importância à sua posição social, procurara, no mesmo meio, alguém capaz de lhe assegurar dias tranquilos num futuro feliz. Perdendo semanas e meses na escolha da eleita definitiva, por fim, ficou noivo da filha mais moça de um almirante, jovem moderna, bonita, atraente, a quem dedicou, sem reservas, o seu primeiro grande afeto. Cedo, porém, vieram dizer-lhe que a moça não era digna de, um dia, usar o seu nome.

Teimou em não acreditar. As provas, que lhe apresentaram, porém, eram irrefutáveis e êle teve de se curvar à evidência.

Desiludido, rompeu o noivado, pensando em recomeçar a vida. Mas não naquele nível social. A experiência fôra chocante. Enojará-se dêle. Ali havia hipocrisias mascaradas de sinceridade, agora estava certo. Quem sabe se num meio inferior poderia encontrar maior parcela de compreensão, mais sentimento de honra?

Relegando suas tôlas idéias de orgulho de classe, transigindo em seus elevados ideais, Percy procurou, num lar humilde, a jovem que, mais tarde, pretendia tornar sua companheira.

O pai de sua segunda noiva era um português inculto, paupérrimo, indolente e com manias de grandeza. Embora gostando da filha, uma mocinha simpática, de atitudes moderadas, carinhosa e delicada, o moço evitava tôdas as ocasiões de se encontrar com o sr. Manoel. Não podia conter, nem sequer dissimular, a aversão instintiva que aquêle homem lhe inspirava. Quando não conseguia fugir à sua desagradável presença, sentia ímpetos, ou de desfazer tal noivado desigual, ou de se casar, bem depressa, retirando a noiva daquele ambiente insuportável.

À mesa, o futuro sôgro se portava abominàvelmente, contrariando os princípios das boas-maneiras, enquanto dizia piadas grosseiras, anedotas sujas, usando a gíria mais baixa, dando gargalhadas estrondosas, que bem traduziam a sua péssima educação.

Era humilhante para Percy o estranharem seu compromisso com uma jovem de origem tão diferente. Alegava, porém, amá-la bastante, garantindo ser o futuro sôgro um homem "muito bem educado" e honesto.

Não tardou, entretanto, que esta última parte da sua afirmativa se transformasse num ponto duvidoso para êle. De um dia para outro, inexplicàvelmente, "seu" Manoel, que jamais possuíra economias, comprou esplêndida residência mobilada, em Copacabana, um belíssimo automóvel último tipo e um piano de cauda para a filha, que nada entendia de música.

Como única explicação daquele "milagre", dava pancadinhas amistosas no ombro do rapaz, dizendo:

— Tudo isso são negócios, meu genro, negócios...

Desde aí, o adjetivo "honesto" atribuído ao português, fazia-o corar; contudo, já amava, verdadeiramente, a moça e não rompeu o noivado.

Um dia, chegando mais cedo que de costume, encontrou a noiva e um seu primo, portuguêzinho ignorante e presunçoso, beijando-se sob o florido caramanchão da casa.

Com a alma sombria, mais uma vez ferida, retirou-se humilhado, murmurando entre dentes: "O que se assemelha, junta-se".

Conhecia, agora, os dois extremos da sociedade.

Resta a média sociedade. Tudo o que há de melhor vem dela: inteligência, cultura, educação, honestidade, amor, respeito, amizade, compreensão, sinceridade...

Foi aí que Percy tentou, pela terceira vez, encontrar a companheira para encher os seus dias vazios. Entretanto, já não era um rapazinho sentimental e, bastante sensato, procurava uma mulher feita, calma, capaz de lhe dar amizade e não uma mocinha fútil, impetuosa e... infiel. Em vão a procurou. Moças como êle desejava, dos trinta aos trinta e cinco anos, estavam casadas. Não se conformava, porém, em permanecer solteirão. Seus quarenta anos pesavam-lhe; os cabelos embranquecendo entristeciam-no. A ânsia de conquistar um pouquinho de aventura se impunha.

Certa manhã, "siá" Sebastiana, sua cozinheira, falou-lhe em pai Mateus.

— "Êle tem receita infalível para a gente encontrar a felicidade, "seu" moço — afirmava convicta a preta velha.

A princípio, não deu importância àquelas tolices. Seria o cúmulo que acreditasse nelas. Dia veio, entretanto, em que resolveu consultar o velho africano feiticeiro. Encolhendo os ombros, pensou, desdenhosamente: quem, como eu, se rebaixou tanto, escolhendo para noiva a filha de "seu" Manoel, não importa descer um pouco mais, recorrendo a feitiçarias.

★

Resoluto, bateu à porta. De dentro, uma voz rouca, como que vindo de além-túmulo, convidou-o a entrar na cabana.

Sem rodeios, foi dizendo ao feiticeiro:

— Pai Mateus, eu quero a felicidade. Dizem que tens poderes para tanto.

O prêto velho mostrou a bôca desdentada num largo sorriso acolhedor, respondendo:

— "Ocê num qué pouco, meu fio. Quem nesse mundão de Deus Nosso Sinhô num sonha cum a filicidade? Mas prêto véio vai dá um jeito. Ocê num tem im casa algum pé de samambaia?"

Percy pensou um pouco. Nunca se interessara por plantas e por flores, porém, lembrou-se, de súbito, de que "siá" Sebastiana tinha muitos pés de samambaia, plantados em latinhas de banha, circundando sua bonita e bem cuidada horta. Respondeu, então, afirmativamente.

Pai Mateus aconselhou-o:

— "Pois, meu branco, ocê panha uma frô dessa pranta e... pronto."

— Só isso, pai Mateus? — estranhou Percy.

— Só, meu fio; e é tudo.

Agradeceu ao velho, deu-lhe algum di-

(Cont. na pág. 50)

A semente germinou... e deu frutos ★ Sonho transformado em realidade ★ 74 Teatros de Estudantes pelo Brasil ★ A vitória de um fracassado ★ Personagem da Semana ★ De volta à diplomacia

Reportagem de
MARIO CORDEIRO
e
ANTONIO FERNANDO



QUANDO os homens entram numa barbearia, não é a navalha que os amedronta e, sim, a afiadíssima língua do Fígaro, de eloqüência universalmente temida. Entretanto, não raro, surgem assuntos interessantes numa conversa de salão. Há dias, tivemos a oportunidade de estar com Paschoal Carlos Magno, enquanto aguardávamos o momento de nos barbearmos. Do encontro, nasceu a pergunta:

— Então, você está mesmo de malas prontas?

— Estou. Embarco no dia 1º de maio, para a Grécia.

— Em busca do teatro grego?

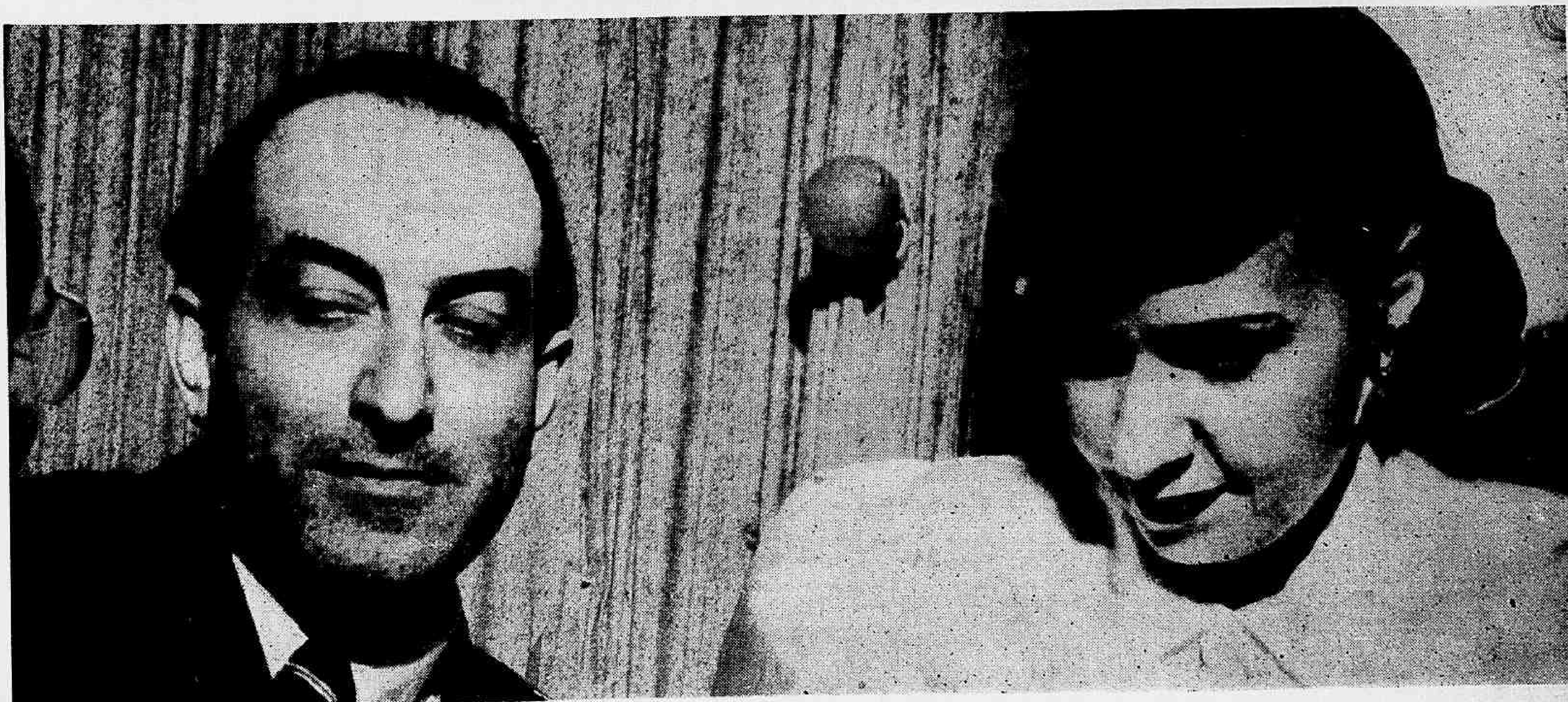
— O teatro grego pertence ao passado. Pode-se encontrá-lo em tôda parte, através dos livros. Isto é, o clássico; o moderno está lá mesmo, mas nem um nem outro me levam à terra de Ésquilo. Volto às atividades diplomáticas. Aliás, creio que seria muito mais útil ao Brasil no setor teatral, continuando a obra em que empenhei tôda a minha vida adulta, do que tomando, na diplomacia, o lugar de tantas vocações brilhantes, definidas. Cada um nasce com um sentido na vida; fundamentalmente, sou um homem de teatro. Fora dêle, não me sinto feliz.

A SEMENTE GERMINOU

A conversa tinha de se encaminhar para o Teatro do Estudante; êste e o nosso entrevistado estão de tal forma identificados um com o outro que são quase como dois irmãos siameses. Um, o criador, outro, a criatura, não se separam, vivem os mesmos ideais e as mesmas lutas.

PASCHOAL CARLOS MAGNO E O TEATRO DO ESTUDANTE

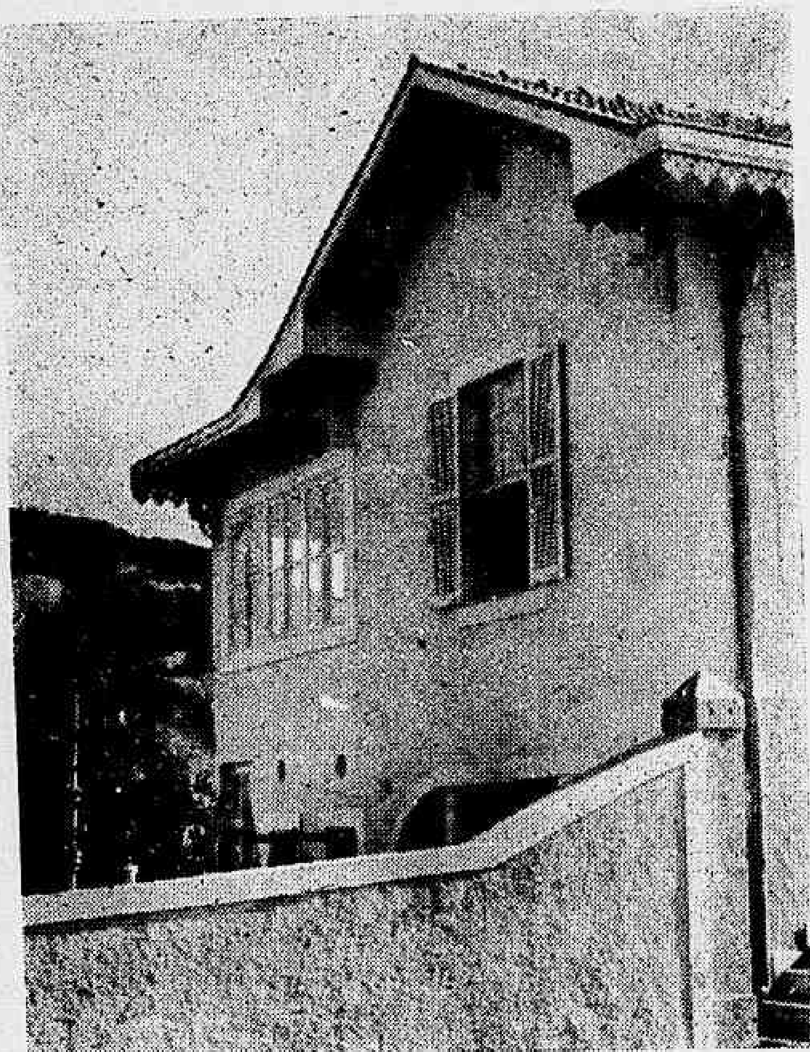
"FORA DO TEATRO NÃO ME SINTO FELIZ"



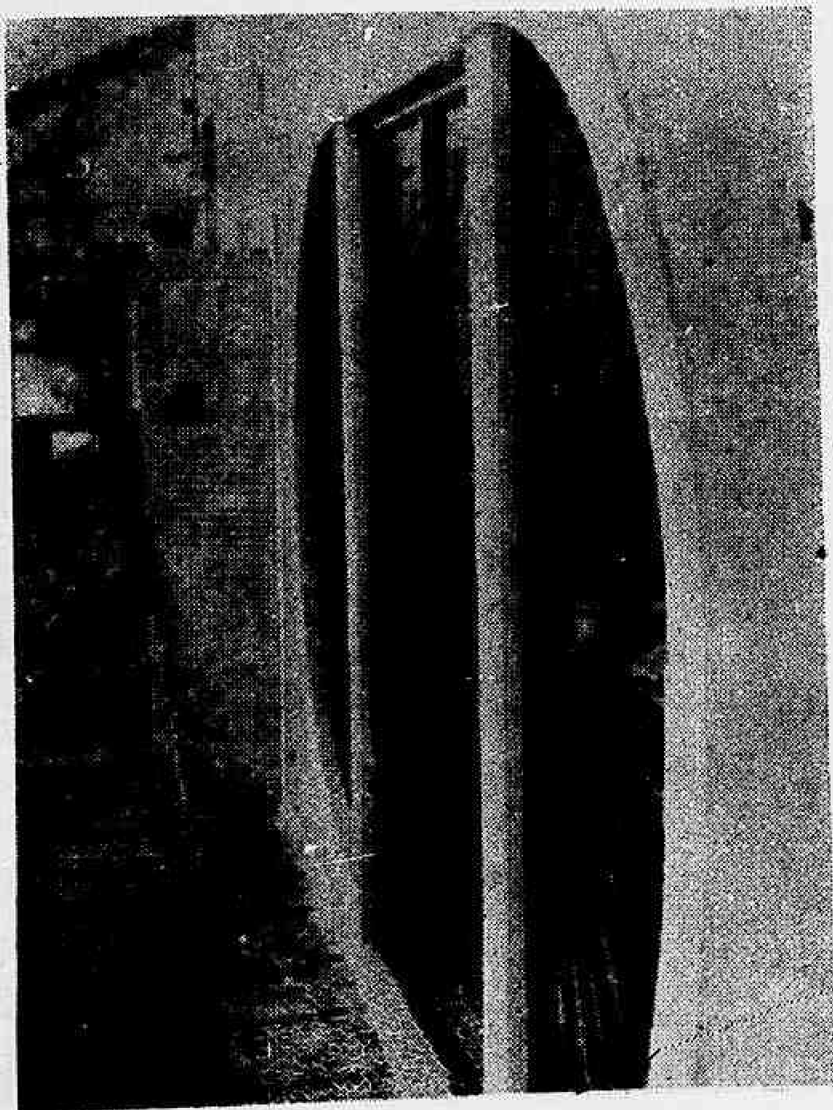
PASCHOAL CARLOS MAGNO partiu em princípios do mês para a Grécia, em missão diplomática. Parte feliz pelas realizações feita no Brasil em prol do teatro e especialmente dos estudantes. Financeiramente fracassou, mas essa não era a finalidade da iniciativa. Deixa a direção do Teatro do Estudante confiada a Alda Pereira Pinto e outros colaboradores.



DESENHO do pintor espanhol Gregorio Prieto, que ilustrou a «Personagem da Semana» da REVISTA de 2-7-1940



PRÉDIO da rua Hermenegildo de Barros, que Paschoal Carlos Magno cedeu para os estudantes utilizarem como teatro



ENTRADA da residência do teatrólogo, agora «Teatro Eleonora Duse», com cem lugares para os estudantes

Mas não pudemos deixar de perguntar-lhe se o seu afastamento viria ou não prejudicar o desenvolvimento da sua obra artística. Paschoal Carlos Magno refletiu e declarou com tôda a segurança:

— Absolutamente. O Teatro do Estudante já deixou de ser apenas um sonho; transformou-se numa esplêndida realidade, propagando-se por todo o Brasil. O Teatro Universitário de Pernambuco, por exemplo, uma das iniciativas mais interessantes de um grupo de moços identificados com os problemas teatrais, organizou, como Garcia Lorca um dia, uma *barraca* ambulante, que percorre as praças públicas, levando ao povo sua arte sadia e honesta. Fundou ainda uma editôra, em franca atividade. Por todo o país, aliás, somando o total de setenta e quatro entidades, proliferam os teatros estudantis ligados à sua *alma mater*, o Teatro do Estudante, que me orgulho de ter criado. Pará, Amazonas, Ceará, Maranhão, Bahia, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Sul, em todos os Estados do Brasil faz-se teatro bom sob nossa égide. O Teatro Normalista de São Carlos, cidade paulista, já tem casa de espetáculos própria, comprada com seu dinheiro, produto de inúmeros e desconhecidos heroismos. O Teatro de Estudante de Campinas, deu um grande passo à frente e fundou um Seminário de Estudos Dramáticos, em pleno funcionamento. Do mesmo gênero, há uma série de outras realizações não menos importantes, que seria por demais extenso relacionar agora. De tôdas elas, comovidamente, sou Presidente de Honra ou Grande Sócio Benemérito; êsses moços não esquecem os esforços dos que se dedicam à causa dêles, que em última análise, é a própria causa do Brasil.

E DEU FRUTOS

Das entidades passamos aos indivíduos, aos artistas nascidos dêsse combate em prol da cultura teatral brasileira. Pedimos a Paschoal Carlos Magno que nos citasse alguns nomes trazidos ao palco através do Teatro do Estudante. Orgulhoso, como deve ter se sentido Lucrécia, sorriu e respondeu-nos:

— A lista é longa. Milton Carneiro, por exemplo, hoje com Jaime Costa, estreou conosco; nós o encaminhamos pela senda do teatro. E inúmeros outros. Alberto Peres, atualmente com Eva Tudor; Ambrósio Fregolente, primeira figura da companhia de Olga Navarro, em formação e que estreará dentro em breve; Sandro, nome consagrado; Danilo Ramirez, realizando, no Jardel, teatro infantil; Ataíde Ribeiro, diretor do Teatro dos Inapiários; Cacilda Becker e Sérgio Cardoso (quem não se lembra daquele monumental "Hamlet"?), em São Paulo, no Teatro Brasileiro de Comédia; Mafra Filho, Cauê Filho, Karlos Kouto e José Ricardo, no rádio; Maria Fernanda e Liuba Vatnik, estudando, mediante bôlsas, teatro na Inglaterra e nos Estados Unidos, respectivamente. Sônia Oiticica, afastada da ribalta, mas sempre uma figura inesquecível, graças ao Teatro do Estudante que lhe proporcionou a oportunidade de manifestar seu talento artístico, juntamente com Paulo Pôrto, hoje trabalhando na companhia de Aimée. E outros, muitos outros. Sem falar nos cenógrafos e figurinistas: Pernambuco de Oliveira, atualmente com Bibi Ferreira; Nilson Penna, prêmio de revelação como cenógrafo, em 1948. Além do dr. Rivera de Miranda, hoje dirigindo o Teatro dos Amadores de Araçatuba, no Estado de São Paulo, do crítico teatral Hélio Tys e do brilhante jornalista Daniel Caetano, conhecido através de suas reportagens no "Diário de Notícias".

Continuou citando nomes, num rosário que não terminava mais. Os repórteres mudaram de assunto; impossível anotá-los todos. Estão, aliás, bem vivos na memória dos que acompanham com simpatia e interêsse as iniciativas do Teatro do Estudante do Brasil.

A VITÓRIA DE UM "FRACASSADO"

Indagamos qual teria sido o momento mais intenso, dramático, da vida do criador do Teatro do Estudante, em que êle se sentira como um personagem shakespereano, enfrentando o clímax trágico de uma grande hora. Por um instante, revive na fisionomia de Paschoal Carlos Magno tôda a tensão do minuto decisivo na sua carreira de lutas e sacrifícios. E fala:

— Nos países mais cultos do mundo, é costume a realização de festivais dramáticos dedicados a um único autor. Assim, faz-se na Inglaterra o Festival de Shakespeare, na Alemanha o de Goethe, na União Soviética o de Tchecov e por aí além. Pretendi levar a cabo no Brasil um Festival de Shakespeare, pelo muito que lhe deve o teatro moderno. Programamos "Romeu e Julieta", "Macbeth", Sonho de uma noite de verão" e "Otelo". As três primeiras peças foram levadas à cena; a última chegou a ser ensaiada, mas não se pôde representá-la, por falta de recursos financeiros. Estávamos então com um deficit alarmante; todavia, êsse deficit não se originava pròpriamente da falta de público, mas de aluguéis exorbitantes, montagens caríssimas, dificuldades de tôda natureza, aliás comuns em nossa terra quando se trata de iniciativas de caráter cultural e artístico. Foi quando, num ato de desespêro, escrevi, no "Correio da Manhã", o artigo "Despedida de um fracassado", confessando-me vencido pela indiferença e a má vontade mesmo dos que poderiam e deveriam ajudar-me, numa causa que não era minha, mas do próprio país.

A PERSONAGEM DA SEMANA

Paschoal Carlos Magno faz uma pausa e prossegue:

— Êste meu artigo teve uma repercussão total, imprevista. De todo o país chegam-me às mãos cartas, mensagens, telegramas, bilhetes; os jornais abriram manchetes vibrantes, apoiando-me, censurando os homens de recursos que deixavam morrer tão nobre idéia; cronistas, escritores, jornalistas dedicaram seus artigos ao meu caso; puseram-se a serviço do Teatro do Estudante do Brasil; empresários ofereceram-me suas casas de espetáculos, num louvabilíssimo ato de solidariedade profissional; um chofer de taxi, certa vez, recusou-se a receber pagamento de minhas mãos, pela corrida realizada; num de gestos de apoio que mais me emocionou; contribuições de tôda a natureza me foram enviadas; havia anunciado um leilão de objetos pessoais meus: não precisei realizá-lo; de tôda parte me chegava, acompanhando mensagens calorosas, auxílio material; a REVISTA DA SEMANA, numa atitude altamente expressiva, considerou-me a "Personalidade da Semana"; processou-se o milagre: o fracassado venceu através do apoio unânime dos bons brasileiros. A Câmara, o Senado e o Conselho Municipal votaram verbas que atenderiam às nossas necessidades decorrentes do Festival. Infelizmente, porém, essa iniciativa parlamentar tão nobre e elevada, não se concretizou de todo até hoje; estou ainda esperando as verbas federais. Acredito nelas; servirão um dia, no futuro, para ajudar o Teatro do Estudante. Sou um homem de boa-fé.

CONTRIBUIÇÕES DO TEATRO DO ESTUDANTE

À uma pergunta nossa, Paschoal Carlos Magno prosseguiu a sua palestra, dizendo:

— Entre outras coisas, eliminamos, bàsicamente, a prática antiquada do ponto, no teatro amador e profissional; a última conquista dessa campanha foi "Escândalos 1950", em que Bibi Ferreira e Hélio Ribeiro da Silva, pela primeira vez no Brasil, montaram uma revista na qual o ponto não funciona. Inauguramos o sistema de cada peça ter seu diretor próprio, o que já é velho em outros países. Iniciamos o método de cada espetáculo ter, além do cenógrafo, o figurinista, que desenha trajes especialmente para êle. Realizamos, pela primeira vez no Brasil, em 1944, o Curso de Férias de Teatro, composto de debates públicos, no Fênix, de onde saíram o Teatro Experimental do Negro e o Teatro do Gibi; e desde então, em todo país, se têm realizado cursos semelhantes sôbre todos os assuntos. Fizemos, pela primeira vez no Brasil, em 1947, uma concentração de gente de teatro, na Tijuca, onde não se falou de política ou religião, mas submetendo-nos a treinos de voz e representação, assistindo conferências sôbre arte e cultura e da qual saímos mais integrados no teatro do que nunca. Contribuímos ainda para acabar com os preconceitos que existiam em nossa terra contra o teatro, em virtude do movimento que imprimimos em favor dêle e dos seus intérpretes. Prova disso são as duas condecorações da Ordem do Cruzeiro concedidas a Henriette Morineau e Conchita de Morais.



NO INÍCIO de seu «sonho», Paschoal Carlos Magno animava os estudantes lendo-lhes os originais das obras clássicas do teatro internacional. Vemo-lo, aqui, lendo «Romeu e Julieta», ouvido pelos jovens artistas. Entre êsses notamos a presença de Itália Fausta. Todos sonhavam e esperavam por aquilo que seria depois um dos maiores sucessos em nosso país.

ESCLARECENDO UM EQUÍVOCO

— Diz-se por aí que você é contrário ao teatro profissional. Será verdade?

— Isto não passa de um equívoco — diz Paschoal Carlos Magno. E continua: — Eu não me bato pelo teatro sòmente para fazer atores, diretores, cenógrafos, figurinistas, platéia. Eu me bato por êle, sabendo que é o mais eficiente meio de contribuir para a elevação do nível cultural de milhões de brasileiros. Não poderia, portanto, ser contra o teatro profissional. Quando Dulcina, por exemplo, estêve ameaçada de não obter o Teatro Municipal, para que nêle fôsse instalar-se uma companhia de operetas vienenses, coloquei-me resolutamente ao seu lado e ameacei, com os jovens do Teatro do Estudante, inundar a cidade de cartazes representando uma mulher tendo um pracinha morto nos braços e os seguintes dizeres: "Teu filho não voltou da Itália, mas os nazistas estão cantando no Municipal". O prefeito capitulou e Dulcina teve o teatro. Outra manifestação de meu aprêço pelos profissionais de nosso teatro, foi dada por ocasião do regresso de Eva Tudor, de Portugal, quando nós, do Teatro do Estudante, oferecemos à querida atriz um banquete de trezentos talheres. Apoiamos Sandro na sua luta pelo Fênix. Poucas pessoas terão relações tão boas como eu com os profissionais de teatro de todo o Brasil; além da simpatia pessoal, dispõem êles de minha coluna do "Correio da Manhã", onde sempre os critico com elevação e honestidade.

COROANDO A OBRA

Paschoal Carlos Magno faz uma pausa e conclui:

— Apesar de tudo, parto feliz, pois deixo o Teatro do Estudante do Brasil em boas mãos. Confio-o à experiência e dedicação de preciosos colaboradores como Alda Pereira Pinto, Sofia Magno de Carvalho, Ester Leão, dr. F. Suarez-Mendonza, durante tantos anos diretor da "Petite Scène", de Paris, e que ficará à frente do Seminário de Arte Dramática, Áureo Nonato e muitos outros. Deixo-lhe também, para utilização de todos os seus departamentos (Drama, Ópera, Bailado, Corais e Clube do Teatro) a minha casa da rua Hermenegildo de Barros, 161, que mandei reformar especialmente para êle e onde haverá, entre outras coisas, um teatro, de cem lugares, denominado Duse, em homenagem à maior atriz de todos os tempos, destinado precìpuamente ao lançamento de novos autores brasileiros ou de estrangeiros considerados não comerciais. Conheço a dificuldade que têm os autores inéditos e moços em lançar-se, colocar suas peças. Assim, procuramos evitar que êles futuramente encontrem os mesmos percalços enfrentados por tantos dos nossos companheiros de luta, em prol do teatro brasileiro.

Mais uma ligeira interrupção e Paschoal Carlos Magno finaliza a entrevista:

— Aí está uma síntese do que o Teatro do Estudante tem feito em nossa terra. E' claro que eu me orgulho muito dessa obra, reconhecendo embora que ela não é apenas minha e, sim, principalmente, dessa mocidade brilhante e dedicada que vem me acompanhando desde os primeiros dias, repartindo comigo fraternalmente os sacrifícios e louros, se é que há louros nessa jornada obstinada e patriótica.



MARIA FERNANDA



SANDRO POLONIO



CACILDA BECKER



SÉRGIO CARDOSO

Quatro dos principais nomes levados ao palco através do Teatro do Estudante, a famosa e útil realização de Paschoal Carlos Magno. Nomes que esplendem no cenário artístico nacional

O MISTERIO DO COLAR DE SAFIRAS

NOVELA DE **LYSA CASTRO**

— E' Peggy Stone — disse Peggy ao telefone.

— Preciso do seu auxílio, miss Stone — a voz que vinha através o fio estava abafada e nervosa. — Não posso perder assim o meu colar de safiras.

— Quem lhe deu meu endereço?

— Foi miss Morrison. Recomendou-ma como a única pessoa capaz de resolver o meu problema. Dar-lhe-ei cinco mil dólares pelo serviço, mas não se demore.

— Se não me adiantar nada mais no momento, ponha as idéias em ordem que estarei aí dentro de alguns minutos.

Peggy anotou o endereço que lhe foi dado e desligou o telefone. Um sorriso de felicidade lhe entreabria os lábios. Cinco mil dólares! Peggy refletiu no que poderia comprar com êsse dinheiro. Pagaria as últimas prestações do carro e com isso faria jus a um pequeno desconto. Compraria alguns pequenos aparelhos que lhe faltavam no laboratório, um novo e mais moderno microscópio, alguns tubos de ensaio, certas agulhas hipodérmicas, etc. Vestindo as confortáveis calças de tropical que sempre usava para trabalhar, apanhou a pequena automática e antes da colocá-la no coldre a tiracolo, refletiu que devia comprar uma arma mais eficiente. Pouco depois Peggy descia no elevador. Seu carro foi retirado da garagem pelo mecânico encarregado da conservação dos carros dos inquilinos do prédio. Peggy sentou-se e apanhando a boina marrom que estava no assento colocou-a de lado, cobrindo parcialmente os lindos cabelos côr de cobre. Enquanto guiava, seu cérebro trabalhava: A mulher que lhe telefonara estava visivelmente nervosa. Peggy não tinha a menor idéia da espécie de trabalho que deveria fazer. Sabia apenas que a mulher confiava em sua eficiência e não poderia de modo algum decepcioná-la. A jovem esperava que a mulher, cujo nome ignorava, pudesse pelo menos dar tôdas as indicações necessárias na investigação. Refletindo sôbre os perigos que poderia correr, Peggy procurou o revólver oculto pela blusa e lhe sentiu o contacto reconfortante, o que lhe provocou certa sensação de segurança. O carro descia agora uma rua larga e asfaltada. Em uma placa da esquina estava escrito o endereço que Peggy anotara, restando-lhe apenas procurar o número da casa. Não estava muito longe. Bem no meio do quarteirão erguia-se soberba residência, ladeada por grande e bem cuidado jardim. Peggy parou o carro junto ao meio-fio e desceu. Embora o portão estivesse apenas encostado, Peggy comprimiu o botão da campainha mas não lhe ouviu o retinir. Seu dedo descansava ainda no botão quando a porta principal foi aberta. Uma jovem de avental branco convidou-a entrar.

— Sou Peggy Stone. Esperam-me aqui.

— Sim, sim. Queira seguir-me.

Peggy alcançou a porta principal e seguiu a empregada, atravessando luxuosa sala; passou, a seguir, para outra menor, uma sala de leitura ou pequena biblioteca, segundo constatou. Uma mulher não muito jovem, estava semi-deitada em macio divã.

— Aproxime-se, miss Stone. Estava ansiosa por sua chegada. Ainda bem que não demorou.

— Estou às suas ordens, senhora...

— Stuart... Joan Stuart.

— Senhora Stuart. Quero que me relate todo o problema para que eu possa resolvê-lo rápida e seguramente.

— Antes, quero que veja isto... — Joan introduziu os dedos pelo decote do vestido e puxou alguma coisa com muito cuidado. À medida que iam saindo, aquelas pedras engastadas em cadeias de ouro, davam a impressão de pequenas chamas azuis. Peggy não vira nada igual em tôda a sua vida. Tomou a jóia entre as mãos e parecia-lhe segurar uma pequena fogueira. As pedras tinham o tamanho aproximado de pequenas jaboticabas, recortadas em doze faces, cada uma das quais despedia raios azuis e eram engastadas em trabalhosas cadeias de ouro. Valeria, pelo menos, cem mil dólares em uma casa de penhor.

— Êste colar me foi oferecido na Índia, por um rei indiano, quando lá estive dando um concêrto.

— Bem que a estava reconhecendo. A senhora foi a grande cantora Jóia Sam...

— Exatamente. Faz muito tempo que deixei a arte. Logo depois dessa minha viagem à Índia.

Peggy observou mais cuidadosamente aquelas feições finas, de pele transparente e acentuada palidez. No canto dos olhos e da bôca começavam a aparecer pequenas rugas. As mãos brancas e finas não escondiam um constante tremor. Peggy restituiu o colar e pareceu-lhe aumentar o tremor das mãos de Joan, ao recebê-lo.

— Desejo que você guarde para mim essa jóia.

— Eu! — exclamou Peggy com surprêsa.

— Por que a senhora não a deposita em um Banco? Poderia também alugar um cofre...

— Já pensei em tôdas as formas possíveis de guardá-la. Não adianta. Sei que serei assassinada e naturalmente roubarão a chave de um cofre ou falsificarão minha assinatura para retirá-la de um Banco. Tenho um poderoso motivo para guardar essa jóia em segurança. Não posso confiar em qualquer pessoa. Dar-lhe-ei um documento que deve ser aberto logo depois de minha morte. Por êle você ficará sabendo dos meus desejos, pois êle vale por um testamento.

— Êsse documento está selado e reconhecido no tabelião?

— Está. Foi assinado por três testemunhas. Quer dizer que sòmente cinco pessoas conhecem o teor. O tabelião, as testemunhas e eu. Você conhecê-lo-á depois. Tenho dois sobrinhos por parte de meu finado marido. Eram filhos de um irmão mais novo que, ao morrer, os deixou aos

nossos cuidados. Um dêles é advogado
outro, bem, o outro é... jogador.

— Jogador?

— Sim. Possui um cassino aparen
mente legal, mas no porão há uma s
de jôgo luxuosamente instalada, com
tradas secretas que a polícia não con
guiu localizar. Stanley, o advogado, v
de seus negócios, fazendo defesas hones
e tem aparência de grande prosperida
quase tão grande quanto do seu irm
jogador.

— Como se chama o jogador e sua c
de jôgo?

— Marty. Seu cassino é o "Flor
Lótus". Dar-lhe-ei o endereço por escri

— A senhora teme alguma coisa p
parte de seus sobrinhos?

— Espero o pior de tôdas as part
Meus sobrinhos viram uma única vez
meu colar e mostraram-se aparenteme
desinteressados. Não lhes revelei que
agente de certa ourivesaria ofereceu-
(500.000) quinhentos mil dólares.

— Fiu-fiu — fêz Peggy baixinho. Av
liei isso em cem mil dólares no penho

— No penhor dará mais ou menos is
Você pode calcular o perigo que rep
senta essa jóia para quem a possui.

Joan foi até a uma pequena mesa e ti
da gaveta um volumoso envelope.

— Aqui você encontrará um importa
apanhado da minha vida e saberá por
o que deve fazer com o colar. Enqua
nada de mais acontece, você poderá fa
uma breve investigação em tôrno das
vidades dos meus sobrinhos.

— São êles os seus herdeiros?

— Poderão ser ou não. Depende
circunstâncias.

— Mais uma coisa. Quem foi o tabe
que reconheceu o documento que me
tregou agora?

— George Moran. As testemunhas
minhas ex-colegas de teatro, antes que
fôsse cantora. São pessoas de confia
e depois, estão fora da cidade.

— Vou anotar os nomes que interess
no caso. George Moran, Stanley e Marty

— Stuart. Êles usam o nome do n
cunhado que também é o de meu mar
e o meu.

— Muito bem. Agora vou fazer algum
investigações sem consequências.

Peggy deixou a residência de Joan Stu
sem saber precisamente o que devia faz
O valioso colar estava envolvido em pa
de sêda e metido no coldre por baixo
automática, enquanto que o envelope
tava no bôlso externo do blusão. Pe
pretendia, antes de mais nada, fazer u
visita ao cassino de Marty, depois iria
escritório de Stanley. O coração de Pe
parou de repente. Lembrara-se que J
não lhe dera qualquer importância adi
tada. Resolveu que no dia seguinte p
curá-la-ia novamente sob qualquer p
texto e falaria no assunto. A jovem
tective dirigiu-se diretamente para sua
sidência particular, onde estava instal
o seu laboratório. Deixou o carro na
rage e abriu a porta secreta, invisíve
qualquer observação. Um pequeno b
fêz funcionar um dispositivo afasta
uma das lajes que formavam as par
internas da garagem. Peggy entrou e
chou cuidadosamente a porta. Acende
luz e fêz funcionar o ar condicionado.
cando um quase invisível botão so
tampo da mesa por dentro da gaveta a
tavá-se um dos azulejos da parede dei
do uma cavidade à mostra. Peggy col
dentro daquele escuro buraco, o enve
e o colar. Decididamente, não haveria
lhor esconderijo para aquilo. Ning
conseguiria descobrir aquela aber
depois que o azulejo voltasse à pos
primitiva. Em um armário embutido
tava empilhado o mais variado nú
de roupas. Desde trajes esfarrapad
sujos até elegantes vestidos de soirée
contravam-se também ridículos traje
apachinete. Peggy escolheu um dêsse
timos. Era um vestido de setim
muito curto, quase acima do joelho,
justa e aberta de lado. Uma cab
negra também foi escolhida entre m

(Cont. na pág



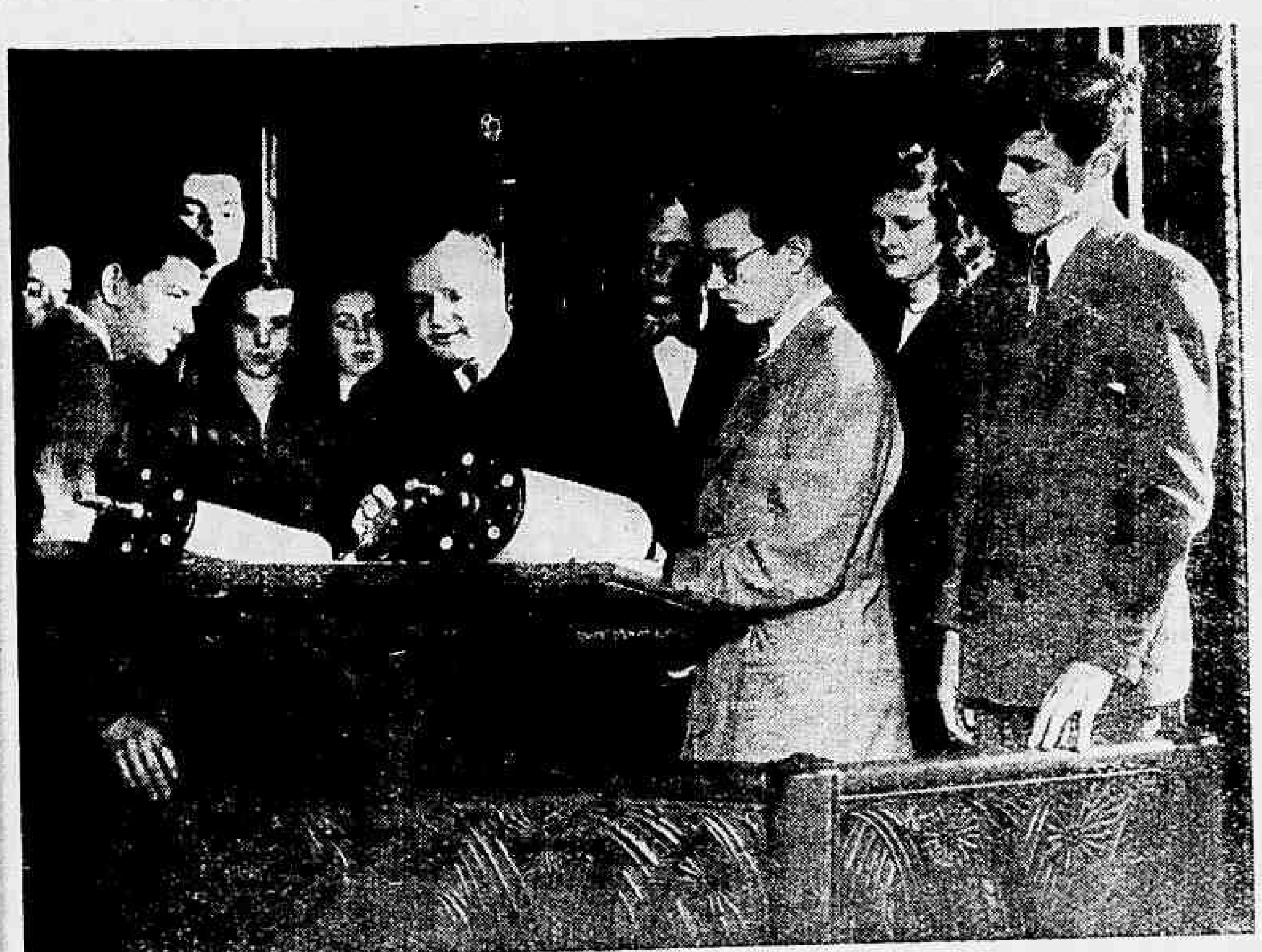


Um professor mulato, numa escola mista, em Portland, frequentada por alunos brancos, negros, japonêses, judeus e outras raças. Essa escola não foi «arranjada» para propaganda ..

PORTLAND 1950, "CIDADE DA FRATERNIDADE"

UM EXEMPLO A SER IMITADO EM CERTOS PAÍSES ★ GRANDE CENTRO ONDE VIVEM, NA MAIS PERFEITA HARMONIA, BRANCOS, NEGROS, JUDEUS E ORIENTAIS ★ TIPOS DE TÔDAS AS RAÇAS TRABALHAM EM COMUM PARA UM FUTURO MELHOR

Reportagem de NELSON VAINER



Na Congregação Israelita «Beth Israel», um rabino ultra-moderno, sem barbas nem barrete na cabeça, recebe a visita de jovens católicos, por ocasião de um Congresso



Uma fábrica de roupas, onde as costureiras são brancas, negras, católicas, judias, protestantes. Quanto ao terrível «racismo», fica por conta dos homens dalém mar...



Em cima: um arco íris de crianças... O «racismo» nos Estados Unidos é tão profundo em Portland, que para autenticá-lo basta esta foto... Falta ainda acrescentar que três das professoras daquele jardim de infância, são negras... Em baixo: êsses meninos são alunos duma escola mantida por judeus, mas destinada a acolher crianças procedentes de tôdas as minorias radicadas em Portland





Crianças de tôdas as raças, sem ... ou religião,

AS fotos que ilustram estas
o escritor e homem soviét
próprios perseguidos". De
hoje porta-voz da Rússia Soviéti
vez, manda o seu chofer — u

São fotos de Portland, em O
clamada "Cidade da Fraternidad

E quem são os filhos daqu
judeus, 10.500 negros e 7.700
soviéticos" que se intitulam "sa
em Portland que católicos, prote

Em Portland os homens de
cada qual exerce a função de
estudam juntos, brincam juntos,

No entanto, os "progressistas
tecla, gritando para os quatros
Quem porventura se der o
momento de irreflexão, que, exclu
antissemitas e, sobretudo, lincha

Ora não se cogita aqui de

dos Estados
g — "os raci
— ainda cons
g — "o jude
praia para g
contro cosmop

cidade amer
ito ao veneno
manidade opr
negros e bu
m distinção
sua capacid

estado de co
o que fora d
r alguns peri
essistas" do
s...

stados Unidos



as as raças, sem

e ilustram estas
e homem soviét
perseguidos". De
da Rússia Soviéti
seu chofer — u
e Portland, em O
de da Fraternidad
o os filhos daqu
negros e 7.700
se intitulam "sa
e católicos, prote
d os homens de
ce a função de
brincam juntos,
os "progressista
para os quatros
entura se der o
eflexão, que, exc
sobretudo, lincha
e cogita aqui de

r ou religião, freqüentam a mesma escola, estudam brincam e crescem

dos Estados Unidos da América do Norte, o país em que — segundo
g — "os racistas conseguiram inocular o veneno racista inclusive nos
— ainda consoante as revelações do antigo ferrenho anti-comunista e
g — "o judeu não pode ir a uma praia para arianos e êle, por sua
praia para gente de côr".
centro cosmopolita, com 475.000 habitantes, e que neste 1950 foi pro-

cidade americana? — 400.800 protestantes, 50.000 católicos, 6.000
to ao veneno racista nos Estados Unidos, descoberto pelos "homens
manidade oprimida nos países capitalistas", a tal ponto se alastrou
negros e budistas ali vivem na mais perfeita harmonia...
m distinção de raça, côr e religião são admitidos em tôda parte, onde
sua capacidade. Quanto a seus filhos, frequentam as mesmas escolas,

estado de coisas na "reacionária" América e batem sempre na mesma
o que fora da Rússia Soviética não existe democracia.
r alguns periódicos da imprensa "progressista", chegará a pensar, num
essistas" do povo americano, os demais não passam de "businessmen".
s...
stados Unidos contra tais e outras acusações parecidas, que pululam

juntas. Não são obrigadas, como em outros lugares,, a abjurar a fé, seguindo cada qual a religião de seus p

nas colunas da imprensa esquerdista. Trata-se apenas de ver as coisas assim como elas são, ou de vê-las "c
clareza", como já dizia o velho Stendhal.

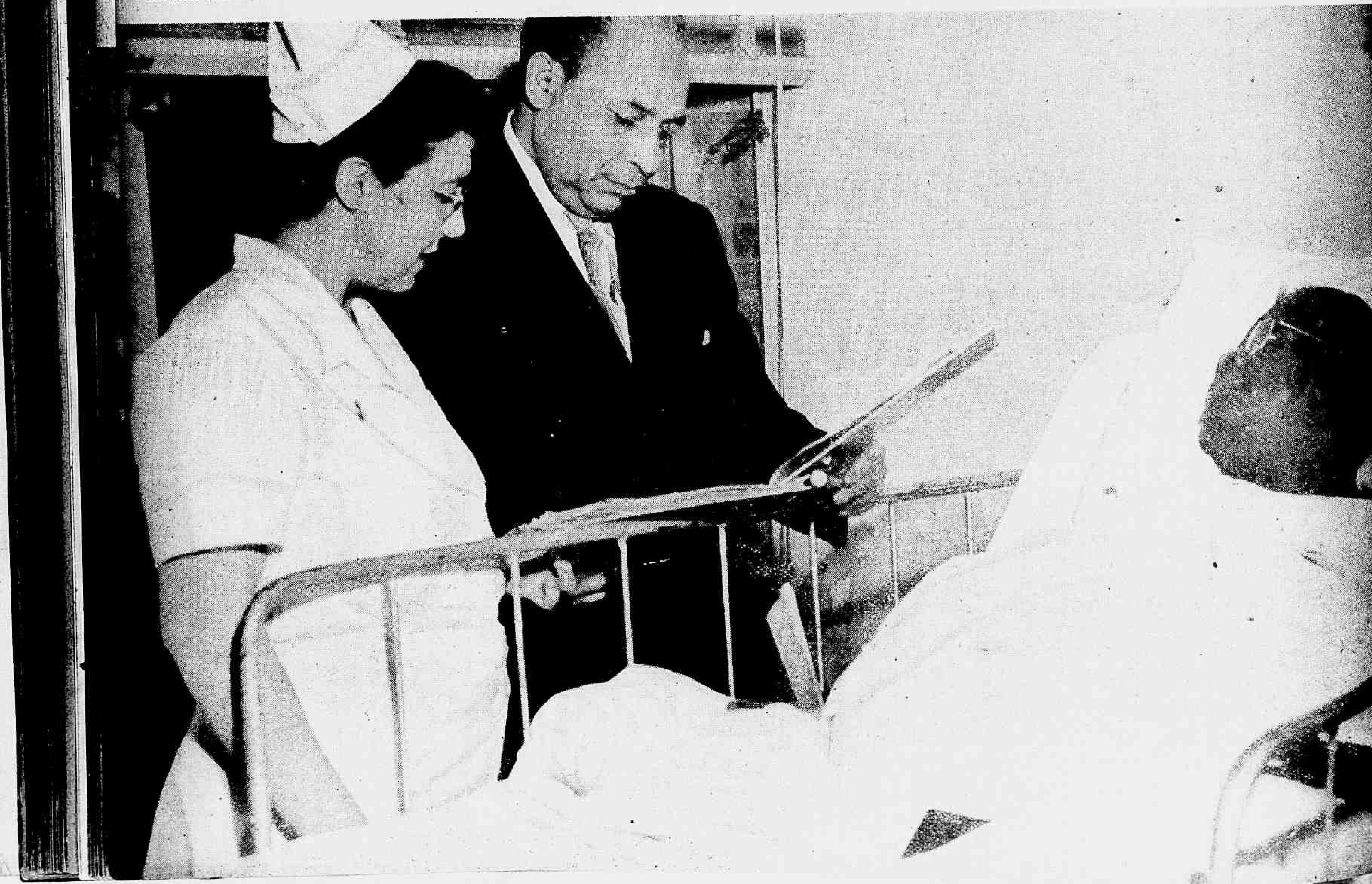
Com que autoridade se apresentam os tais "homens soviéticos" para corrigir os erros dos outros, êles que tamb
cometem erros raciais? Senão, vejamos: com ares de protetores dos judeus, os russos denunciam a existência
antissemitismo nos países capitalistas mas, ao mesmo tempo, deportam os escritores e intelectuais israelitas p
a Sibéria, encarcerando milhares de sionistas não só na Rússia, como também nos países por ela controlados. M
tra-se horrorizada com o linchamento de um negro, mas não trepida em proclamar como herói nacional o sini
Bogdan Chmelnitzky, cujas hordas assassinas exterminaram algumas centenas de milhares de judeus por oca
dos tristemente-célebres "pogroms" levados a efeito na Ucrânia de outrora. Como é que a propaganda sovié
espalha para todo o mundo que "os dirigentes da América do Norte arremessam às prisões todos que não estão
acôrdo com êles", como se na assim chamada União das Repúblicas Soviéticas Socialistas os povos gozassem da m
ampla liberdade, como se os dirigentes soviéticos não deportassem milhares de vítimas para a Sibéria, encarcera
milhares outros que apodrecem nas prisões, simplesmente pelo fato de não concordarem com os princípios dos atu
senhores da velha e infeliz Rússia?

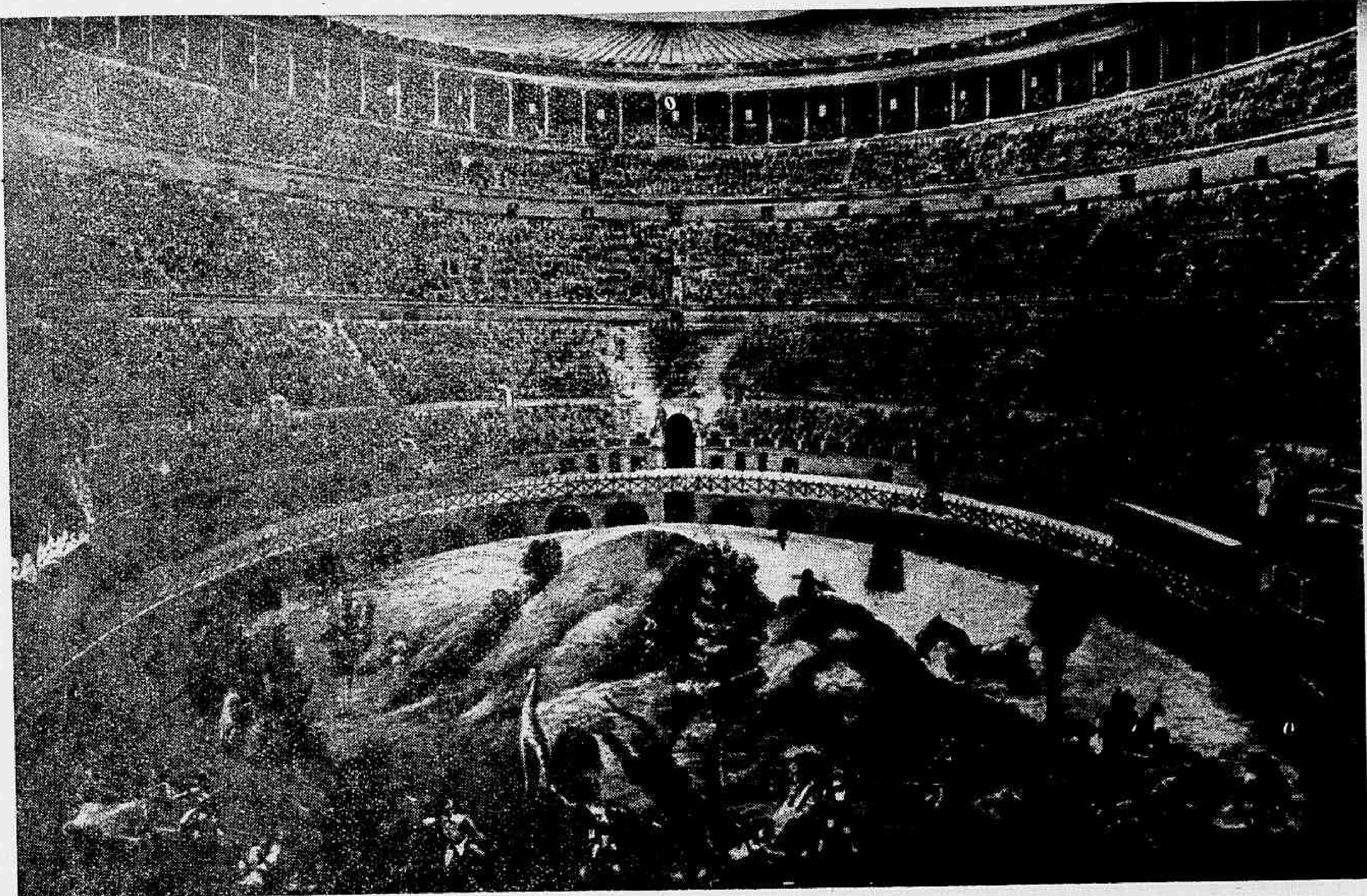
Terra de povos escravizados, onde a vida humana é a coisa mais barata entre as coisas baratas, onde "qu
não passou por uma prisão não é homem"; onde tanto culpados como inocentes — pois "Moscou não acredita
lágrimas" — perecem nos cárceres, nos campos de concentração ou nas estepes siberianas — tal país não
direito, nem moral, de querer corrigir os erros dos países do regime capitalista. E mais ainda: os "homens so
ticos", ao invés de professôres, devem tornar-se alunos e ir até os países capitalistas estudar o que realmente
a ser democracia.

Portland constituiria, caso se resolvessem, um grande exemplo.



Em cima: Na «Liga das eleitoras de Portland», onde se reunem senhoras de tôdas as classes sociais, religiões e côres. Unidas, em perfeita harmonia, lutam pela defesa dos direitos femininos. **Em baixo:** num hospital de brancos, onde, segundo a propaganda soviética, não são admitidos negros, vemos: um médico mulato, uma enfermeira mulata e um enfêrmo negro





RECONSTITUIÇÃO ideal, e fiel às descrições da época, de um espetáculo no Coliseu. Coliseu vem de colosso, e o Anfiteatro Flávio é isso mesmo. Outros, porém, dizem que a denominação é devida a uma enorme estátua que existia perto do anfiteatro. Construído para nele se darem espetáculos do tipo dêsse que aparece na gravura acima: caça às feras pelos gladiadores. Foi, posteriormente, aproveitado para o sacrifício dos cristãos

VINTE SECULOS PASSARAM PELO COLISEU

UMA VISITA SOLITÁRIA AO ANFITEATRO DOS MARTÍRIOS CRISTÃOS

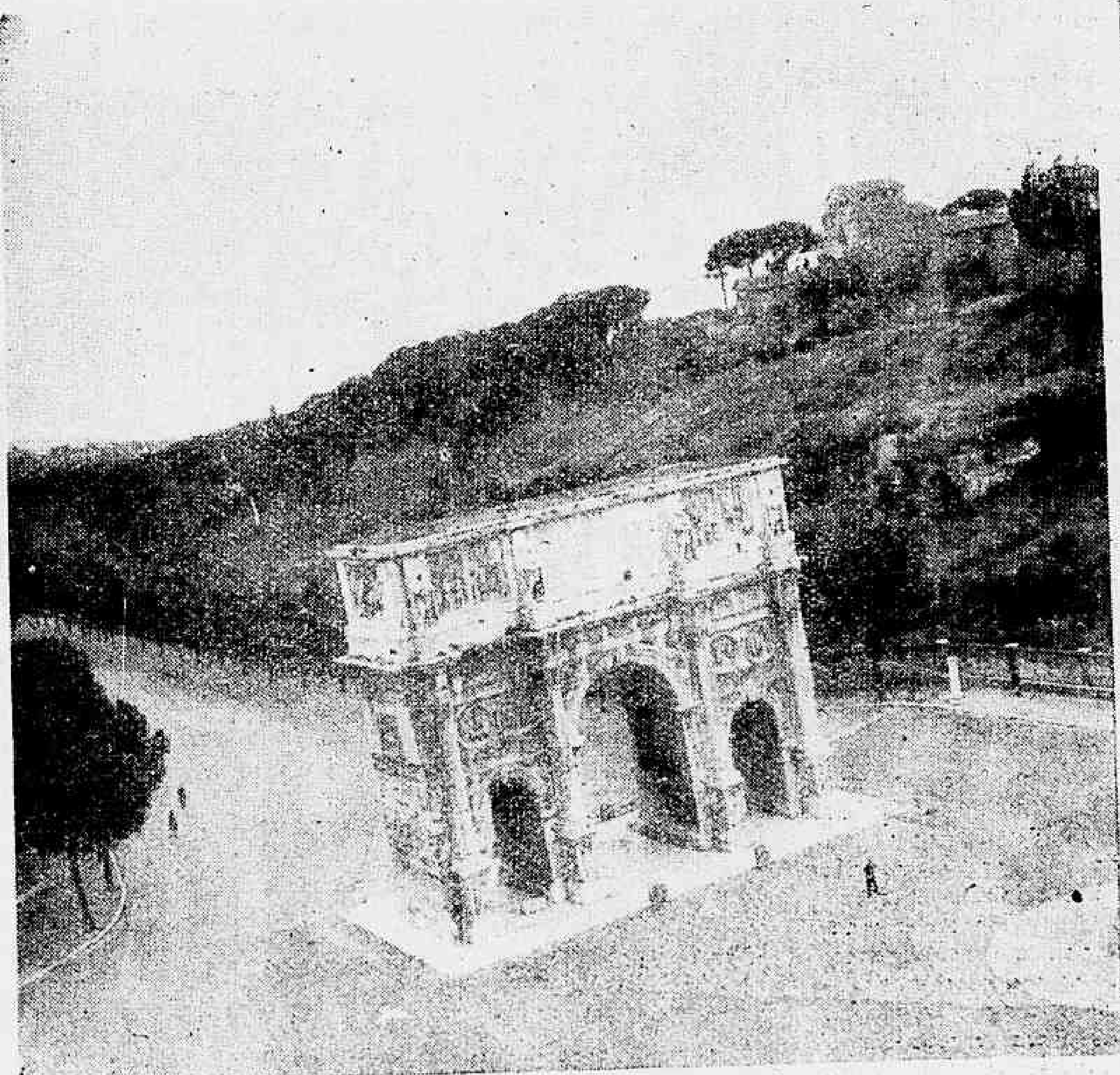
ONDE FOI PRECISO BURLAR A VIGILÂNCIA DOS GUARDAS ROMANOS ★ GALERIAS EM TREVAS, SUBTERRÂNEOS ESCAVADOS, SOMBRAS E GLORIOSAS RUÍNAS DE VÁRIAS CIVILIZAÇÕES ★ DE NOVO EM LIBERDADE!

Texto e fotos de CELESTINO SILVEIRA
(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA à Europa)

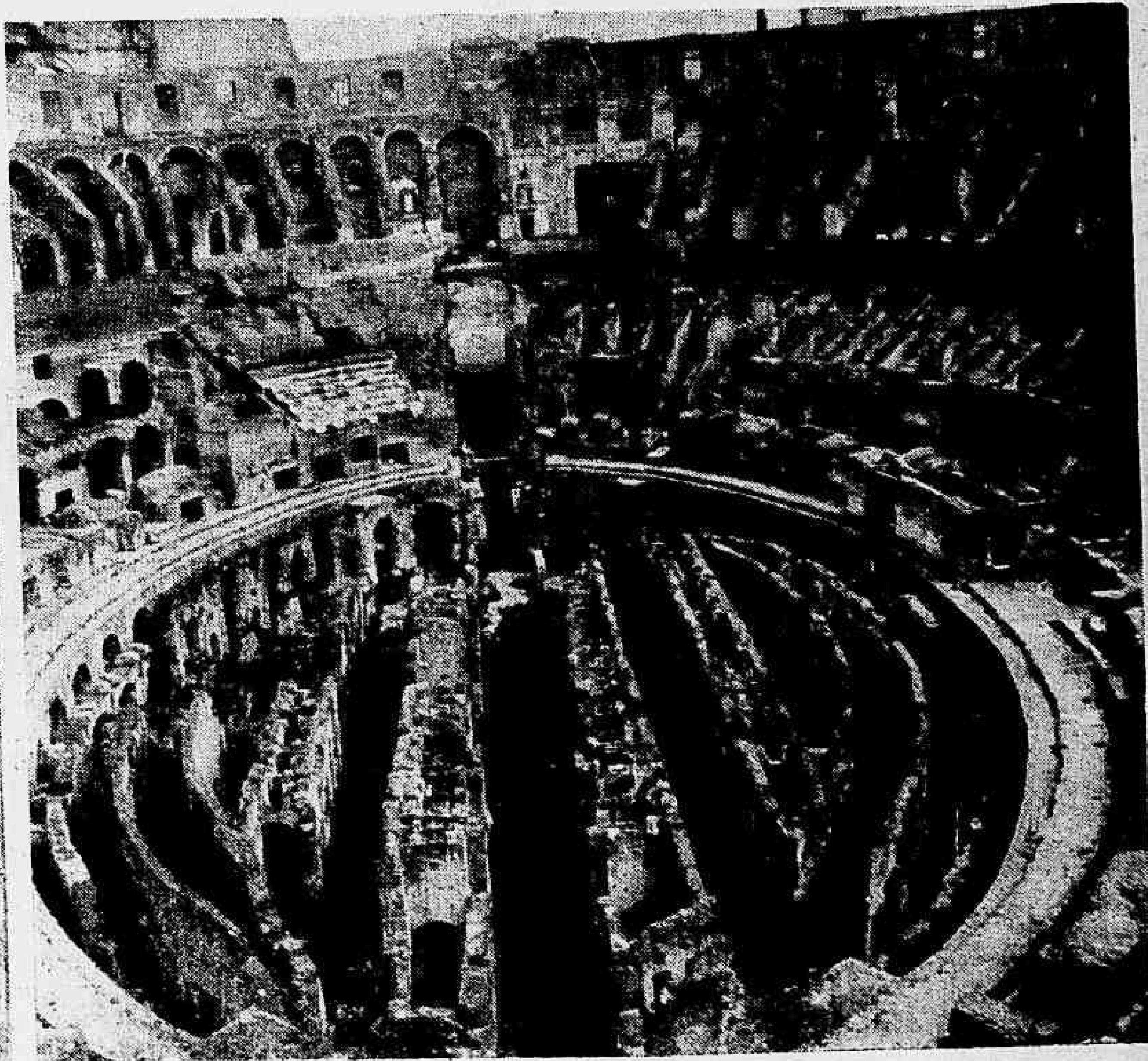
ROMA, abril (Via Air France) — Não é difícil o acesso ao Anfiteatro Flavio, mais vulgarmente chamado Coliseu. Quem chega à Cidade Eterna e dirige os primeiros passos para os Fôros Imperiais, indo da Piazza Colonna, depois de surpreender-se com a magnificência da Piazza del Popolo, do monumento a Victor Emanuel II com os despojos do Soldado Desconhecido na parte inferior da estátua equestre das ruínas do Fôro Romano e do Palatino, vai ter, em linha reta, pela Via dei Fori Imperiali, ao gigantesco anfiteatro cujo início de construção data de apenas setenta e dois anos após o nascimento de Cristo. Aí estão um ponto de referência seguro para o visitante e um marco da nossa civilização. Sua parte térrea está franqueada a qualquer um, podendo ser percorrida sem nenhum impasse, em tôda a circunferência.

Já não acontece o mesmo quando se quiser subir as quatro imensas galerias, porque então teremos de passar pela fiscalização de um guarda rigoroso cumpridor de seus deveres, e a quem, em certos dias e determinadas horas, é preciso pagar o preço de um ingresso. Êle nos interpela sôbre o material fotográfico que levamos. Não está proibido bater flagrantes com aparelhos comuns, de turista, mas em se tratando de equipagem aparatosa, surgem embaraços.

Nossa primeira tentativa frustrou-se. Premeditamos então repetí-la, em hora mais própria, e o fizemos — vale a



DO ALTO do Anfiteatro Flávio distingue-se o Arco de Constantino, e ao longe vê-se outro detalhe dos jardins de Nero. Ali existia até há bem pouco tempo, a «Meta Sudans», monumental fonte construída por Domiciano e demolida, inexplicàvelmente, em 1935



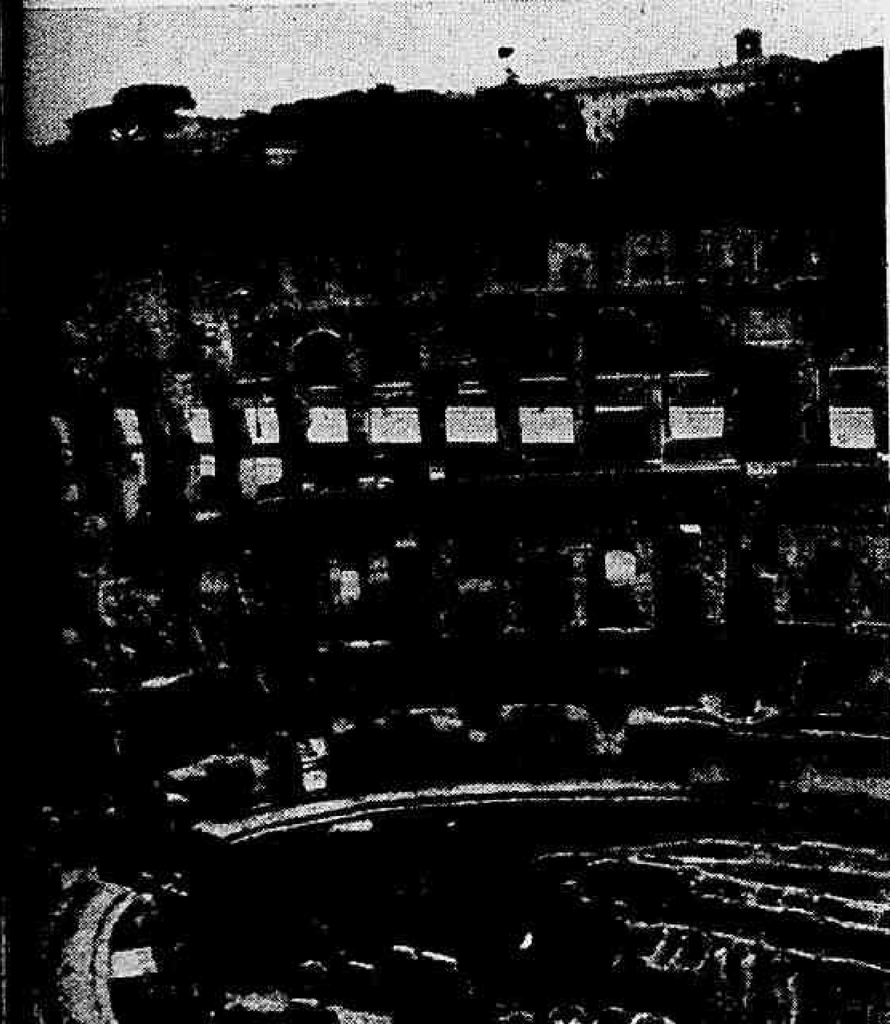
ASPECTO INTERNO do Coliseu, mostrando as construções subterrâneas. Outrora, a arena era coberta e nela se realizavam as lutas dos gladiadores. Também ali, os primeiros cristãos eram entregues às feras, para gáudio das multidões bárbaras e profanas.

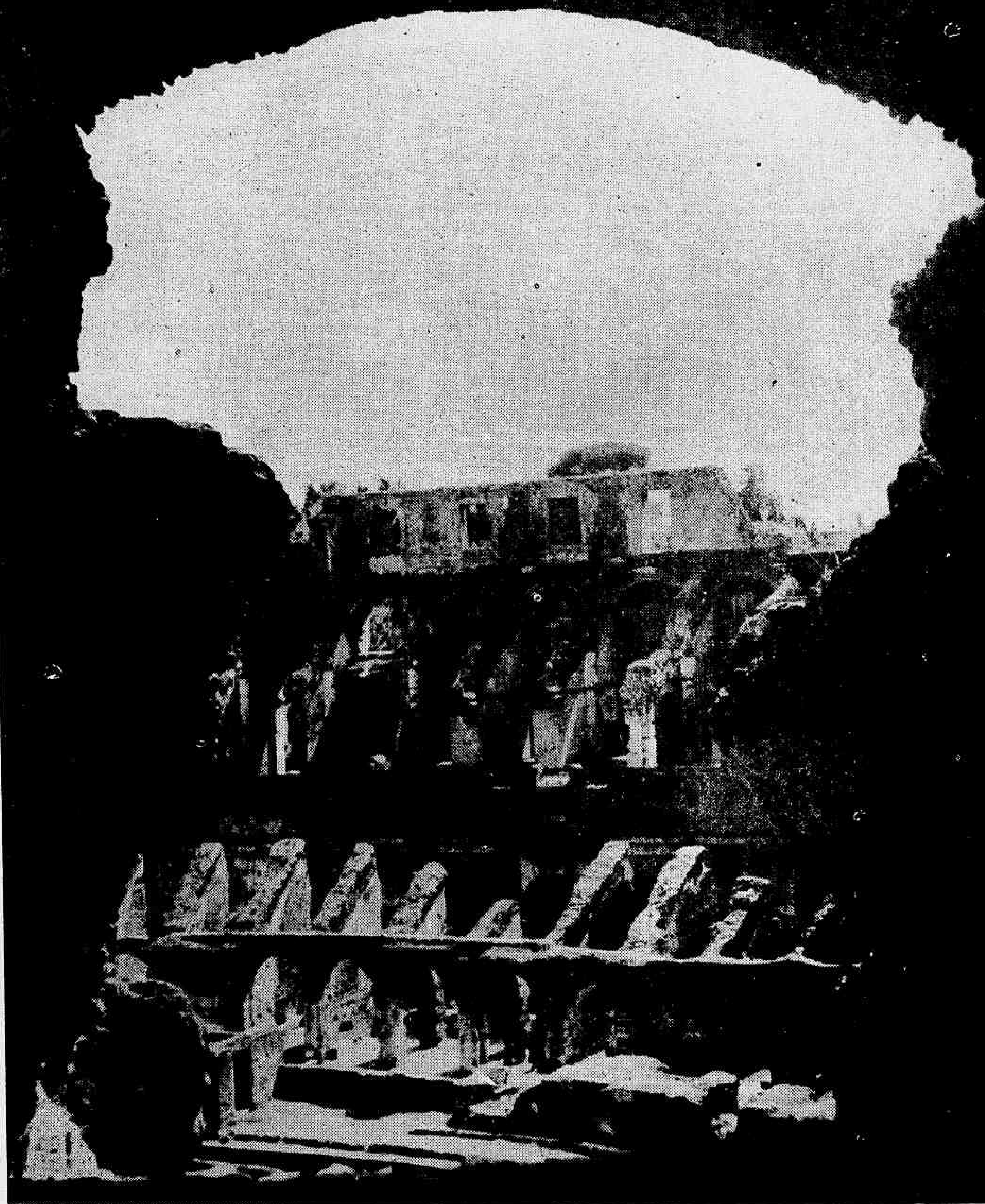


HOMENS E MULHERES do povo, a plebe, instalavam-se na última galeria. E tinham de galgar centenas de degraus até poderem ficar sentados, ou de pé, debruçados em muros cujas ruínas ainda existem. Daí assistiam as lutas e mortandades. Ao centro: Detalhe dos subterrâneos por onde passavam as feras a caminho da arena. Essas passagens estão vedadas ao público. Muitas excavações precio-



sas nelas têm sido feitas através dos séculos. Os visitantes tudo podem ver do alto. Em baixo: ao alto, à esquerda, distinguem-se os lugares de honra. Era deles que o Imperador e seus convidados ilustres assistiam aos espetáculos. E dali também as vestais decidiam do destino dos gladiadores, determinando se seriam ou não, mortos.





A PASSAGEM NAO é permitida neste local. Foi depois da visitação pública, e burlando a vigilância dos guardas, que se conseguiu êste flagrante, do fundo de uma galeria. À frente, um precipício. Vinte séculos pesam sôbre essas ruínas.

sinceridade, agora que o serviço foi feito — burlando o vigilante. Lá fomos, galerias acima, com a máquina, o "flash" e a competente equipagem, sabendo que dentro de meia hora seria fechado o portão. E lá ficaríamos até a manhã seguinte, se na parte externa não tivéssemos deixado, por precaução um amigo cúmplice para nos socorrer na volta, e um guarda mais camarada...

Pudemos assim, tranquilamente, longe dos olhares bisbilhoteiros dos peregrinos, que andam aos montes nestes dias festivos, subir e varejar à vontade tôdas as galerias, escadas, muitas em ruínas, outras restauradas de maneira precária aparentemente mas sólidas, examinando paredes e pilastras, colunas monumentais, e tudo percorrendo solitàriamente.

★

Coliseu vem de colosso. E o Anfiteatro Flavio é isso mesmo, um colosso em forma elíptica, tendo de circunferência mais de meio quilômetro e medindo, de altura, cinquenta metros. Qual seria a sua capacidade de lotação? Uns afirmam que lá poderiam caber cinquenta mil pessoas, enquanto outros falam em oitenta mil. Mas será êste fabuloso recinto de proporções inferiores às do Estádio Municipal que o Rio vai ganhar? Não parece.

Visto de fora, o monumento que Vespasiano levantou no sítio onde até então existia um lago artificial dos jardins de Nero, dá idéia de um imenso estádio ou praça de touros. Apenas seus contornos, tão familiares para nós todos através das ilustrações que nos habituamos a ver desde criança impressionam pelas proporções. Internamente é que o Coliseu mostra o que vem a ser de curioso. Surpreende, desde logo, uma grande cruz de madeira que se vê à esquerda, na segunda galeria, colocada ali em memória dos mártires cristãos. Mas sôbre a cruz ainda mais contrasta um bloco de amplificadores de rádio. Claro que não existiam no tempo de Vespasiano, pois foram instalados recentemente para reproduzir os sons das celebrações religiosas agora ali feitas.

Está o Coliseu considerado lugar santo e lá costumam pernoitar legiões de peregrinos mais humildes, sem albergues, que vieram a Roma assistir às festas do Ano Santo.

Já dissemos existirem lá dentro quatro galerias: a primeira, depois da base, onde o Imperador até o século VI assistia aos espetáculos da época, e com êle os senadores, os pontífices, as vestais e os magistrados. A segunda era reservada aos cavalheiros. Na terceira instalavam-se os cidadãos mais ilustres de Roma, e na última a plebe. Sempre nas "torrinhas"...

De camarotes apropriados, assistiam as vestais aos espetáculos macabros e dêles decidiam do destino dos gladiadores. Êstes seriam mortos ou não, tudo dependendo apenas da vontade daquelas privilegiadas senhoras.

Cento e cinquenta portas davam ingresso aos espectadores que se comprimiam nos dias de maiores carnificinas.

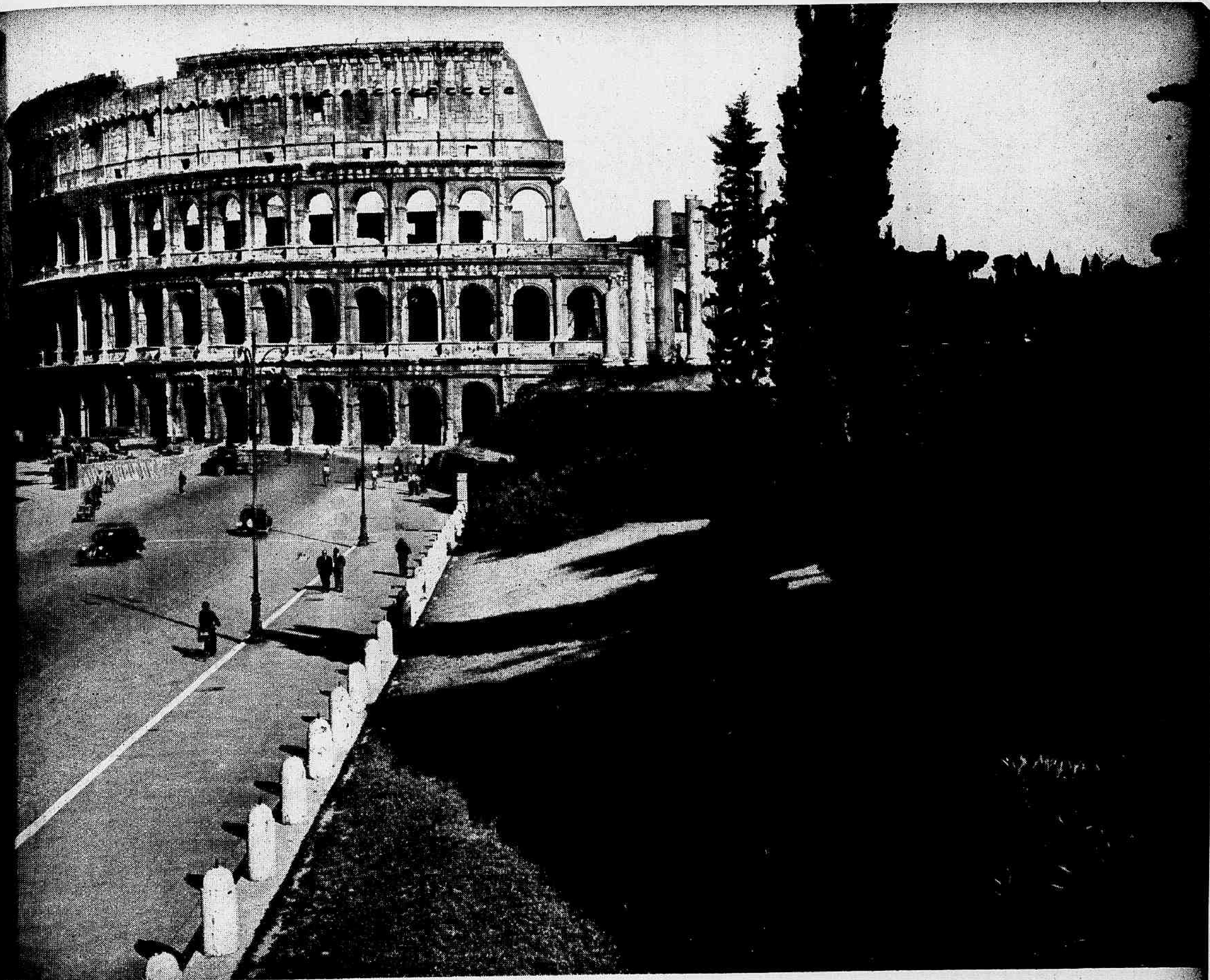
E afinal, vinte séculos bem vividos passaram pelo Anfiteatro Flavio, deixando resistentes, heróicas e majestosas estas ruínas que no seu silêncio de túmulo falam, com èloquência, da história romana.

Subimos agora ao tôpo do anfiteatro junto às muralhas que em uma das faces estão partidas, talvez por terremotos, talvez por destruições dos homens em suas lutas fratricidas que o Passado esqueceu. E do alto nosso olhar abrange as colinas romanas, os jardins de Nero e um séquito de velharias ilustres que o mundo cristão e não-cristão continuam reverenciando.

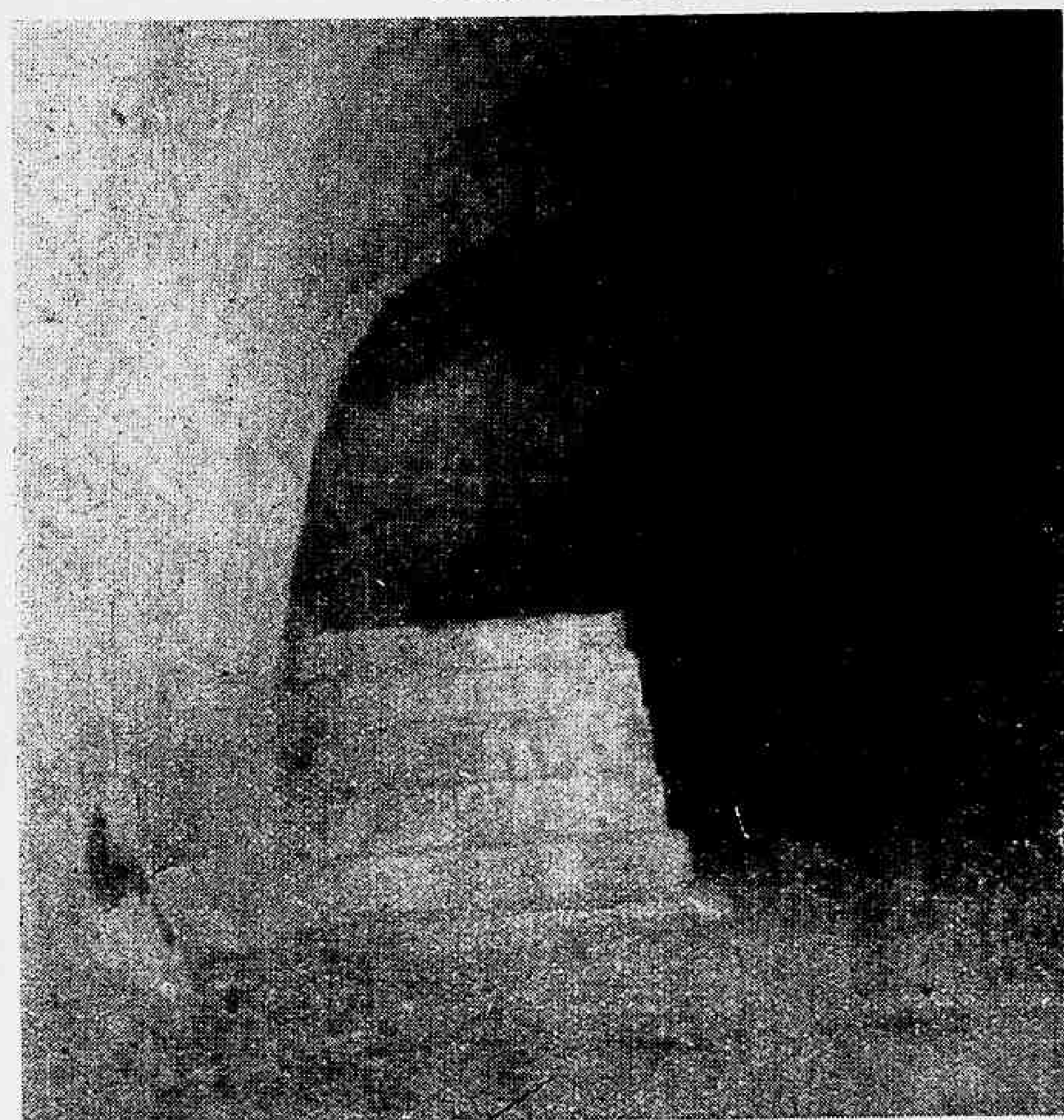
★

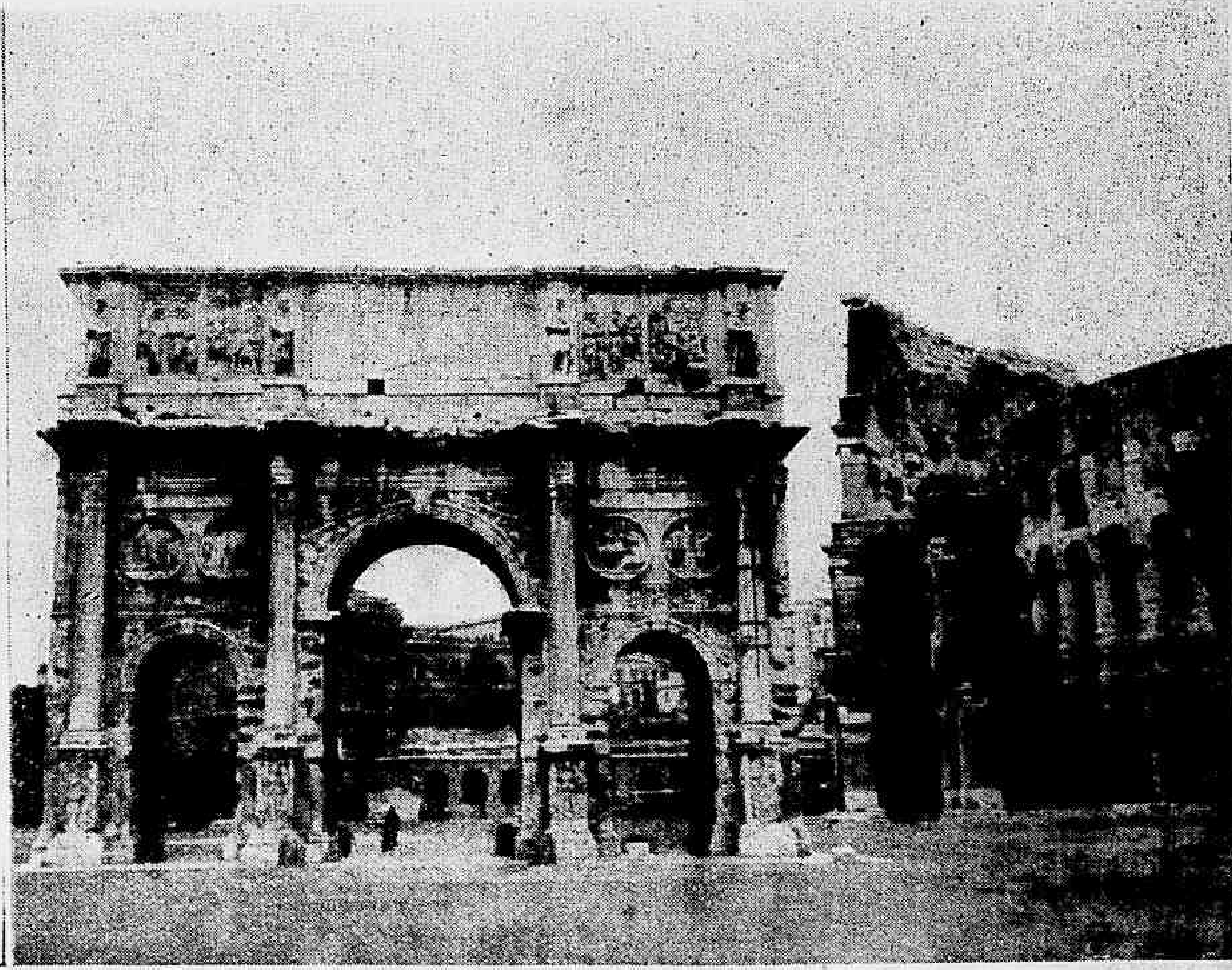
Damos por finda a nossa tarefa. Estão feitas as chapas e foi percorrido o itinerário completo, que ao peregrino avulso não se facilita. Somos, ali dentro, naquele pequeno mundo maciço, nos soturnos corredores das galerias concêntricas, uma sombra a mais entre os milhares de sombras que por lá viveram memoráveis horas. Não encontramos um ser humano. Nossos passos ecoam, me-

(Continua na pág. 52)



FLAGRANTE tirado das proximidades da «Rupe Tarpea», ao longo da «Via dell'Impero», a famosa avenida onde desfilavam as tropas de Mussolini, hoje denominda «Via dei Fori Imperiali». No fundo vê-se a sagoma do «Colosseo». Cada pavimento era ornado por colunas nas ordens dórica, iônica, coríntia. Nos vãos haviam estátuas mitológicas e heróicas





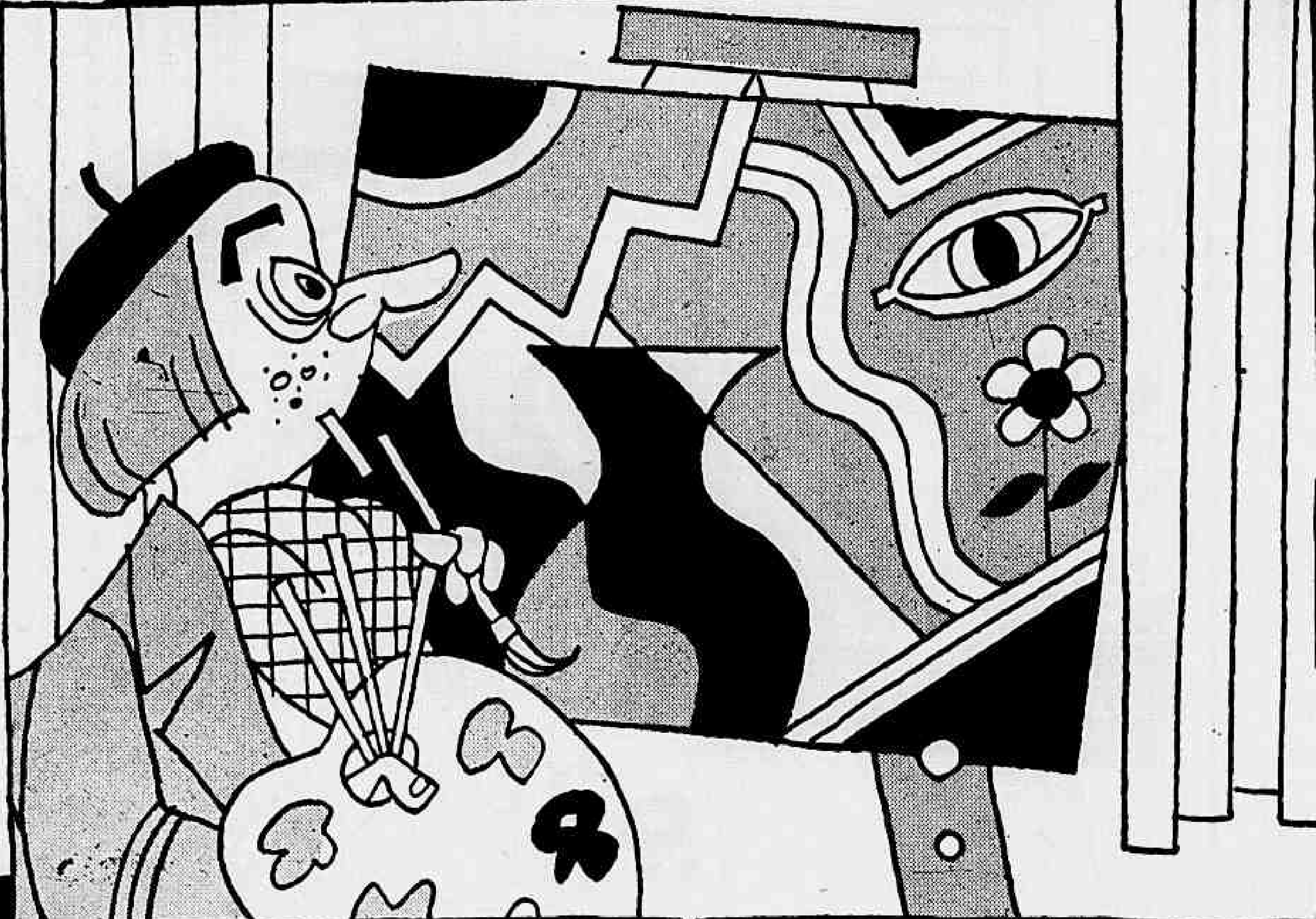
DO FUNDO de uma galeria, também fugindo à vigilância dos guardas, foi batido êste flagrante e, num curva em trevas, onde o sol não penetra. Por aqui, subiam os espectadores que se dirigiam para as galerias superiores. Iluminação? A poder de tochas! À esquerda: o mesmo Arco de Constantino, visto da parte oposta. À direita, a gravura nos mostra um ângulo do Coliseu que, nesse aspecto, em nada se assemelha com a ilustração clássica e geralmente conhecida. O Arco de Constantino foi construído no ano de 1312.

A MULHER PERFEITA



Para os escritores ela é Julieta, Beatriz, Margarida, Dulcinéia...

Para o homem comum a mulher perfeita é Amélia, a do lesco-lesco, a do fôrno e do fogão...



Para o escultor ela é como a Venus de Milo, uma mulher sem braços!

Para o poeta a mulher perfeita tem a figura esguia de uma garça, os olhos de jaboticaba e os cabelos negros como a noite estrelada...



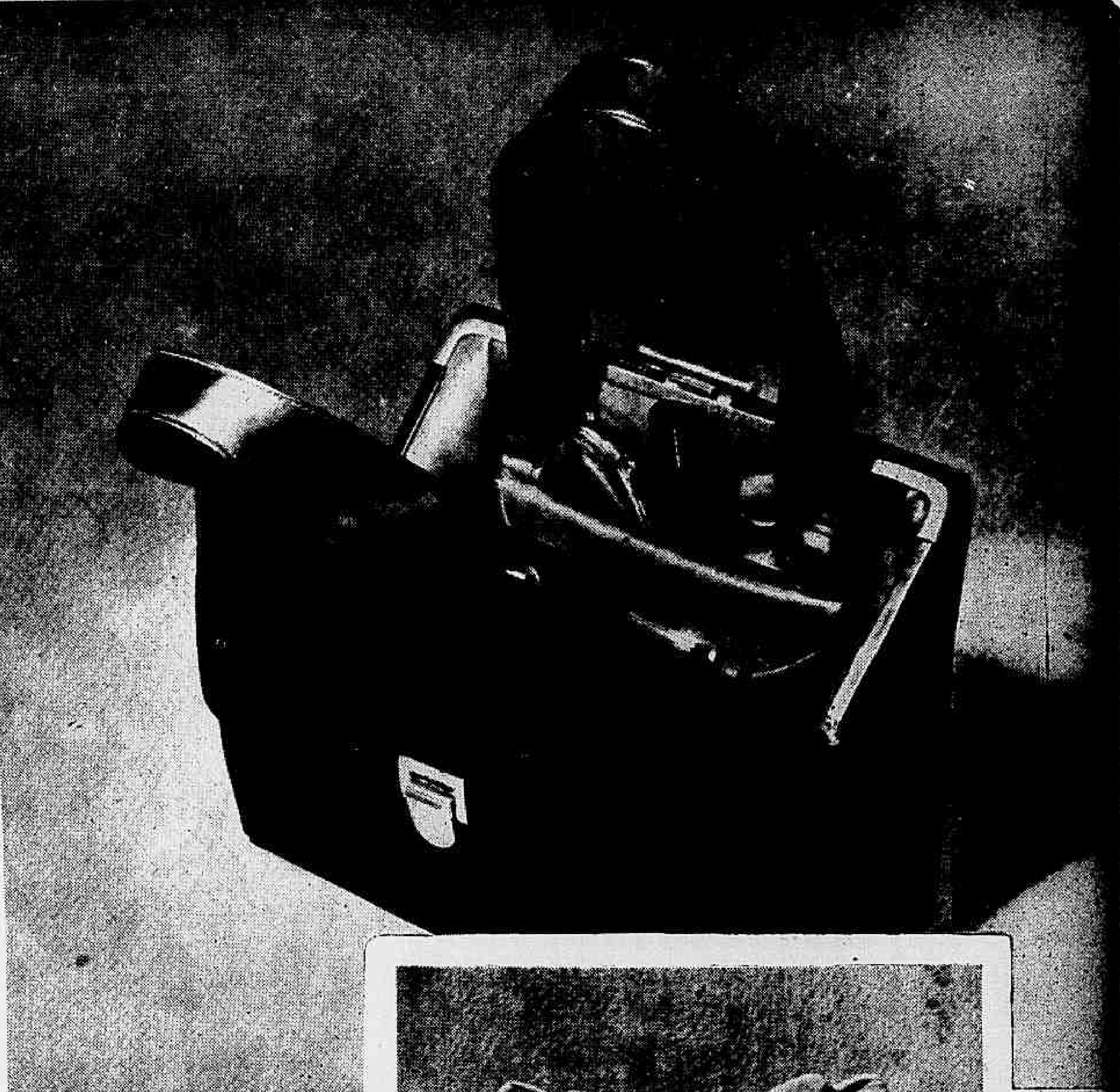


O PODER DA VAIDADE FEMININA

NÃO se pode separar o conceito de elegância feminina do feminíssimo sentimento de vaidade na mulher. Quando os grandes figurinistas estudam em seus gabinetes, verdadeiros laboratórios de elegância e vaidade, os vários tipos de criações da moda, tudo tem que girar em tôrno da beleza de um corpo feminino nutrido pelas imperiosas razões da vaidade. Mas nem sempre é a vaidade um elemento de elegância, da mesma forma por que, nem sempre, é a elegância uma contingência da vaidade. Aquêle aforisma latino de que "vanitas vanitatum et omnia vanitas" é o que faz perder o indivíduo na sociedade humana, de forma alguma se aplica à vaidade feminina em função da elegância no vestir.

O que se condena é a vaidade fátua, pueril, deslocada e semostrativa. Essa é um defeito. A verdadeira vaidade é uma virtude dentro de um espírito de mulher, feia ou bonita, bela ou não. Por isso, quantas vêzes vemos uma filha de Eva metida em vestidos e adereços de último rigor, mas sem nenhuma elegância? Falta, aí, o pequenino "toque" de vaidade, aquêle "it" de que falam as norte-americanas e que tanto vemos divulgado nos filmes de enrêdo. Um belíssimo vestido não pode dar elegância sem que sua dona complete o indumento e os aditivos, com o ligeiro e indispensável sal da elegância.

Êste se manifesta em pequeninas coisas que, embora passem despercebidas na maioria dos casos, são imediatamente notados quando a mulher não os possui. Todo mundo diz logo: "Muito bem arrumadinha; mas... falta qualquer coisa!". Essa "qualquer coisa" é o "toque", o "quê", o "it" da elegância. Como adquirí-lo? Elegância é um produto do "sal" da vaidade. Tôda mulher elegante, mas sem exageros nemostrações fúteis, pode ter êsse "toque". Basta fazer exercícios diante do espêlho e olhar-se como se fôsse a própria rival. Note o seu defeito no andar, no sentar-se, no conversar. E corrija o que estiver deselegante. Mas sem afetação. A afetação na elegância é pior do que a deselegância. Que sejam vaidosas, em doses homeopáticas, sem estragar o "sal" que deve haver no trajar da mulher, a dominadora do mundo, pela elegância, pela vaidade e... pela perspicácia.

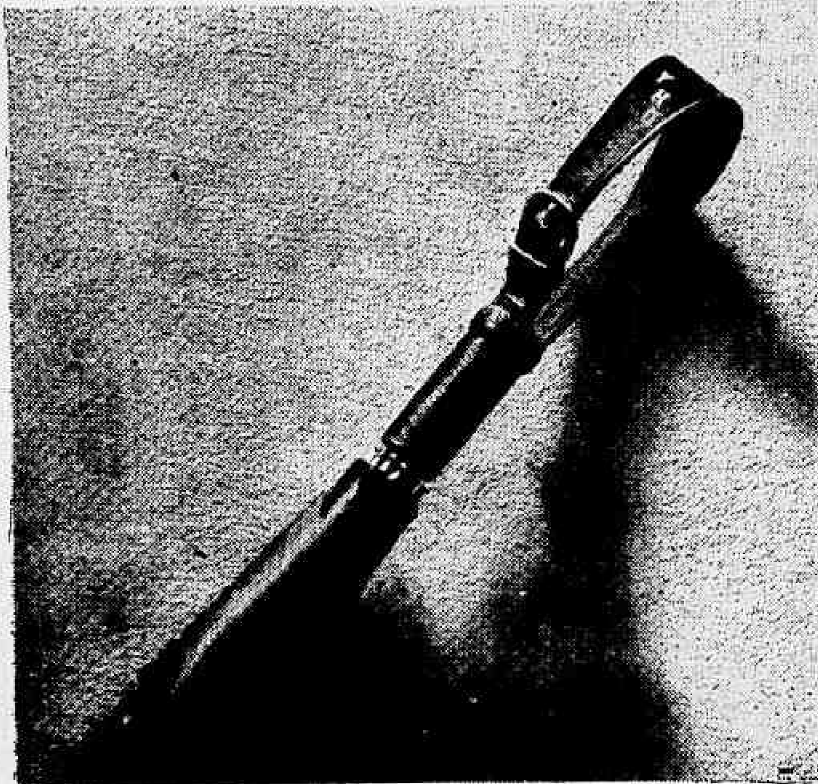




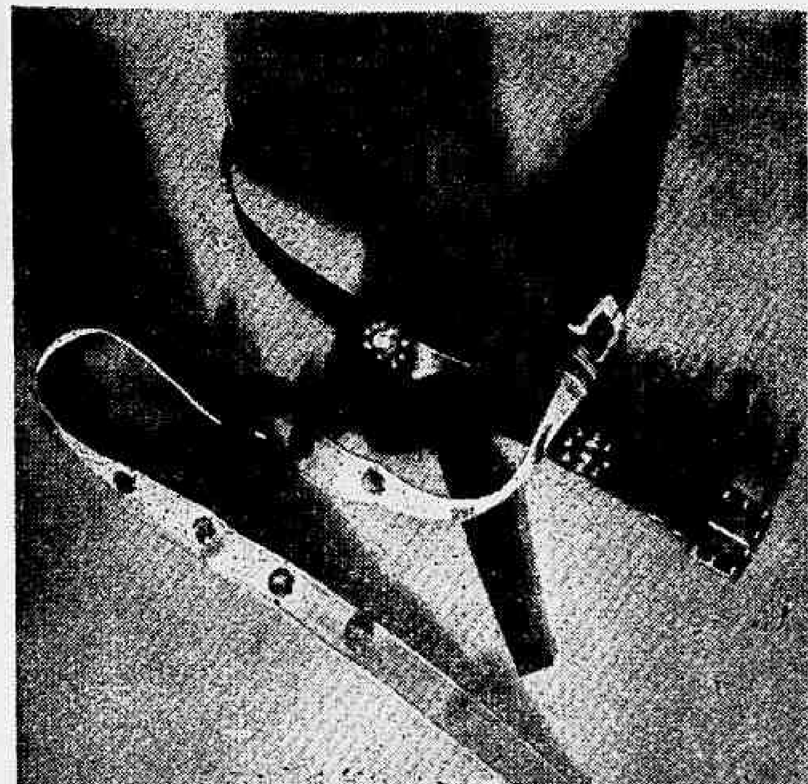
ACESSÓRIOS

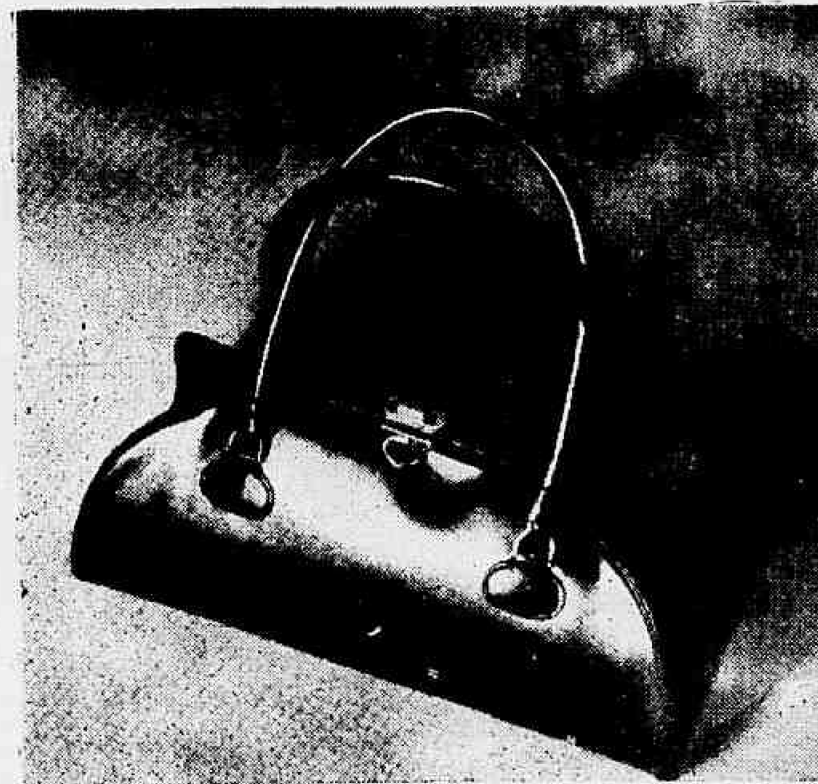
PARA que uma «toilette» esteja completa em sua elegância, inúmeras são as pequeninas coisas indispensáveis em que você deverá pensar: uma bolsa moderna, um cinto diferente ou um sapato exótico não poderão estar fora de suas cogitações. Aqui estão alguns complementos originais que você muito apreciará.

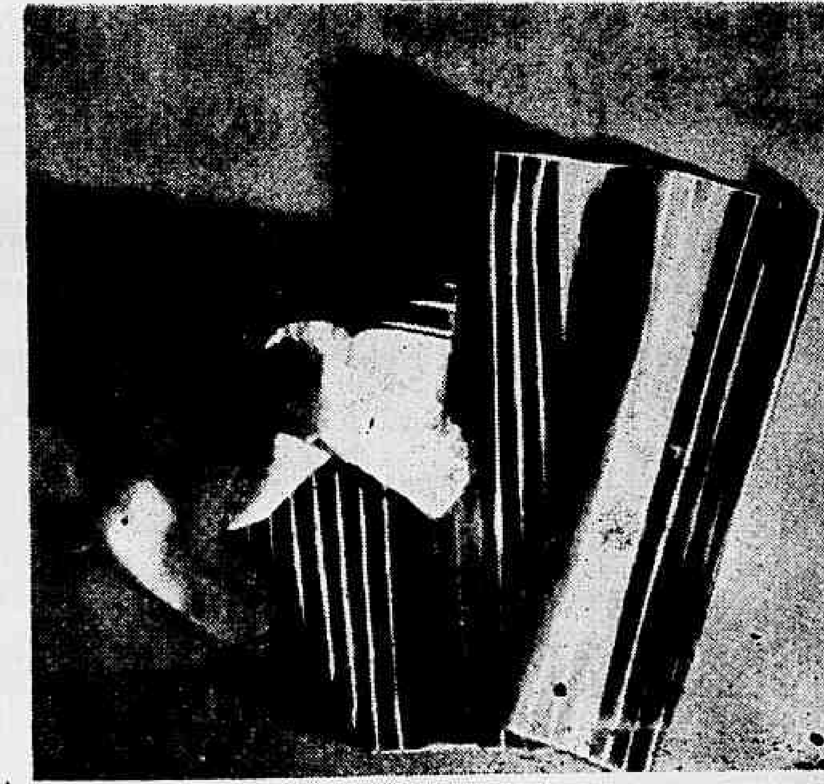


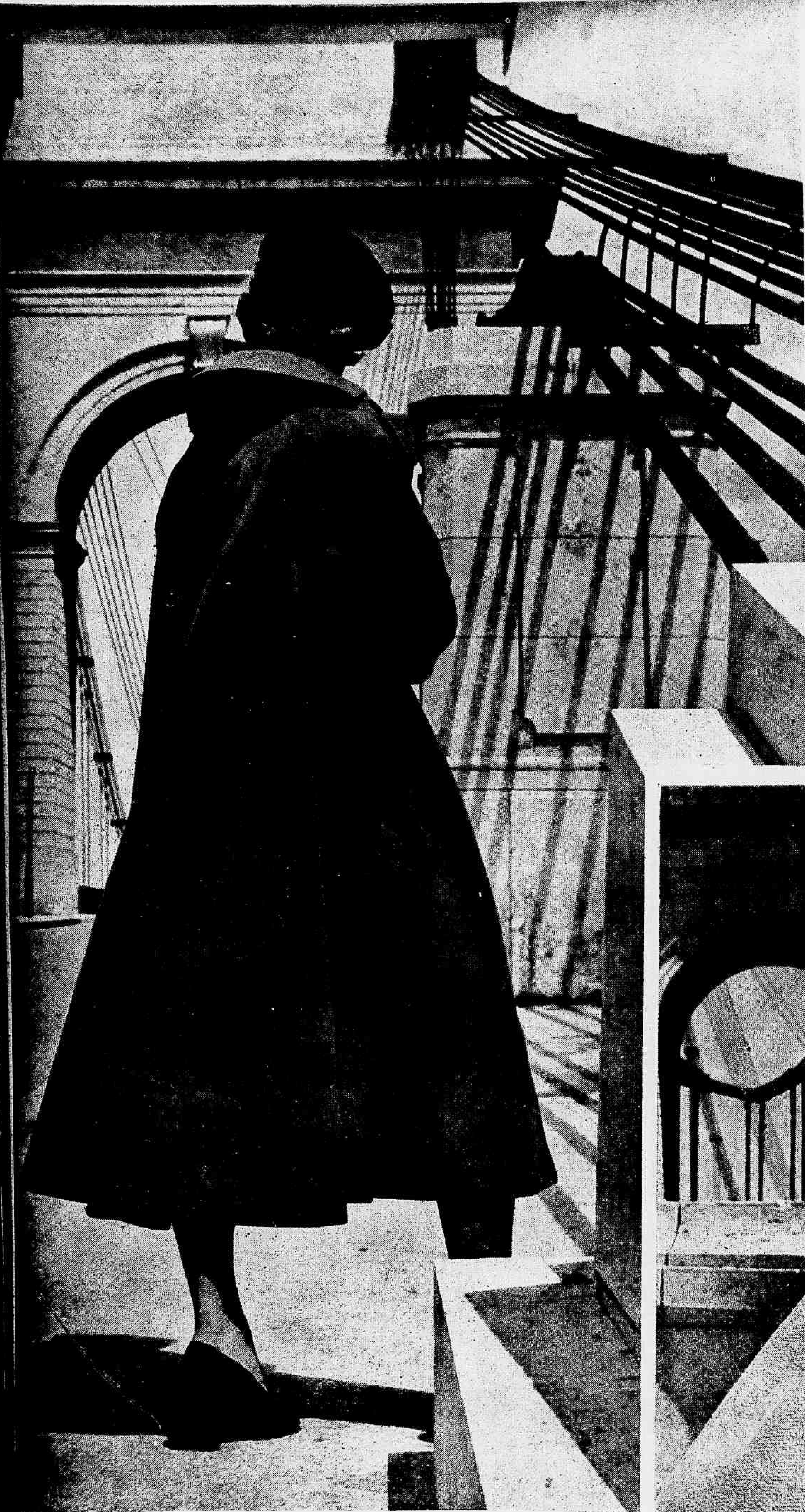














MANHÃS DE FRIO





COM a aproximação dos dias mais frios, aqui sugerimos alguns modelos próprios para manhãs frias ou para as tardes chuvosas. São criações as mais recentes, que Paris nos envia, assinadas por grandes nomes da costura francesa. Em cima, da esquerda para a direita, vemos Alex Maguy, manteau em lã marron, bastante amplo, bolsos embutidos, gola ampla. Worth sugere êste casaco para viagens em beije claro, com bolsos amplos, gola redonda. Um amplo e belo manteau em lã cinza, notar a amplitude das lapelas, dos bolsos e a originalidade da colocação dos dois botões. A seguir, outro notável modêlo, êste de Gabrielle, em lã mescla, cinza. Elegantíssimo é êste casaco de Marcel Chaumont, cintura bem justa, com cinto do mesmo tecido, saia bastante ampla. E' Pierre Balmain quem sugere êste moderno "tailleur" em lã cinza escuro, com gola e bolsos debruados em lã cinza, luvas em camurça pespontada, harmonizando bem com todo o conjunto.







COSTUMES LIGEIROS

QUALQUER dêstes modelos é simples mas elegante. Podem ser confeccionados em lã ou sêda e servem para tôdas as horas. 1 — modêlo com casaco bem cintado, os bolsos e a gola possuem abas levantadas. 2 —— Costume para noite, em sêda, saia bem justa, casaco abotoado com um só botão e gola com as pontas viradas para dentro 3 — Para saídas à tarde, conjunto com saia formando duas pregas na frente e casaco com original gola recortada. 4 — Em tecido listrado, êste modêlo forma contraste pelos bolsos e as mangas, que são cortados com as listras em posição horizontal. 5 — Interessante conjunto de saia em fazenda lisa e casaco em tecido xadrez. A blusa de jersey com uma original gola terminada por uma ponta. 6 — Casaco em lã listrada e saia em lã lisa.











NESTA época do ano, o frio deveria estar começando, fazendo com que acabassem os esportes de verão, no entanto, há ainda um pouco de calor e nos fins de semana muita gente sái para o campo. E' para os esportes realizados durante o «week-end» que apresentamos esta coleção de trajes: 1 — Saia-calça bem curta, e blusa de sêda, conjunto ideal para passeios de bicicleta. 2 — com cinto da própria fazenda. 3 — Calça três quartos em casemira e colete sem mangas, em linho. 4 — Vestido em linho, esporte, todo abotoado na na frente. 5 — Para os jogos de tênis: sêda branca com saia pregueada. Ideal para pescarias êste conjunto de calças curtas e blusão em mangas,



TRAJES ESPORTIVOS







NOVOS CHAPÉUS

AQUI estão algumas interessantes sugestões, criadas pelos chapeleiros de Paris. — Rose Valois sugere, à esquerda, êste "béret" em veludo vermelho, borda virada com pespontos largos. Maria Guy, em baixo, apresenta um modêlo de bastante personalidade em veludo drapeado marron castor, bordas em veludo terminando em drapeado. À direita, Suzanne Talbot nos mostra um modêlo em feltro preto, adornado de penas de canário beije, completadas por um véu de tule em losangos. Finalmente, ao alto, Claude St-Cyr, modêlo em feltro pena e véu com pastilhas em veludo de duas côres.









TEMPORADA LÍRICA





ESTAS são as últimas criações em vestidos de noite. Para modelos mais juvenis os tecidos escolhidos são o tafetá e o tule. Nos vestidos mais senhoris aparecem o tafetá, o veludo e o cetim. O tule tem a vantagem de, pelo aspecto vaporoso que dá aos modelos dispensar os enfeites. Nos vestidos de corte simples, em tafetá ou veludo, estão muito em moda os bordados.

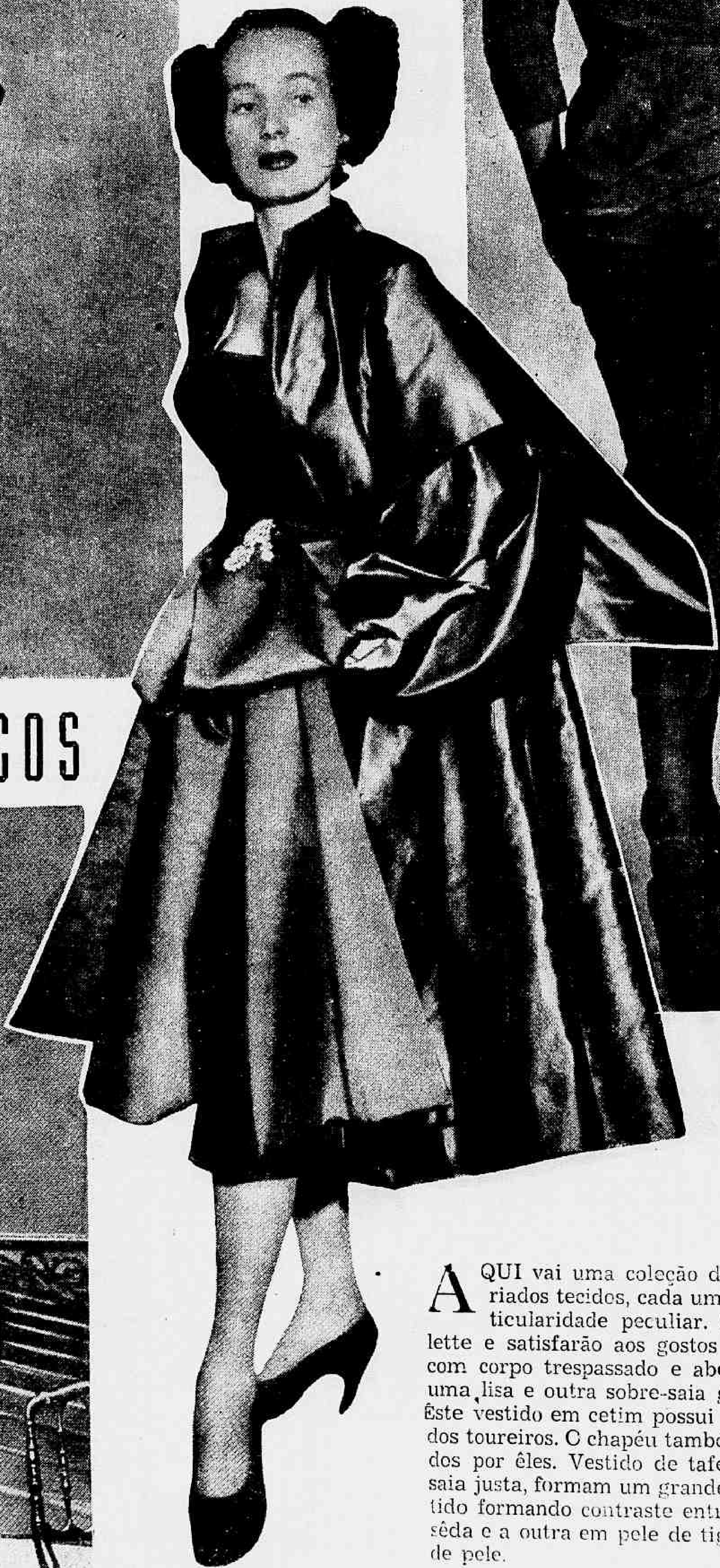
E' interessante notar que não se usam só vestidos sem alças, mas também modelos com mangas e pequenos decotes.





MODELOS EXÓTICOS





AQUI vai uma coleção de vestidos nos mais variados tecidos, cada um apresentando uma particularidade peculiar. São todos modelos toilette e satisfarão aos gostos extravagantes. Modêlo com corpo trespassado e abotoado. Tem duas saias, uma lisa e outra sobre-saia godé, caíndo em gomos. Êste vestido em cetim possui uma capa que lembra a dos toureiros. O chapéu também imita os barretes usados por êles. Vestido de tafetá com decote baixo, a saia justa, formam um grande apanhado de lado. Vestido formando contraste entre a parte executada em sêda e a outra em pele de tigre. O chapéu é também de pele.

Mães do Brasil

Mais um dia consagrado às Mães aparece no calendário; e neste, como em todos os anos, as nossas palavras de homenagem deveriam ser as mesmas, porque o tempo muda mas vós não mudais. Onde quer que exista um lar, neste grande país, lá estareis sempre, a eterna operária heróica e silenciosa, produzindo em vez de objetos inanimados de madeira ou ferro, seres de corpo e alma, produzindo homens, homens bons e úteis, encaminhados para a virtude e para o trabalho.



A humanidade atravessa agora um dos seus momentos mais difíceis; e no meio dos perigos que nos cercam, Mães do Brasil e do mundo, sois vós as mais ameaçadas, porque em tôdas as crises sofreis duplamente, por vós e por vossos filhos. E no entanto é de vós que recebemos a nossa melhor lição de fé e coragem. Quando os demais tremem, vós, fracas mulheres, não tendes mêdo, continuais serenamente a criar os vossos meninos, e entregá-los à pátria assim que se fazem adultos e teimais em formá-los da melhor maneira possível, cada vez mais sãos de corpo e mais adiantados de alma. E' que descobristes, com a vossa inata sabedoria, que a salvação do mundo depende da qualidade dos vossos filhos, êsses homens e mulheres do futuro que são a vossa contribuição e a vossa responsabilidade.

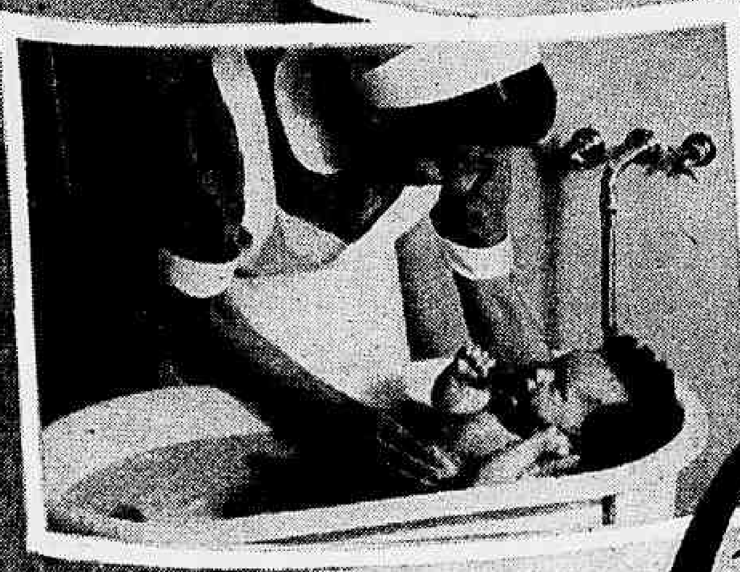
Mães do Brasil, no vosso dia, nós vos saudamos e mais uma vez vos oferecemos nossa solidariedade e a nossa ajuda. Contribuindo para suavizar a vossa tarefa, damos prova implícita de fé na vossa afirmativa silenciosa de que a esperança não está perdida, de que, passados os dias de insegurança e mêdo, sôbre o mundo há de descer a luz abençoada da paz, permitindo de novo o progresso tranqüilo, a boa vontade e a fraternidade entre os homens.

COMPANHIA INDUSTRIAL E COMERCIAL BRASILEIRA DE PRODUTOS ALIMENTARES

Concessionária exclusiva no Brasil dos *Produtos Nestlé*







Gratis

Remeteremos uma útil e bonita brochura sôbre os cuidados com a criança a todos os que nos devolverem, devidamente preenchido, o cupom ou a solicitarem, por escrito, à Caixa Postal 760 - Rio.

NOME ____________________

RUA ____________________ N. ________

CIDADE ____________________

ESTADO ____________________



BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.° 50 - Rio

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL



WEEK-END NA COZINHA

TORTA DE BISCOITOS COM CREME DE MÁLAGA

2 a 3 gemas, ½ colher de sopa de maizena ou farinha de batatas, 60 gramas de açúcar e 2/10 de litro de Málaga. Faz-se uma massa, conforme se deseje e leva-se ao forno em fôrma bem untada. Depois de estar bem fria, tira-se o centro da torta de maneira que fique só ½ centimetro de fundo e ½ cm de bordas e enche-se a cavidade com creme de Málaga. Com o auxilio de um cartucho enfeita-se a superficie da torta com creme Chantilly.

Levam-se ao fogo fraco as gemas batidas, o vinho, o açúcar e a maizena mexendo-se sempre até formar um creme grosso; retira-se do fogo e continua-se a bater até que o creme esfrie.

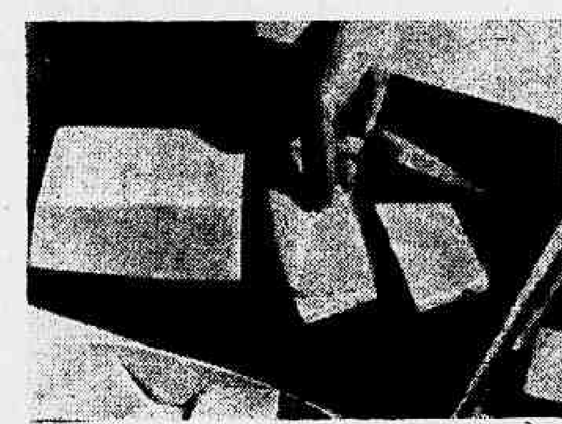
TORTINHAS PONNY

Massa mole, 90 gr de açúcar, 90 de amêndoas raladas, 4 gemas, 1 pitada de sal, 1 colher das de sopa de corintos, amolecidos em água quente, 4 colheres de sopa bem cheias de maçãs azêdas raladas, e canela. Bate-se o açúcar e as gemas até ficar um creme espumoso; juntam-se as amêndoas, o sal, as maçãs, os corintose, a canela. Põe-se esta massa em forminhas forradas com massa mole. As tortinhas devem ser assadas devagar, em forno regular e não muito quente.

OMELETE COM BANANAS

Cortam-se as bananas em 2 partes, mergulham-se em uma massa meio grossa de omelete, fritam-se em bastante banha, e polvilham-se com açúcar. Ou então, 6 bananas, 3 colheres de sopa de açúcar, 60 gr de farinha, 30 gr de amêndoas, 2 ovos, 1 pouco de açúcar de baunilha e passas sem sementes.

Descascam-se as bananas, amassam-se com um pouco de água de açúcar, mistura-se com a farinha, as amêndoas raladas, as gemas, algumas passas, um pouco de açúcar de baunilha e as claras bem batidas. Desta massa fritam-se pequenos bolinhos em banha quente, polvilham-se com açúcar e servem-se quentes.







PLUMCAKE

250 gr de manteiga, 250 gr de açúcar, 6 a 8 ovos, 250 gr de farinha de trigo, 4 colheres das de chá de fermento em pó, ½ copo de rum, 10 gr de amêndoas raladas, 150 gr de passas, 125 gr de corinto, 60 gr de cidra, e laranjas cristalizadas e picadinhas, 1 pitada de sal, casca ralada de limão, um pouco de noz-moscada ralada e um pouco de canela.

À manteiga bem batida junta-se, alternadamente, o açúcar, 2 ovos inteiros e 6 gemas, mexendo-se constantemente; adicionam-se a farinha com o fermento, as claras batidas em neve e por último o rum, as amêndoas e os outros ingredientes. Forra-se uma fôrma comprida untada com papel untado e assa-se em forno médio por espaço de 50 a 60 minutos.

Plumcake deve ser feito com 2 a 3 dias de antecedência.

SALADA DE BATATAS

Arruma-se a salada de batatas no centro de um prato, salada esta que pode ser misturada com maionese. Em volta, coloca-se salada de alface, tomates com ovos, bem como cartuchos feitos com salmão defumado e leques recortados de pepinos em conserva ou alcaparras. Guarnece-se o prato com rabanetes, salsa e ovos sôbre os quais se colocam sardinhas.

CREME PARA RECHEIO

1 litro de leite, 300 gr de açúcar, ½ fava de baunilha, 50 gr de farinha, 2 ovos inteiros, 6 gemas (ou 2 gemas e 40 gr de maizena). Em uma tigela, misturam-se muito bem o açúcar, a farinha, e os ovos. Ao mesmo tempo, leva-se o leite para ferver e, quando estiver fervendo, despeja-se lentamente sem parar de mexer, sôbre a mistura. Em seguida, torna-se a despejar na panela, que se leva novamente ao fogo, onde deverá ficar até o momento de começar a levantar fervura, sem contudo deixar de mexer. Despeja-se em uma travessa, onde se deixa esfriar, tendo o cuidado de mexer de vez em quando.

QUEIJO E PÃO

Pão de centeio, sal, manteiga e queijo. Corta-se o pão de centeio em fatias. Colocam-se as fatias de pão em uma travessa, cobrindo-se as mesmas com queijo ralado. Sôbre o queijo ralado, dispõe-se outra camada de pão e assim por diante. Cobre-se em seguida tudo com água fervendo e sal. Depois de 20 minutos tira-se a água que sobrou e frige-se a massa em bastante manteiga.

ARROZ SIMPLES

250 gr de arroz, cebolas, gordura e sal. Escolhe-se e lava-se o arroz, que se enxuga muito bem com um pano limpo. ½ hora antes de servir refogam-se as cebolas picadas em gordura quente juntamente com o sal e o arroz que se deixam frigir muito bem. Em seguida, cobre-se êste com água fervendo até dois dedos acima da superficie do arroz. Deixa-se ferver em fogo forte e, quando a água estiver quase sêca, retira-se a panela e deixa-se cozinhar o arroz em fogo brando.

ARROZ COM CALDO DE PEIXE

200 gr de arroz, cebolas picadas, caldo de peixe. Frige-se o arroz com as cebolas em manteiga, e junta-se o sal. Cozinha-se em fogo forte, em seguida retira-se a panela para o lado, deixando cozinhar lentamente em fogo fraco até secar o caldo. Antes de servir mexe-se ligeiramente com um garfo misturando-se-lhe um pouco de manteiga.

BOLINHOS COM COMPOTA

700 gr de farinha, xicara e meia de
leite morno, 2 ovos, ¾ de xicara de man-
teiga derretida, 25 gr de fermento, 2 co-
lheres de açúcar. Mistura-se a metad
da farinha com o leite, juntando-se-lhe
o sal, os ovos batidos e o fermento dissol
vido em um pouquinho de leite morno
Põe-se esta massa em um lugar quent
e deixa-se crescer. Em seguida juntam
se-lhe o restante da farinha, a manteig
e o açúcar, continuando-se a amassa
até formar bôlhas. Deixa-se crescer nova
mente a massa. Quando ela estiver be
crescida, estende-se, deixando-se be
grossa, cortando-se rodelas com um cop
rodelas essas que se deixam crescer no
vamente. Em seguida, frigem-se com bas
tante manteiga ou gordura, durante 10 m
nutos. Servem-se com compota.

PASTÉIS DE CENOURA

O recheio: Faça um môlho Bechame
Para êste recheio o môlho deve ficar be
espêsso e junte ainda 6 cenouras coz
das em água a ferver com sal, ½ colh
de açúcar, e cortadas em dados de 1 c

A massa: Misture 1 colher bem ch
de banha, sal, 1 ôvo inteiro e 4 colh
res de leite morno. Vá juntando farin
de trigo peneirada e amassando até fi
elástica como massa de qualquer past
Deixe descansar 1 hora e estenda com
rôlo, bem fina e depois corte em rode
grandes com o cortador. Torne a am
sar as dobras e a cortar bem. Bote u
pequena colherada do recheio em ca
rodela, dobre ao meio, acalque ao re
da parte recheada com o lado contrá
de um cortador menor, para que o
cheio fique bem prêso. Também p
cortar as rodelas com uma lata redo
e firmar o recheio com as pontas
dedos. Leve os pastéis a fritar em b
tante anha bem quente, regando sem
com a banha para crescerem. Arru
num tabuleiro com papel pardo para
carem. Arrumê em coroa ao redor de
prato redondo, em diversas fileiras,
rando sempre, até encher o prato c
se fôsse uma grande flor e se os pas
fôssem as pétalas.

Môlho Bechamel: Tome 1 colher de
de cebolas picadinhas e 1 cenoura em
delas bem finas. Leve a fritar em
boa colher de manteiga, depois jun
colher de farinha de trigo, e molhe
3 xicaras de caldo ou de leite, e
de novo ao fogo para engrossar e
neire na hora de servir, junte 1 c
de chá de manteiga e esquente.

OVOS RECHEADOS EM CAIXINH

Cozinhe uns 30 ovos, divida ao m
corte fóra as 2 pontas, apenas par
carem em pé. Retire as gemas, esf
com um garfo, junte 150 gr de pre
bem picadinho. Misture de leve,
as conchas dos ovos, de modo qu
quem abauladas e coloque em caix
de papel frizado. E' fácil e interess
Também pode amassar as gemas com
dinhas de lata.

SOPA CAMPONESA

Toste bem os ossos e a carne que
Depois molhe com 3 litros de á
junte ½ xicara de feijão branco.
cozinhar um pouco, para então adi
¼ de repôlho, 8 cenouras, 3 nabos,
tatas-doce regulares, 1 alho porr
teiro, 1 cebola regular e deixe coz
Pouco antes de servir, junte um
de abóbora. Retire os ossos e a
Parta os legumes em quadrados de
e torne a juntar ao caldo com o
branco. Sirva bem quente.

CHARLOTTE CRUA DE CHOCOL

Passe na máquina, 150 gr de am
raladas peladas e torradas no forno
250 gr de manteiga, até ficar como

WEEK-END NA COZINHA

PLUMCAKE

250 gr de manteiga, 250 gr de açúcar, 6 a 8 ovos, 250 gr de farinha de trigo, 4 colheres das de chá de fermento em pó, ½ copo de rum, 10 gr de amêndoas raladas, 150 gr de passas, 125 gr de corinto, 60 gr de cidra, e laranjas cristalizadas e picadinhas, 1 pitada de sal, casca ralada de limão, um pouco de noz-moscada ralada e um pouco de canela.

À manteiga bem batida junta-se, alternadamente, o açúcar, 2 ovos inteiros e 6 gemas, mexendo-se constantemente; adicionam-se a farinha com o fermento, as claras batidas em neve e por último o rum, as amêndoas e os outros ingredientes. Forra-se uma fôrma comprida untada com papel untado e assa-se em forno médio por espaço de 50 a 60 minutos.

Plumcake deve ser feito com 2 a 3 dias de antecedência.

SALADA DE BATATAS

Arruma-se a salada de batatas no centro de um prato, salada esta que pode ser misturada com maionese. Em volta, coloca-se salada de alface, tomates com ovos, bem como cartuchos feitos com salmão defumado e leques recortados de pepinos em conserva ou alcaparras. Guarnece-se o prato com rabanetes, salsa e ovos sôbre os quais se colocam sardinhas.

CREME PARA RECHEIO

1 litro de leite, 300 gr de açúcar, ½ fava de baunilha, 50 gr de farinha, 2 ovos inteiros, 6 gemas (ou 2 gemas e 40 gr de maizena). Em uma tigela, misturam-se muito bem o açúcar, a farinha, e os ovos. Ao mesmo tempo, leva-se o leite para ferver e, quando estiver fervendo, despeja-se lentamente sem parar de mexer, sôbre a mistura. Em seguida, torna-se a despejar na panela, que se leva novamente ao fogo, onde deverá ficar até o momento de começar a levantar fervura, sem contudo deixar de mexer. Despeja-se em uma travessa, onde se deixa esfriar, tendo o cuidado de mexer de vez em quando.

QUEIJO E PÃO

Pão de centeio, sal, manteiga e queijo. Corta-se o pão de centeio em fatias. Colocam-se as fatias de pão em uma travessa, cobrindo-se as mesmas com queijo ralado. Sôbre o queijo ralado, dispõe-se outra camada de pão e assim por diante. Cobre-se em seguida tudo com água fervendo e sal. Depois de 20 minutos tira-se a água que sobrou e frige-se a massa em bastante manteiga.

ARROZ SIMPLES

250 gr de arroz, cebolas, gordura e sal. Escolhe-se e lava-se o arroz, que se enxuga muito bem com um pano limpo. ½ hora antes de servir refogam-se as cebolas picadas em gordura quente juntamente com o sal e o arroz que se deixam frigir muito bem. Em seguida, cobre-se êste com água fervendo até dois dedos acima da superfície do arroz. Deixa-se ferver em fogo forte e, quando a água estiver quase sêca, retira-se a panela e deixa-se cozinhar o arroz em fogo brando.

ARROZ COM CALDO DE PEIXE

200 gr de arroz, cebolas picadas, caldo de peixe. Frige-se o arroz com as cebolas em manteiga, e junta-se o sal. Cozinha-se em fogo forte, em seguida retira-se a panela para o lado, deixando cozinhar lentamente em fogo fraco até secar o caldo. Antes de servir mexe-se ligeiramente com um garfo misturando-se-lhe um pouco de manteiga.

BOLINHOS COM COMPOTA

700 gr de farinha, xícara e meia de leite morno, 2 ovos, ¾ de xícara de manteiga derretida, 25 gr de fermento, 2 colheres de açúcar. Mistura-se a metade da farinha com o leite, juntando-se-lhes o sal, os ovos batidos e o fermento dissolvido em um pouquinho de leite morno. Põe-se esta massa em um lugar quente e deixa-se crescer. Em seguida juntam-se-lhe o restante da farinha, a manteiga e o açúcar, continuando-se a amassar até formar bôlhas. Deixa-se crescer novamente a massa. Quando ela estiver bem crescida, estende-se, deixando-se bem grossa, cortando-se rodelas com um copo, rodelas essas que se deixam crescer novamente. Em seguida, frigem-se com bastante manteiga ou gordura, durante 10 minutos. Servem-se com compota.

PASTÉIS DE CENOURA

O recheio: Faça um môlho Bechamel. Para êste recheio o môlho deve ficar bem espêsso e junte ainda 6 cenouras cozidas em água a ferver com sal, ½ colher de açúcar, e cortadas em dados de 1 cm.

A massa: Misture 1 colher bem cheia de banha, sal, 1 ôvo inteiro e 4 colheres de leite morno. Vá juntando farinha de trigo peneirada e amassando até ficar elástica como massa de qualquer pastel. Deixe descansar 1 hora e estenda com o rôlo, bem fina e depois corte em rodelas grandes com o cortador. Torne a amassar as dobras e a cortar bem. Bote uma pequena colherada do recheio em cada rodela, dobre ao meio, acalque ao redor da parte recheada com o lado contrário de um cortador menor, para que o recheio fique bem prêso. Também pode cortar as rodelas com uma lata redonda e firmar o recheio com as pontas dos dedos. Leve os pastéis a fritar em bastante anha bem quente, regando sempre com a banha para crescerem. Arrume num tabuleiro com papel pardo para secarem. Arrumé em coroa ao redor de um prato redondo, em diversas fileiras, cerrando sempre, até encher o prato como se fôsse uma grande flor e se os pastéis fôssem as pétalas.

Môlho Bechamel: Tome 1 colher de chá de cebolas picadinhas e 1 cenoura em rodelas bem finas. Leve a fritar em uma boa colher de manteiga, depois junte 1 colher de farinha de trigo, e molhe com 3 xícaras de caldo ou de leite, e leve de novo ao fogo para engrossar e peneire na hora de servir, junte 1 colher de chá de manteiga e esquente.

OVOS RECHEADOS EM CAIXINHAS

Cozinhe uns 30 ovos, divida ao meio e corte fóra as 2 pontas, apenas para ficarem em pé. Retire as gemas, esfarele com um garfo, junte 150 gr de presunto bem picadinho. Misture de leve, encha as conchas dos ovos, de modo que fiquem abauladas e coloque em caixinhas de papel frizado. E' fácil e interessante. Também pode amassar as gemas com sardinhas de lata.

SOPA CAMPONESA

Toste bem os ossos e a carne que tiver. Depois molhe com 3 litros de água e junte ½ xícara de feijão branco. Deixe cozinhar um pouco, para então adicionar ¼ de repôlho, 8 cenouras, 3 nabos, 3 batatas-doce regulares, 1 alho porrô inteiro, 1 cebola regular e deixe cozinhar. Pouco antes de servir, junte um pedaço de abóbora. Retire os ossos e a carne. Parta os legumes em quadrados de 2 cm, e torne a juntar ao caldo com o feijão branco. Sirva bem quente.

CHARLOTTE CRUA DE CHOCOLATE

Passe na máquina, 150 gr de amêndoas raladas peladas e torradas no forno. Bata 250 gr de manteiga, até ficar como creme,



junte aos poucos 350 gr de açúcar peneirado e torne a bater, adicione 4 gemas batidas como para gemada e 4 paus de chocolate ralado e derretido em 4 colheres de água. Trabalhe a pasta ainda uns 10 minutos. Tome uma fôrma forrada com papel impermeável e arrume em camadas: Biscoitos palitos, a pasta salpicada com as amêndoas e assim até encher a fôrma. Faça de véspera e guarde na geladeira ou em lugar fresco. Emborque a fôrma num prato, deixe repousar uns 5 minutos, depois retire a fôrma e o papel com cuidado.

CARTUCHOS DE PRESUNTO COM FIOS DE OVOS

Enrole fatias de presunto como cartuchos, encha com fios de ovos, e coloque sôbre fôlhas brancas de chicória ou de alface. Pode servir também para acompanhar peru assado.

FIOS DE OVOS

2 quilos de açúcar cristalizado em calda branda clarificada e 3 dúzias de gemas. Passe as gemas numa escócia ou pano ralo. Leve a calda ao fogo forte para que a espuma suba, sôbre a qual vá despejando as gemas, por meio de um funil próprio, e movendo sempre ao redor do tacho. Depois vá retirando logo os fios da calda com a escumadeira, deitando em uma peneira, bem espalhados, e assim até acabadas as gemas. Sempre que a alda engrossar demais, acrescente um pouco mais de água quente. Ponha gotas de água de flor ou ½ fava de baunilha na calda. Arrume os fios menores em forma de pirâmide no centro de um prato, e com os fios longos vá enrolando a pirâmide como um carretel. Se os fios ficarem grudados, despeje sôbre êles água quente com um pouco da calda, a fim de soltá-los.

CANAPES ESCARLATE

Corte 1 pão de fôrma como para sanduiches. Leve a torrar um pouco e passe uma grossa camada de manteiga. Sôbre esta arrume fatias bem finas de língua afiambrada bem vermelha e corte tudo com um cortador em forma de estrêla. Pelo menos deve cortar umas 24 estrêlas.

SALADA DE BANANAS

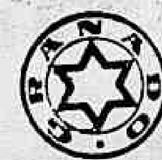
Tome umas 10 bananas, parta em rodelas e tempere com 1 colher de creme de leiteria, sal e ½ limão. Descasque umas 4 laranjas e parta em pequenos pedaços. Tome fôlhas frescas de alface branca e repolhuda, e tempere com 1 colher de azeite, sal e ½ colher de vinagre fino. Arrume as laranjas no centro, as bananas ao redor e depois as fôlhas de alface em pé na saladeira, circulando tudo.



MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

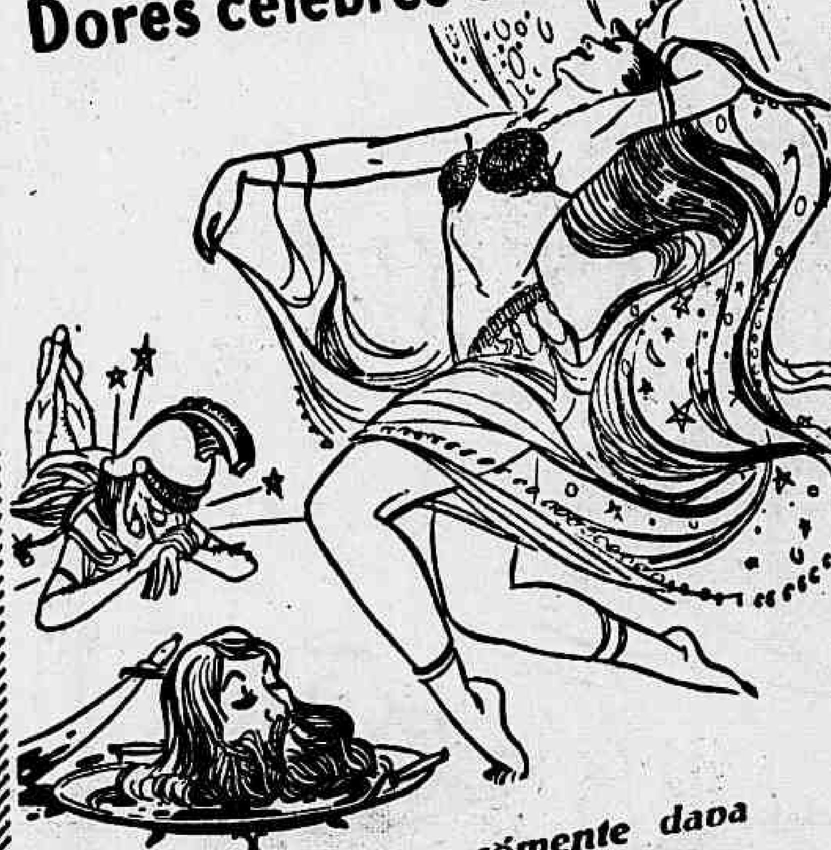


Polvilho Antisséptico

GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

Dores célebres da história...



Salomé não sòmente daoa 'terríveis' dores de cabeça aos homens, como fazia cortar a cabeça aos santos.



Se é BAYER é bom

CAFIASPIRINA
alivia e reanima

A SAÚDE DO BEBÊ

PERTURBAÇÕES NUTRITIVAS NO ALACTAMENTO DO SEIO

DR. SABOIA RIBEIRO

OS distúrbios nutritivos no alactamento natural, isto é, ao seio, verificam-se com bastente freqüência na prática pediátrica. Em verdade, não oferecem o caráter intenso nem a gravidade dos distúrbios produzidos pelo leite de vaca, mesmo quando se acompanham de diarréia, e cedem mais fàcilmente às medidas higieno-dietéticas.

Em primeiro lugar temos a *superalimentação*, naquelas crianças que mamam demasiado tempo no seio materno, com grande abundância de leite.

A criança superalimentada não engana. Olhos pequenos, sumidos, numa face cheia, pescoço grosso, ventre derramado e coxas e punhos repletos de dobras. O fato é que mamam a curtos intervalos, com glutoneria, ou se obedecendo a horário, em cada vez, mais de 25 minutos!

Tal defeito de alimentação corrige-se dando um seio cada vez (se o leite é farto na genitora), limitando as mamadas até 15 minutos, e de qualquer forma, estabelecendo um rigoroso horario.

Se existe diarréia, com parada do pêso, ou maior desenvolvimento da criança, dois estados devem, logo, ser investigados: escassez do leite materno, ou um defeito de constituição da criança.

Se as dejeções são caracteristicamente mucosas, sem grandes perdas liquidas, pode-se, de logo, firmar o diagnóstico de *subnutrição da criança por escassez de leite materno*. A criança, em tais condições, apresenta-se, sempre, com o pêso diminuido. E como, em cada vez, mama insuficientemente, está, de fato, passando fome, e daí não esperar, entre uma e outra mamadura, sem chôro — *chôro de fome*, caracteristico, gritado e inquieto.

Ao lado do chôro e irritabilidade, é a detença do pêso o elemento mais constante quando existe escassez do leite materno.

Outras vêzes, ao envés da diarréia, conta-se a prisão de ventre, na escassez do leite materno. Cumpre não esquecer, porém, que na verdadeira prisão de ventre, por mingua do leite materno, a criança não se desenvolve convenientemente; quando, portanto, o desenvolvimento é satisfatório, há concluir por um aproveitamento total do leite materno, expresso no pêso antes normal da criança.

Se as dejeções, noutros casos, apresentam-se mais fluidas, verdolengas ou verdadeiramente verdes, então procede suspeitar de um defeito de constituição da criança, que obriga a mudar de alimentação.

Na escassez do leite materno o remédio não é suspender o alactamento ao se[io] que até completar a criança três meses [é] sempre aconselhável; porém, reforçar ca[da] mamadura de 15 minutos com uma qu[ota] alimentar supletiva; esta quota suplet[iva] pode ser:

Agua, 330 gramas. Creme de arroz [...] colheres de chá. Coser 5 minutos. Acr[es]centar 1 colher e meia, das de chá, [de] manteiga derretida a fôgo brando e [...] igual quantidade de uma farinha mal[tada] dextrinizada, e ao todo juntar, por fim, [...] colheres de leitelho em pó.

Dar, depois do peito, 50 gramas de[sta] mistura, que se irá aumentando com [a] idade da criança, progressivamente.

Cumpre ressaltar, porém, que nem se[m]pre a escassez do leite materno se aco[m]panha de diarréia da criança, mas [de] prisão de ventre. Mas a parada de p[êso] não faltará, bem como o chôro, *de fom[e]*.

Quando a perturbação nutritiva se pre[nde] a defeito de constituição da criança, se[m]pre acompanhada de fezes grumosas [e] verdolengas, impõe-se, também, uma m[u]dança fundamental do regime.

O ponto fundamental é proceder ao p[re]paro de mamadeiras em que as gordu[ras] do leite sejam corrigidas convenientem[ente] pelas farinhas, o que se obtém, graças [à] chamada mistura butiro-farinácea, em [que] a manteiga é a gordura escolhida para [o] preparo da mistura alimentar.

Na mistura butiro-farinácea temos u[ma] composição em que entram manteiga, [fa]rinha, açucar, água e leite de vaca. [A] correlação destas substâncias é a [se]guinte:

Mistura leite + agua 200 cc — (2 pa[rtes] leite, 1 parte água, acima dos 3 meses; [me]tade leite, metade agua, abaixo dos [3] meses).

Manteiga e farinha — 1 colher de [...]

Adoçar.

A manteiga é aquecida numa panela [es]maltada a fogo brando, mexendo [com] colher de pau, até que espume e fique [le]vemente corada; juntar então a farinha [aos] poucos, até o todo ficar bem homogê[neo]. Juntar, então, a mistura leite e água, [nas] proporções convenientes.

E' de boa prática, por volta do qu[arto] ou quinto mês, introduzir uma refe[ição] de sal na regime dêsses bebês constitu[cio]nalmente dificeis e onde o olhar exp[eri]mentado do pediatra identifica um di[s...]sico.

Uma fórmula:

200 grs. de caldo de carne magra [...] de ossos ou de frango bem desengo[rdu]rado, 1 pitada de sal, 2 ou 3 colh[eres] de chá de semolina, maizena, arroz, aveia ou fécula de batata. Alguns [pa]tentes extranham o sal, nesse caso po[de-se] adoçar com açucar ou sacarina.

Um cozimento de cenouras passada[s na] peneira e engrossado por alguma fa[rinha] é ainda uma sopinha recomendável, [má]xime quando a criança tem predi[leção] grande pelos alimentos doces.



Que será seu filho AMANHÃ?

advogado
engenheiro
médico ou . . . ?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iódo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

A beleza dos seus móveis consiste ùnicamente em tratá-los constantemente com óleo de peroba.

MÚSICA

THAIS

ROBERTO LYRA FILHO

TEMENDO perder, um dia, o
fulgor da beleza que incendiou
corações e subjugou Alexan-
dria, Thais, em ária do segundo ato,
interroga o espêlho, procurando na
imagem sedutora que êle dócil-
mente reflete, a certeza da imortali-
dade de seus encantos. "Dize-me
que sou bela e serei bela eterna-
mente", insiste, em apêlo traduzido
por Massenet numa linguagem mu-
sical brilhante e persuasiva.

Seria oportuno indagar, quando
novamente se ouve a ópera, se a par-
titura, a despeito do tempo decor-
rido, conserva a atração que a tor-
nou famosa, se o seu esplendor é
perene.

E' verdade que algumas de suas
feições superficiais perderam um
pouco do antigo brilho. O bailado
é trivial e inexpressivo; alguns tre-
chos do segundo quadro do primeiro
ato parecem, agora, banais, insigni-
ficantes. Em compensação, porém,
há dignidade e sincera inspiração
na grave música do primeiro qua-
dro do primeiro ato. E não
é só: no primeiro quadro de
segundo ato o dueto de Thais
com Athanael marca a progressão
do drama, com vigor e intensida-
de. E, no terceiro ato, o composi-
tor acompanha a transfiguração de
Thais, abandonando a frivolidade de
algumas melodias dos quadros an-
teriores e expandindo-se em páginas
de emoção delicada e envolvente.
Isso basta para atestar a vitalidade
da extraordinária criação de Mas-
sente e assegura resposta tranquili-
zadora à questão proposta ao es-
pêlho: "Dize-me que sou bela, e se-
rei bela eternamente"... Thais vi-
verá, sempre, na ardente e opu-
lenta partitura, com o mesmo vigor
com que brotou da pena de Anatole
France, autor do romance no qual
se inspirou o libretista.

E, enquanto surgir no palco, em
sucessivas versões, a sedutora cor-
tezã constituirá um dos mais peri-
gosos testes de recursos dramáticos
e vocais para uma cantora.

Ver, assim, o papel difícil domi-
nado pelo talento de Lena Monteiro
de Barros foi motivo para nosso re-
gozijo e estímulo no sentido de con-
tinuarmos lutando pela concessão
de maiores oportunidades aos ar-
tistas nacionais, já agora aquinhoa-
dos com uma temporada lírica, em
fecunda e oportuna iniciativa da
Prefeitura.

Lena Monteiro de Barros já mere-
cera a atenção da crítica pela inter-
venção, em trabalhos de menor res-
ponsabilidade, nos anos anteriores.
A sua apresentação, em Thais, veio
confirmar o juizo favorável às suas
possibilidades, firmado com base
nessas pequenas amostras. Agora, en-
frentando prova árdua e exaustiva,
ela triunfou definitivamente. Graça
e elegância de porte e atitudes si-
tuaram-na em cena numa posição
de desembaraço, favorecendo, nos
lances dramáticos, a demonstração
de qualidades excepcionais de atriz.
Vocalmente, se o primeiro contacto,
no segundo quadro, revelou, ime-
diatamente, a boa escola, a dicção
perfeita, a suavidade do timbre, a
extensão, o volume da voz, um na-
tural nervosismo não permitiu que
ela extraísse logo o rendimento má-
ximo de seus abundantes recursos.
No início do segundo ato, porém,
já foi dominando, inteiramente, a
música. Vencida a grande ária ini-
cial, ela comoveu e encantou, no
dueto com Athanael interpretado
com profundo senso dramático. Daí
por diante, não desceu mais o ni-
vel do desempenho. A ária do se-
gundo quadro do segundo ato foi
traduzida com delicadeza e, no ter-
ceiro ato, seu canto adquiriu ainda
novos matizes, ricos e sutis, pianis-
simos suaves, fraseado fluente e har-
monioso, agudos seguros e bri-
lhantes.

Acompanhando o climax atingido
pela música, na cena da morte, ela
venceu, fàcilmente, as exigências da
tessitura agudíssima, obtendo por sua
atuação no dueto final, uma verda-
deira tempestade de aplausos.

O barítono Luiz Nascimento, se-
guro na parte dramática, movimen-
tou-se com desenvoltura, em cena,
dando à figura de Athanael uma
exemplar dignidade. Voz extensa,
de grande volume, falta-lhe, ainda,
uma plasticidade que o aperfeiçoa-
mento de suas melhores qualidades
sem dúvida trará. A emissão é de-
sigual: forçada, nos agudos, em re-
gra opacos, não corre bem a voz,
nos diferentes registros, revelando
pouca maleabilidade. Estas são, po-
rém, imperfeições técnicas que o
jovem artista, oportunamente cor-
rigirá. De seu desempenho, guar-
da-se, de maneira geral, uma im-
pressão favorável, pelo comporta-
mento sóbrio e discreto.

Se bem que a voz de Edgard La-
fourcade, um tanto anasalada, não
seja das mais sedutoras, êle a em-
prega admiràvelmente. Canta com
fluência e segurança. Afinado, cor-
reto, o seu Nicias, cênicamente ade-
quado impressionou bem.

Jorge Bailly, intervindo rápida-
mente no papel de Palemon, teve
desempenho sincero e criterioso.
Dono de bela voz, demonstra, ao
usá-la, boa escola e, no perfeito aca-
bamento da técnica, bastante sutil
em seus efeitos vocais, evidencia a
preciosa experiência do cantor na
arte mais requintada da música de
câmera.

Alguns dos cenários são de incri-
vel mau gôsto, como o do segundo
quadro do primeiro ato, onde apa-
rece a fachada da casa de Nicias,
um autêntico pesadelo pintado em
côres berrantes. O bailado do se-
gundo ato não recomenda o coreó-
grafo. Desarticulado, a despeito dos
esforços de alguns dos solistas, apre-
sentou uma série de figuras desa-
jeitadas, que comprometem o con-
junto.

Henrique Spedini dirigiu a or-
questra sem esfôrço e sem brilho.
Aliás, a respeito da atitude dêsse
maestro, devemos registrar aqui o
nosso protesto contra a manifesta-
ção de mau-humor com que, numa
vesperal, êle advertiu, em voz alta,
um dos músicos. O regente que do-
mina o seu "metier" não precisa
lançar mão dêsses recursos ruidosos
para comandar uma orquestra, e,
mesmo no caso de desatenção de
um músico, não se justifica que
reaja com uma desatenção ao pú-
blico.

Querendo ver os seus mó-
veis sempre novos, conserve-
os com óleo de peroba.



O SEGRÊDO DE SUA BELEZA...

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

(Exigir a embalagem verde)

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio



A FLOR DA SAMAMBAIA

(Cont. na pág. 24)

nheiro e saiu, pensando, duvidando: — Ora! Será, realmente, tão fácil assim conseguir a felicidade?!

De repente, lembrou-se de que nunca havia visto um pé de samambaia florido. E... se êle não desse, mesmo, flor? Então, o maldito bruxo zombara de sua estúpida credulidade...

Quis retroceder, tornar à choupana, tomar-lhe satisfações, porém, estava no têrmino daquela infernal ladeira esburacada e escorregadia... Desanimava tê-la de subir segunda vez. O prêto que se risse dêle, à vontade. Dar-lhe-ia êsse prazer.

★

Chegando à casa, a primeira coisa que fêz foi indagar da cozinheira, com jeito ressabiado:

— "Siá" Sebastiana, samambaia dá flor?

— Pois, então não "havéra" de dar "seu" moço?

Um tanto aliviado, contente, Percy explicou:

Fui consultar pai Mateus. Êle me aconselhou aarranjar uma flor de samambaia para garantir o encontro da felicidade.

E, ainda com a dúvida pairando-lhe no espírito, tornou a perguntar:

— Mas, "siá' Sebastiana, você já viu mesmo flor de samambaia?

Compreendendo tudo, a preta velha o olhou compadecida, respondendo:

— Prá falar certinho, meu filho, ver mesmo eu não vi não; mas, na minha terra, todos dizem que dá e eu acredito. Dizem, também, que essa flor traz felicidade. Até hoje, porém, nem prêto nem branco conseguiu nada, porque a lenda diz que ela só aparece à noite, só uns minutinhos e que logo o Sacy-Pererê, que sempre está vigiando, apanha e corre."

Um desânimo mortal abateu o ânimo nascente de Percy. Então... a flor procurada não passava de lenda... como a felicidade...

Compreendia, agora, o africano; êle pretendera, com a simplicidade do seu conselho, curar a sua imorredora ânsia de ser feliz. E, realmente o conseguira. Se a humanidade aprendesse a desejar pouco, haveria de contentar-se com breves momentos de ventura; porque o destino da gente, tal como o egoista Sacy-Pererê da lenda, sempre vigilante, se incumbe de afastar de nosso caminho o sonho que vive e morre num instante: a felicidade.

O MISTÉRIO DO COLAR...

(Cont. na pág. 28)

rosas cabeleiras de todos os tipos. Uns sapatos Luiz XV de feitio exagerado veio completar a escolha. Peggy consultou o relógio. Quase dez horas da noite. A moça entrou para uma salinha guarnecida com uma pequena cama de solteiro, uma penteadeira de grande espêlho junto a qual estava um pequeno armário contendo grande número de boiões. Peggy escolheu dois boiões e colocou sôbre a penteadeira. Tirou ràpidamente o traje que usava e vestiu o apachinete. Seu lindo cabelo de cobre foi oculto sob uma fina touca de borracha que ficou colada à cabeça. A cabeleira negra substituiu os cabelos de Peggy, dando-lhe uma aparência inteiramente diversa da natural. Com fina escovinha a moça pintou as pestanas e as sobrancelhas com a pasta de um dos boiões. Um baton de côr viva exagerava o contôrno de seus lábios e a camada colorida de um creme especial dava-lhe ao rosto o aspecto das mulheres de vida noturna. Peggy calçou os sapatos altos e mirou-se no espêlho. Ninguém, nem mesmo sua mãe se vivesse, a teria reconhecido.

A moça saiu pela porta secreta e retirou o carro, seguindo para seu apartamento na cidade. Deixou o carro na garagem do edifício e saiu para a rua procurando não ser vista. Em uma avenida distante, apanhou um taxi qualquer e deu o endereço do "Flor de Lótus" ao motorista.

O porteiro empertigado, metido num brilhante uniforme, quis saber o que Peggy desejava.

— Quero ver Mr. Stuart, se V. Excia consentir.

— Vou saber se êle quer vê-la — respondeu o porteiro, lisonjeado com o "excia.".

Peggy espiou para dentro do salão, antes que a porta fôsse inteiramente cerrada. Passou-se um minuto ou pouco mais e o porteiro voltou.

— Você não disse quem era, mas o patrão vai recebê-la assim mesmo.

— Obrigada, velhinho. Breve mostrarei minha gratidão.

O porteiro acompanhou-a até o escritório de Marty. Era modernissima a instalação do cassino. Pares dançavam no salão, ao som de uma orquestra um tanto barulhenta. Os garçons não paravam, mas mesmo assim pareceu a Peggy que havia pouca gente, em se tratando de um cassino de fama.

— Boa-noite, gentleman — disse Peggy com sua voz e seu sorriso mais coquetes.

— Sou Ane Ancy.

— Ane Ancy? — fêz Marty franzindo a testa. — Não me lembro...

— Claro que não. Ninguém nos apresentou ainda, estou fazendo-o agora. — estendeu a mão como se estendesse todo o corpo. — Aperte aqui. Muito prazer.

Marty tomou aquela mãozinha delicada.

— O prazer é meu. Quanto me vai custar êste prazer?

— Alguns dólares por semana. Estou sem emprêgo e a "neres". Talvez seu cassino precise de uma cantora ou dançarina...

— Não preciso de nada disso, mas... — envolveu Peggy num olhar guloso — poderei criar um lugar para você. Quem a mandou aqui?

— Ninguém. Vi sua propaganda no jornal e resolvi tentar. Se não me quiser tentarei noutro lugar.

— Não disse que vou criar um lugar para você? Vejamos o que sabe fazer. Cante alguma coisa, por exemplo. Acompanhá-la-ei ao piano.

Marty andou até o piano e Peggy bemdizia as lições de canto que havia tomado tempos atrás. Sua voz era tão agradável quanto sua pessoa. Peggy sabia dar vida e colorido às palavras. Marty não a desfitava, embevecido com a canção e a cantora. Peggy sentiu que aquêle jogador profissional estava prêso em suas mãos, o que não deixava de ser espantoso num homem daquela espécie. Terminada a canção, Marty levantou-se e segurou a moça pelos ombros.

— Você é maravilhosa. Seu lugar está garantido. Apresentá-la-ei como principal atração. Você é formidável, Ane Ancy. Amanhã começará a trabalhar. Pago-lhe cinquenta dólares por semana, para começar. Está bem?

— Está ótimo. Amanhã estarei aqui para os ensaios.

— As sete horas da noite. Não abrimos antes. Aqui tem vinte dólares adiantados; compre um lindo vestido que pagarei depois. Ou melhor: Tome meu cartão. Leve-o na casa Aprill e compre o que fôr preciso para sua estréia.

— Muito obrigada, Mr. Marty. Até amanhã.

Peggy deixou o "Flor de Lótus" com uma grande sensação de vitória. Marty não lhe fugiria e ela estaria a par de todos os seus atos. A jovem seguiu diretamente para seu apartamento. Precisava dormir para as atividades do dia seguinte.

CAP. II

ASSASSINATO À MEIA-NOITE

O sol entrando pelas janelas abertas veio despertar Peggy de seu sono reparador. Olhando o relógio na mesinha de cabeceira, Peggy saltou da cama. Nove horas da manhã e ela precisava fazer uma visita a Stanley, o advogado. A moça tomou banho ràpidamente e vestiu um elegante "tailleur" branco. Desceu para a rua e apanhou um taxi, pois não queria se arriscar a usar o próprio carro não só para não chamar a atenção como para não ficar conhecida. Um elevador a levou ao décimo quarto andar. Peggy empurrou a porta da sala mil quatrocentos e dois, e entrou. Uma jovem com aparência iniludivel de secretária veio atendê-la.

— Eu desejava falar com o sr. Stuart.

— O seu nome, faz favor.

Um m[illegible] depois a moça era chamada à sala do [illegible]

— Sou Pegg[illegible]. E gostaria de tomar alguns conselhos con[illegible] o senhor.

TERREMOTO!

NO MERCAD[O] DE PERFUME[S]

NOVA TABEL[A]

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$
Crepe A — Super ...	12,00	22,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00
Jasmim Super	10,00	22,00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00
Q. Fluers — Super ..	15,00	25,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00
Mitzko — Super	18,00	25,00
Arp. S — Super	20,00	35,00
Tabac B — Super ...	21,00	35,00
Tabul — Super	25,00	35,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00
Nuit N — Super	25,00	35,00
Cuir R — Super	25,00	35,00
Narcisse N — Super..	25,00	35,00
Pretx — Super	35,00	45,00
Rumores — Super ...	35,00	45,00
Escandalo — Super ..	35,00	45,00
Tabul GR — Super ..	35,00	
Flor Maçã LF	50,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00
Arabesquo LF	60,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de 100,00. Os perfumes marcados LF são [ó]timos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POST[AL]

A FEIRA DAS ESSÊNCI[AS]

Av. Marechal Floriano, 67 — S

RIO DE JANEIRO

Publicidade para esta Revista em S. Paulo:

Recebimento de faturas

cargo da "Agência Zambardino"

Rua Capitão Salomão,

Telefone: 4-1569

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou [sem] firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Soc. Farmacêutica Quintino Pinhei[ro] Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME .... Nº ....

RUA ....

CIDADE .... ESTADO ......

Preço para todo o Brasil Cr$ ...

— Seu nome não me é estranho.

— Os jornais cometeram alguns enganos com êle e deve ter sido dêsse modo que o senhor o ficou conhecendo. Sofro do mal da curiosidade e é por êsse motivo que estou aqui. Preciso conseguir um emprêgo de secretária em qualquer firma ou escritório mas preciso de certas orientações. Pelos jornais tenho sabido de sua habilidade como advogado. Eis porque estou interessada em conhecer algumas particularidades da lei, quero estar segura do meu procedimento nesse setor.

— Muito inteligente de sua parte. Posso ceder-lhe alguns dos meus livros, onde poderá encontrar o que deseja.

— Fico-lhe muito agradecida. Dentro de uma semana poderei assumir o cargo que desejo. O senhor não pode calcular o que representa para mim um emprêgo onde me possa firmar com segurança.

Peggy deixou o escritório de Stanley certa de que conquistara o segundo Stuart. Um segundo taxi levou-a à residência de Joan.

— Miss Stone! Descobriu alguma coisa interessante?

— Ainda não, mas já preparei o terreno. Marty parece-me um camarada de muito boa-fé. Não o pude imaginar na pele de um "gangster". Stanley também me pareceu um sujeito honesto, de qualquer modo, não posso dizer nada em definitivo. Meu próximo passeio será ao cartório de Moran. Preciso sondar êsse tabelião.

— Esqueci-me de lhe adiantar o necessário, mas vou reparar essa distração.

Joan apanhou na gaveta da mesa um envelope recheado de notas, tirou dez notas de cem dólares e entregou-as à moça.

— Se nada me acontecer dentro dos próximos três meses, pagar-lhe-ei o restante, você me devolverá o envelope e o colar e esquecerá êsse caso.

— Espera algum acontecimento para êsse espaço de tempo?

(Continua no próximo número)



A ESCÔVA DE DENTES TÉCNICAMENTE PERFEITA!



1 A curvatura do cabo facilita a missão da escôva, sem forçar os lábios.

2 A superfície dos tufos em corte convexo garante perfeita higiene bucal.

3 Os tufos implantados em base côncava resistem à ação da pasta sempre com a mesma rigidez.

4 Os tufos são pontiagudos, assegurando a perfeita limpeza externa dos dentes e simultâneamente a dos interstícios, ponto inicial das cáries.



FÁBRICA DE ESCÔVAS DISTINTA E SANIS LTDA.

O QUE OS OLHOS...

(Cont. da pág. 6)

o ruido de uma cachoeira, de uma cascata, o barulho de um chuveiro. Pode-se também obter o ruido de um corpo caindo n'água, de alguém tomando banho ou se suicidando, enfim, uma infinidade de ruidos. Um corpo caindo n'água, por exemplo, digamos uma pessoa mergulhando, consegue-se simplesmente deixando cair no tanque com água uma pedra ou um tijolo.

O relógio, por outro lado, está sempre presente nos programas irradiados por qualquer emissora. E isso, quer dizer, um relógio que dá horas, pode ser obtido de diversas maneiras. Há, porém, uma infinidade de relógios, desde os relógios de bôlso, com seu quase imperceptível tic-tac, até os relógios de parede, cucos, carrilhões ou o Big-Ben.

Há nos estúdios, por isso mesmo, uma série de instrumentos que servem para imitar relógios. Há relógios elétricos. Aperta-se um botão e o relógio funciona. E há os "relógios mecânicos", que cabe ao contra-regra, como verdadeiro músico, fazer funcionar, tirando dêle o som de determinado tipo de relógio, inclusive o Big-Ben, pois que tôdas as emissoras de rádio possuem o seu relógio da tôrre de Londres.

O TERREMOTO

Agora falemos do terremoto. O ouvinte pode estar acompanhando uma novela e nela pode existir um episódio em que aconteça um terremoto. Não acreditará ninguém que, na verdade, esteja se produzindo um terremoto dentro da emissora. E, realmente, isso não acontece...

O que ocorre é simplesmente isso. No chão se espalha um pouco de areia e, sôbre ela, se faz deslizar um altér, dêsses pequenos, sem muita fôrça. Junto ao microfone, o ruido toma a intensidade que se desejar.

E, assim como o trem, o terremoto, a cachoeira, o Big-Ben, milhares e milhares de sons, ruidos e barulhos diversos podem ser obtidos, graças à habilidade do contra-regra e aos recursos técnicos postos à sua disposição pelas emissoras.

E' fácil encontrar, num estúdio de rádio, uma mesa cheia de campainhas e botões em grande número. Basta premir um dêles para que se obtenha um som qualquer. Ora é o sinal de um bonde, ora o marcador de passagens, uma cigarra próxima ou distante de um apartamento, um aparelho Morse e muitos outros.

Grande quantidade dêsses ruidos diversos está gravada em discos, que são utilizados no momento apropriado. Em geral, porém, dada à infinita diversidade de ruidos, o trabalho é feito pelo contra-regra, durante a execução dos programas.

Como se vê, embora pouco conhecido por uma grande parcela de rádio-ouvinte, o contra-regra, cujo trabalho quase sempre fica no anonimato, desempenha, na realidade, um papel importante e dêle depende muitas vêzes a perfeição com que é transmitido um programa.

Êle tem a chave do segrêdo da produção de sons na emissora. Um bom contra-regra não se faz num dia. E' algo essencial numa emprêsa que se presa.

Mas nem todos os ouvintes sabem disso.



COMO APRENDER A DANÇAR
AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de **Bolero, Swing** e **Samba**, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo **Professor Gino Fornaciari**, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicilio

RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO

APARECIDA

(Continuação do número anterior)

Naquele momento, ouvindo os gritos de Aparecida, ouvindo lapadas que a fúria de d. Jacinta desfechava na pobre criatura, confesso que senti pena, profunda pela vítima da mulher austera que me hospedava. E minha revolta foi tal que pensei em gritar contra aquela brutalidade. E se não estivesse doente, prêso àquela cama, era capaz de sair em socorro daquela inocente menina. D. Jacinta, porém, continuava falando. Aparecida, criatura que ela criara com tanto amor, com tanto desvêlo, não queria seguir as suas ordens. Era uma inútil dentro de casa, uma desmazelada: e no entanto não queria obedecê-la, desrespeitando os seus cabelos brancos.

— Você é uma menina sem coração, Aparecida. Nem parece que eu já fiz tanto por você.

Sem compreender no entanto a verdadeira razão de tudo aquilo, acabei finalmente dando o meu apoio a d. Jacinta. Esta mulher, que era tão boa para mim, tão dedicada e atenciosa com a minha doença, apesar de austera e exigente em certos momentos, não podia ser de maneira nenhuma o carrasco que Aparecida inconscientemente apontava. Aquilo devia ser leviandade de sua parte. D. Jacinta era uma mulher cordata, humana, e de maneira nenhuma seria capaz de tamanhas barbaridades. E aquela sombra de angústia, de pesar, pouco depois se dissipou. D. Jacinta me trouxera a refeição matinal, e, num desabafo ligeiro, me pôs a par de tôda a situação.

— Pois é, "seu" Alfredo, é o que eu lhe digo: a menina quer fugir, quer bater pernas pelo mundo. E' ô pago que tenho.

Depois disso não tive mais pena de Aparecida. Compreendi o quanto deveria sofrer a velha Jacinta com as

injustiças da menina rebelde. Criara Aparecida com o mais devotado carinho, dera-lhe tôda proteção, ajudara-a nos primeiros passos, para de um momento para outro ser acusada de má, de perversa e perseguidora. Portanto, d. Jacinta tinha a mais infinita razão de se revoltar, de brigar, e até de espancá-la nos momentos de raiva.

Mas o tempo foi passando. E um ano depois, quase completamente restabelecido, abandonei a pensãozinha de d. Jacinta. Pretendia viajar, mudar de ambiente, até que ficasse inteiramente curado. Na ante-véspera todavia, depois da devida comunicação à dona da casa, aconteceu um fato aparentemente insignificante, mas que me preocupou bastante. Estava no meu quarto arrumando a roupa nas malas, quando, de repente, esbarrei com o vulto esguio de Aparecida que entrara sem se fazer anunciar. Meus olhos, surpresos, instintivamente procuraram os de Aparecida. E num relance, correndo os olhos pelo seu corpo formoso, pelas pernas bem torneadas, pela bôca carnuda, compreendi a razão de todo receio de d. Jacinta. Aparecida era uma mulher formosa, fresca, saudável, e a velha tinha mêdo que alguém se apaixonasse por ela, deixando-a sòzinha. Por isso mesmo procurava por todos os meios afastar as minhas visitas, que geralmente eram rapazes. A princípio, devido ao meu estado, com os nervos abalados, com os pensamentos terríveis me perseguindo, eu mesmo fui o primeiro a pedir a d. Jacinta que evitasse a entrada de certas pessoas, de certos amigos que só serviam para me aborrecer. Não obstante eu não pensei que ela fôsse fazer o que fêz: proibir terminantemente que qualquer dos meus amigos me procurassem. Mas como eu estava mesmo doente, e precisava do auxílio generoso de d. Jacinta, não dava importância ao que ela fazia. Tomava aquelas impertinências com os rapazes, que me procuravam, como infinita dedicação de sua parte. Pensava, e não podia supor outra coisa, que aquela severidade era em meu benefício. E que aquêle silêncio que ela tanto exigia, fazendo um mistério tremendo da minha hospedagem ali, era simplesmente para me proporcionar maior confôrto e repouso. Contudo eu me enganara. E agora, ali diante de Aparecida, diante dos seus olhos grandes e suplicantes, eu não tinha palavras. Não sabia o que pensar nem o que dizer. Só via aquêle rosto cheio de ternura, de beleza angelical. Depois, com o passar dos segundos, notei que Aparecida me dizia qualquer coisa. Porém, extasiado como estava, com os olhos presos na encantadora criaturinha, não conseguia assimilar o que me dizia. Tinha a impressão mesmo de estar distante, numa ilha longínqua, longe daquele mundo que me cercava, daquele mundo que era mais de d. Jacinta do que meu. E Aparecida, medrosa, receosa, com os olhos inflamados, falando para mim, me pedindo uma coisa que eu não podia entender. Mas tinha uma vaga intuição de que era alguma coisa que ela pretendia. Aparecida, aquela moça acanhada, não me procuraria sem um motivo forte. Via-se perfeitamente que seus olhos continham algo de misterioso, turvados por aflitos pensamentos. Mas eu não compreendia as suas palavras. Estava perdido diante de sua beleza, diante de sua irresistível figura de mulher. Porque na verdade Aparecida não era uma menina como supunha que fôsse. Era uma criatura divinamente bela, de formas provocantes e sensuais, coberta de trapos e de tamancos. Acreditava que fôsse menina, é verdade; mas as minhas deduções eram tôdas baseadas no que d. Jacinta me dizia. Daí a minha surprêsa quando ela naquela ante-véspera se colocou diante de mim, com os olhos chorosos e suplicantes. Mas depois, para minha tristeza, seu vulto esguio deslizou pelo quarto, ràpidamente, desaparecendo por trás da porta que se fechou. Antes, porém, vendo a minha indecisão, deixou cair qualquer coisa na mala, fechando-a incontinente. Naquele momento, perdido em divagações como estava, não dei importância ao que Aparecida fizera. Preocupava-me mais com ela, com sua simplicidade, com os molambos que cobriam o seu admirável corpo. Mas d. Jacinta a chamava. E Aparecida tinha mêdo de ser vista ali no meu quarto, comigo que agora recuperara a saúde e que partiria para longe. Por isso fugira.

O incidente contudo me fizera pensar por muito tempo. Abandonei a pensão, fiz várias viagens, passei alguns meses numa fazenda de Minas, e sempre pensando naquela criatura adorável, de olhos grandes e provocadores. Por tôda parte por onde andava, a sua figurinha me perseguia. Via, quase sempre, nas ruas movimentadas, criaturas que se pareciam com ela. Mas isso fazia parte do meu delírio, do meu espírito apaixonado, da ânsia que sentia de revê-la, de apertá-la em meus braços. Porque para falar a verdade eu amava Aparecida devotadamente. Sentia, nas noites de insônias, o quanto de monotonia havia na minha vida de solteiro. Era jovem, relativamente, e no entanto vivia vagando solitàriamente por êsse mundo a fora. Por que não fazer de Aparecida a minha espôsa? Por que não levá-la para longe, já que sofria tanto na companhia de d. Jacinta? Por que não correr ao seu encontro? Não era o seu pedido, não eram súplicas que aquela carta continha?

Inesperadamente tomei uma decisão. Embarcaria naquele dia mesmo para Madalena. Da maneira que eu estava, saudoso por vê-la, não era possível esperar. E assim resolvendo, assim fiz. No trem, que corria desesperadamente ao encontro de Aparecida, abri mais uma vez a carta que ela me escrevera na ante-véspera da minha partida. Era uma carta chorosa, descrevendo todo o seu drama de menina pobre, órfã, criada por caridade por uma criatura austera e impiedosa. Mais adiante, quase no final da missiva, fazia um apêlo para se ver livre da megera que a criara, confessando discretamente que me amava, que era o primeiro e único homem em sua vida.

Mais tarde, parado na porta da antiga pensão de d. Jacinta, era informado:

— Êles não moram mais aqui, meu senhor. A moça Aparecida morreu há duas semanas. E d. Jacinta embarcou para o Rio.

Dias depois, no cemitério, ajoelhado ao lado da lousa que mandei colocar em sua memória, relia pela última vez a carta daquela que tanto me amou. E na caixa de vidro, em forma de relicário, encerrei a carta e os nossos retratos. Aparecida, na ocasião que me escreveu, dedicara-me também um retrato. Agora, unidos espiritualmente, unidos nos símbolos daquela caixa de vidro, permaneceremos por muito tempo, num longo adeus. Sim, Aparecida, num longo adeus.

AS MOCINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

Duas fases diferentes mas importantes na vida das mulheres

Não deve e não pode passar despercebida aos bons pais a fase compreendida entre os 13 e os 16 anos, por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiramente mulheres. Nesse período — quando o fluxo mensal começa a aparecer — são comuns as perturbações que trazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do desequilíbrio orgânico próprio da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Administrar-lhes sem perda de tempo o Regulador Xavier N.º 2 é dever de todos os pais que amam de fato suas filhas e que não as querem ver doentias, tristes e, o que é pior: atacadas por moléstias que, por terem sido descuidadas, se tornam crônicas e incuráveis.

Não menores, nem menos perigosos são os males que geralmente afligem a mulher na idade crítica — aos 45 anos mais ou menos — e que, mal tratados ou tratados por remédios ineficazes, lhe acarretam sofrimentos tão torturantes que essa idade crítica se lhe transforma numa verdadeira idade dolorosa. Entretanto, tais males, que em geral se manifestam pela abundância ou repetição das regras e pelas hemorragias, encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no Regulador Xavier N.º 1.

O Regulador Xavier usado em seu número adequado dá às mocinhas e às senhoras na idade crítica, o bem-estar e a saúde indispensáveis para as labutas e as alegrias da vida.

UMA VISITA SOLITÁRIA AO...

(Continuação da pág. 35)

tálicos, talvez macabros, naquelas lajes vinte vêzes seculares. O clarão do "flash" simula uma aparição milagrosa em cada curva e desvão. Há abismos aos nossos pés, surdindo, aqui e ali, precipícios de relance. Convém caminhar com cuidado.

Instintivamente lembramos as tardes faustosas de um anfiteatro que é hoje apenas decadência, mas onde se realizaram espetáculos que duravam cem dias, em os quais eram mortas feras aos milhares para gáudio da gente faminta de sangue, comprazendo-se com os festins em voga. Evocamos a Idade Média, mais tarde, quando se utilizou aquêle símbolo da eternidade de Roma, como fortaleza para resistir aos invasores comuns. Vários têm sido os destinos do Coliseu, que agora serve para documentar a resistência do Catolicismo. E saímos dêsse museu de muitas civilizações com o coração ligeiramente oprimido :afinal, somos de hoje, não daquele tempo. Estaria a postos o nosso guardião, para fora dos portões de ferro fechados a pesadas correntes e a cadeado? E se não estivesse?

★

Também não foi fácil ir chamar o guarda com o molho de chaves. Dois "carabineri" vêm em nosso auxílio e, graças a êles, o bom velho nos devolve à liberdade. Por algumas horas fomos mais uma sombra entre as sombras. Mas o vigilante romano acaba por conformar-se com as explicações que lhe damos em mau italiano, o que muito concorre para sua benevolência. Estamos no Ano Santo, quando essas leviandades de um peregrino-repórter não chegam a ser pecado mortal...

Voltamos a pisar o asfalto macio da Via del Fori Imperiali. A tarde vai caindo. Passamos pelas ruínas do Fôro de César — mas fica para outra vez. Nossa excursão solitária ao anfiteatro dos vinte séculos e de Vespasiano está terminada. E se Roma não foi feita em um dia, muito menos poderá ser vista, agora, em um cair de tarde...

NO AMOR, COMO NA GUERRA...

(Cont. da pág. 19)

A História começou quando Paulo Mauricio, que se encontrava bebendo e já estava completamente intoxicado por aspirar lança-perfume, aproximou-se do local onde se encontrava Jardel Filho. Jardel, que se encontrava nas mesmas condições de Paulo Mauricio, divertia-se com uma garôta.

Paulo Mauricio aproximou-se e, impressionado pela pequena, dirigiu-lhe um gracêjo. A pequena meio alegre, reconheceu em Paulo o Castro Alves do filme e respon[d] ao gracejo iniciando um "flirt". Foi quando Jardel [d] acôrdo da situação e não se conformou com o rumo [q] o caso ia tomando. Com o éter a lhe perturbar as idéi[as] não raciocinou muito, apenas viu isto: ninguém iria [...] diminuir o cartaz e tomar a garôta.

E passou imediatamente à ação, levantou-se da cade[ira] onde estava sentado, largando a pequena, que se enco[n]trava em seu colo, violentamente no chão, agarrou o gal[ã] cinematográfico pela gola e o interpelou:

— Que negócio é êste com a minha pequena? Ela es[tá] comigo...

— Está consigo não, estava... Ela agora vai fic[ar] comigo...

E aí a coisa começou. Jardel arremessou um murro [na] cara de Paulo Mauricio, que foi direto ao chão. Não dei[]xando o outro levantar-se, Jardel atirou-se em cima [do] rival e então começou uma luta em que ora um era fav[o]recido, ora o outro. Num dado momento Paulo Mauríci[o] aprendendo bem as lições dadas no cinema, deu um "baiã[o]" em Jardel, arremessando-o bem longe de si.

Aproveitando-se do atordoamento de Jardel, Paulo Mau[]ricio atirou-se sôbre o adversário agarrando-o pelo pe[s]coço, numa tentativa de esganá-lo.

Enquanto isto os circunstantes faziam esforços para s[e]parar os dois brigões, com o único resultado de receb[er] vez por outra as sobras da batalha.

Como ninguém conseguisse separar os dois valentõe[s] alguém foi procurar os encarregados do policiamento.

Neste meio-tempo, aproveitando uma brecha, Jard[el] consegue livrar um pé e sem mais tardança o mete [na] cara do adversário, jogando-o à distância. Tendo a chan[ce] à seu favor agarrou uma mesa para com ela malhar [o] corpo do rival, até deixá-lo inerme.

Alguém, entretanto, conseguiu evitar que Jardel concr[e]tizasse a ameaça, arrebatando-lhe a mesa, que êle quer[ia] usar como arma de morticínio.

E foi o bastante para que Paulo Maurício passasse [à] ofensiva, acertando de jeito o adversário e impondo-l[he] um tremendo castigo. Foi nesta altura que os mantenedor[es] da ordem chegaram representados por diversos investig[a]dores da Delegacia de Costumes e Diversões e algu[ns] atléticos elementos da Rádio Patrulha. Pois mesmo assi[m] foi ainda difícil conseguir acalmar os adversários e[n]louquecidos pela embriaguês do éter.

Jardel estava caído à um canto e os policiais roíam u[m] osso para conter Paulo Mauricio, que queria aproveit[ar] a ocasião para uma desforra em regra.

Foi êste um dos fatos mais lamentáveis do baile d[os] Artistas e tal foi sua repercussão que os secretários d[os] jornais do Rio, deram ordem aos seus fotógrafos pa[ra] estarem atentos nos bailes onde aparecessem um dos do[is] ou os dois artistas, que tinham se revelado tão exími[os] praticantes do "catch-as-catch-can". Infelizmente para [os] fotógrafos o espetáculo não se repetiu.

E' lamentável que dois elementos de tanto futuro [no] cenário artístico dêm tão feio espetáculo de si mesm[o].

E' lamentável que rapazes tão jovens se entreguem [a] vícios tão degradantes como o uso de entorpecentes. Tan[to] Jardel como Paulo Maurício tinham aspirado grande quan[]tidade de éter de lança-perfume, através de lenços emb[e]bidos nesse entorpecente.

Lamentável, também, que a polícia não tome prov[i]dências para coibir fatos como êsse, pois, em todos [os] bailes carnavalescos vimos foliões aspirando lança-perfum[e] sob as vistas generosas dos agentes da lei e da ordem.

Simplesmente lamentável. Foi assim, através de víci[os] e entorpecentes, que tantos bons artistas e cantores, cuj[os] nomes não queremos citar, inutilizaram sua carreira a[r]tística."

APENAS IMAGINAÇÃO

Êsse comentário que aqui reproduzimos foi irradiad[o] por uma emissora da Capital da República, alcançando [o] fato, como era natural, grande repercussão.

Dois cronistas radiofônicos vieram a público para l[a]mentar que êste comentário tivesse sido divulgado, po[is] era uma pedra posta no caminho da vida artística d[os] dois elementos citados.

E se o fato comentado pela emissora teve grande r[e]percussão, podem calcular o que aconteceu depois do c[o]mentário dos dois cronistas. Entretanto, o mais intere[s]sante, é que a briga, a luta, a batalha campal, como [a] descreveu o radialista, não existiu.

Sim, senhores, não houve nenhuma briga entre Jard[el] e Paulo Maurício, a não ser na imaginação exaltada [do] radialista, quem sabe se empolado pelas fumaças de u[m] entorpecente qualquer. E' sabido que certos entorpecent[es] dão ao viciado visões prodigiosas, que as melhores hi[s]tórias de ficção seriam incapazes de reproduzir.

Talvez tenha sido isso, que tenha mostrado a luta [ao] locutor naquela emissora. Pois a verdade é essa: n[ão] houve briga e ninguém viu. Será talvez a única bri[ga] num local superlotado que não foi assistida por ningué[m]. Pelo menos foi o que nos declarou Jardel Jércolis Fil[ho] e Paulo Mauricio para desmentir o tal noticiário radi[o]fônico.

— "Pois se nós até somos amigos, nunca brigamos [e] sempre nos demos bem. Isso é sensacionalismo de algué[m] que não tinha outro meio para chamar a atenção. La[]mentável é que o tenha feito à custa do nosso bom nome, procurando denegrir reputações íntegras."

E para provar a grande amizade que os une, prontifi[]caram-se a posar para as fotografias que ilustram es[ta] reportagem, que foram executadas nos bastidores do Teatr[o] Carlos Gomes, de que Jardel Filho faz parte do elenco.

Cabe-nos finalmente agradecer a colaboração de Kall[y] Korbell, uma das girls argentinas do mesmo elenco, que gentilmente prontificou-se a personalizar a pequen[a] que foi "pivot" da suposta carnificina.

AGUARDEM, NO PROXIMO NUMERO — "ROMANCE NA CHUVA"

EU AMAVA OUTRO HOMEM

— Oh, seu cretino! Eu ouvi tudo, ladrão!

— Tudo o quê? Tenho muito dinheiro, meu próprio, mas um homem precisa de mais quando está para unir-se com uma beleza como você, que necessita de alto nível. Teríamos que ficar com o dinheiro dela, quando morresse. Por que não agirmos agora?

— Mas não é ainda seu, trapaceiro! Você vai devolvê-lo imediatamente a ela!

— Não seja tola! Você terá também sua parte!

— Não quero entrar nessa canalhice! E você também não irá furtar sua tia! Vinha dizer-lhe uma coisa e agora preciso comunicar a Mrs. Southworth o que você fêz com ela!

— Volte já para aqui!

— Ou cala essa formosa boquinha, ou eu a estrangulo agora mesmo!

— Socorro!...

Mas eu tinha adquirido com os meus irmãos jeito para lutar, e enfrentei Sydney.

— Socorro!

Oh! Sua ¡selvagem!

— Que se passa aqui?

— Êle é o que você disse, Tim: um patife! Tenho sido uma tola! Êle ludibriou Mrs. Southworth. Obrigue-o a devolver-lhe o dinheiro!

— Talvez não possa forçá-lo a devolver, mas arranco-lhe a pele!

Tim arrastou Sydney até a presença da tia.

— Vou devolver tudo à senhora, tia Martha. Para quê escândalos?

— Não se preocupe que não entregarei o caso à polícia, pois você foi marido de minha sobrinha.

— Já tenho pensado que você fêz parte de minha punição, ao imaginar que também errei ao casar-me por interêsse. Ainda sofro as consequências. Serei agora feliz vivendo calma e modestamente numa fazendola.

Depois que Sydney se foi, Mrs. Southworth nos falou:

— Sinto muito, Sharon, que seus planos falhassem, deixando de receber as jóias de Sydney e a bela esmeralda.

— Não me interessa nada disso, de fato, e eu procurei Sydney hoje para dizer-lhe a verdade. E como a senhora disse que estava à procura de um casal...

— Eu sei cozinhar e cuidar da casa. Tim... Tim é trabalhador e dedicado. Gostaríamos de morar com a senhora, não é Tim?

— Você é mesmo maravilhosa, Sharon!

— Querida!

— Oh, Tim! Quanto o amo!

— Vocês são admiráveis, meus jovens! Farão parte de minha família e, quando eu morrer, tudo o que é meu lhes pertencerá. Seremos muito felizes lá no campo!

— Tudo saiu muito bem!

— Oh, querido!

Fim

O PROFESSOR Francisco Hardi é um paciente estudioso de paleontologia. Há cêrca de trinta anos que êle vive preocupado com pesquisas científicas dêsse gênero

MONSTRO PRE-HISTÓRICO DESCOBERTO NO CEAR

O MEGATÉRIO VIVEU HÁ CÊRCA DE 1 MILHÃO DE ANOS E MEDIA QUATRO METROS DE COMPRIMENTO POR DOIS DE ALTURA ★ A RECONSTITUIÇÃO DO FÓSSIL FOI FEITA PELO PROFESSOR FRANCISCO HARDI

Reportagem de RENATO SÓLDON

HÁ um ano, mais ou menos, minúsculo telegrama de Fortaleza, publicado em alguns jornais do Rio, informava a descoberta de um monstro pré-histórico na Serra da Barrica, perto de Sobral, que é a mais adiantada cidade do norte do Ceará.

A curiosa informação, talvez pelo laconismo com que fôra redigida, não teve a merecida ressonância, escapando até mesmo ao comentário dos sensacionalistas de imprensa que a tudo se apegam para a abertura de "manchettes" berrantes.

No Ceará, entretanto, o achado foi levado a sério, voltando-se para êle as atenções do povo e dos meios científicos locais.

Embora sem recursos técnicos nem material adequado, o prof. Francisco Hardi, paciente estudioso de paleontologia, ajudado por uma turma de camponeses, dirigiu os trabalhos de pesquisa, aprofundando a cacimba que antes houvera sido cavada para abastecimento d'água aos moradores do sítio "Maurício", ao sopé da Serra da Barrica.

Assim, após algumas semanas de exaustivo labor, sob sol ardentíssimo, foi obtida certa quantidade de ossos, quase todos deteriorados pelo tempo ou fragmentados pela rudeza das picaretas. E, à medida que o material era encontrado, o chefe da expedição, pacientemente, reconstituia um maxilar inferior, parte de um fêmur, parte de um perônio, parte de um ilíaco e pouco mais.

Enquanto isso ocorria, choviam opiniões: — Mastodonte, Gliptodonte e até Sáurio, ou imenso réptil anfíbio, em vista de alguns ossos que pareciam esqueletos de nadadeiras.

O prof. Hardi, no entanto, afirmava, desde o exame dos primeiros ossos, que se tratava de um mamífero, provàvelmente "semi-edentado". O aspecto dos ossos, porém, não convencia. E aos comentadores apressados não pareciam claras as razões científicas, biológicas umas, geológicas outras, em que se baseava.

Mais ossos são encontrados e um dente é reconstituído. (Fig. 6). O pesquisador continuava a afirmar, convictamente, que para aquêle maxilar jamais seriam encontrados senão dentes molares, não esmaltados. O dente reconstituído era molar e de molares eram todos os fragmentos de dentes capazes de se adaptarem naquele maxilar. Confirmava-se, de tal sorte, a previsão do modesto naturalista francês Cuvier, — autor da "lei da correlação dos órgãos ou dos caracteres", graças à qual "por um dente ou por um fragmento ósseo é possível reconstituir um animal inteiro".

Até hoje, porém, a ciência oficial não se pronunciou a respeito, continuando as controvérsias em Sobral e em Fortaleza. Mas o prof. Hardi ainda mantém a sua primeira afirmação, diante dos poucos fragmentos de ossos do gigantesco animal pré-histórico que viveu há dezenas de milhares de anos, mais velho, portanto, do que a civilização egípcia.

Sabendo achar-se agora, em trânsito, no Rio, o aludido cientista cearense, conseguimos levá-lo ao Salão de Estar da ABI e ali, sem mais delongas, o pusemos em contacto com alguns jornalistas e escritores.

Estas notas, conseguintemente, foram obtidas no decorrer da palestra, sem o tom de entrevista, mesmo porque o prof. Hardi não está afeito aos métodos correntes do jornalismo. Vive mais preocupado, há cêrca de trinta anos, com assuntos de filosofia, desinteressado e alheio à publicidade.

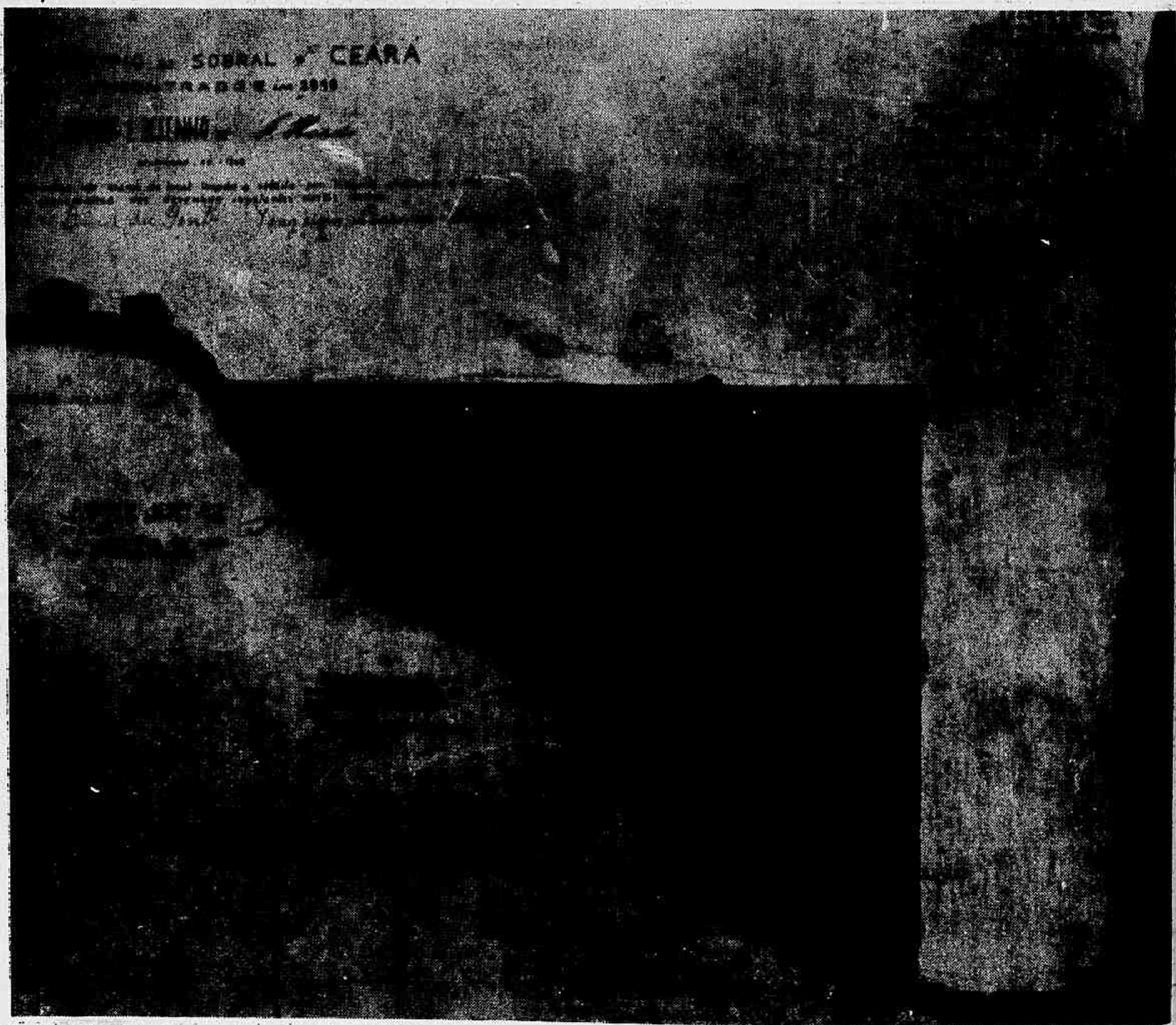
Fisionomia grave, sereno, dotado de apreciável cultura, atendeu co[m] familiar solicitude, ao objeto d[as] nossas indagações, criando ambie[n]te para uma palestra sem constra[n]gimentos, da qual aqui reproduz[i]mos tópicos e resumos.

— Em que se baseavam as afi[r]mações?

— Primeiro, a profundidade e [a] natureza da camada sedimentár[ia] em que foram encontrados os fó[s]seis, a natureza da camada que [a] precede na ordem de formação [e] das camadas que se lhe sobrepõe[m] além de outros dados de ordem ge[o]lógica, forneceram elementos pa[ra] minhas conclusões. O animal vive[u] numa divisão do quaternário.

— E quanto à classificação?

— O maxilar reconstituído apr[e]senta êstes elementos (V. fig. 4) Os molares são prismáticos, não e[...]



ESTUDOS E DESENHOS do cientista cearense mostrando a técnica seguida em suas mais recentes descobertas paleontológicas. Trata-se das escavações feitas ùltimamente no sítio «Maurício», em Sobral, onde foram encontrados os ossos do Megatério. No desenho que acima reproduzimos aparece o corte realizado no terreno explorado com as suas várias camadas e o poço cavado.

$$i\frac{?}{0}\,c\frac{?}{0}\,p\frac{?}{0}\,m\frac{?}{4}$$

$$i\frac{0}{0}\,c\frac{0}{0}\,p\frac{0}{0}\,m\frac{5}{4}$$

Dedução de Hardi para a fórmula dentária do Megatério sobralense.

maltados, como se observa no exame do aspecto do osso nos casos de fossilização **sem obliteração parcial** ou completa; os dentes são apenas "cimentados". Tais fatos coincidem, de certo modo, com as características dos animais "semi-edentados", dos quais é tipo o tardígrado, a "Preguiça" dos tempos atuais. Tudo isso e outros detalhes me conduziram a deduzir e a concluir que o animal teria esta fórmula dentária, substituindo as incógnitas por determinadas que se apresentavam quase evidentes (V. fig. 5).

Se houvesse à mão elementos já conhecidos, para uma comparação, tudo seria fácil. Mas no Ceará, onde nada se decidiu a respeito, somos pobres de recursos apropriados. Tínhamos que trabalhar com a imaginação e nos orientar pelos ensinamentos dos tratados... Para mim, entretanto, todo o material encontrado representava fósseis de vários e diferentes animais. Parte dêle, porém, denunciava-se pertencer a um Megatério, jovem, a ajuizar pelo excelente estado de conservação das cristas e da face mordente daquela parte da dentadura.

— Quanto à idade dos fósseis?

— Repito o que expus, na época da descoberta. Grandemente controverso é o assunto a que isto se prende. Sabe-se que o Megatério e outros animais hoje desaparecidos, entre os quais o "Mastodon Dibilodon", de Cuvier, o "Gliptodonte", o "Toxodon" e o "Macrauquenia" viveram, no Brasil, durante o Pleistoceno, penúltima divisão do Quaternário. Creio que o desabusado Wells dá, para o Pleistoceno, um milhão de anos de duração; Rutot fala de 139.000 anos. Há outras opiniões: Maurice Eszteens diz que lhe parece tão temerário, quase inútil, amontoar cifras de uma elasticidade tal, que o resultado obtido é dos mais duvidosos. Para fixação ideal adoto uma posição abaixo da média dessa oposição violenta. E é dentro dêsse período que coloco o nosso Megatério. Entretanto, é possível que entre os últimos da nossa região, alguns tenham logrado viver em plena etapa recente do Heloceno. Saibamos, entretanto, que o monstruoso animal diluviano, cujo esqueleto foi agora reconstituído, alimentava-se de fôlhas e raízes, era manso e preguiçoso...



GRAÇ^S A LEI de Cuvier, de que «por um dente ou por um fragmento ósseo é possível reconstituir um animal inteiro», o prof. Hardi conseguiu a reconstituição do Megatério.



RECONSTITUIÇAO IDEAL do Megatério, baseada nos estudos efetuados nos ossos achados e após haver feito a reconstituição do esqueleto. Na figura que apresentamos aqui, é aproveitada a suposição de Lund — de que o homem já existia em terras da América no tempo do Megatério. Serve apenas para efeito de referência de dimensões em comparação com o Megatério

Com estas palavras, o prof. Hardi encerrou as suas informações sôbre o "Megatério de Sobral", passando a dissertar a respeito de uma teoria filosófica em que trabalha há mais de vinte anos. Trata-se de uma concepção do Universo, envolvendo uma física, uma cosmologia, uma biologia, segundo a interpretação dos fenômenos tomados, como a que êle chama de "completividade".

Não se trata de materialismo, nem de espiritualismo, nem de idealismo, nem de ecletismo, nem de síntese, nem mesmo de "suspensão de juízo", pois onde êle parece esbarrar, aponta sempre "abertas para todos os rumos"...

[illegible] sua teoria, uma concepção [illegible] no qual [illegible] ra [illegible] os que [illegible] do os impasses da ci[illegible] e da filosofia. E' uma vasta obra em vários volumes. E, dada não só a sua extensão, mas o fato de ser a primeira tentativa brasileira para um sistema filosófico completo, abrangendo uma cosmologia, uma biologia, etc., e até uma continuação da física ou uma "aberta" para a sua continuação, que para muitos parecerá metafísica, pode-se dizer que se trata, no gênero, do maior esfôrço até agora feito no Brasil.

A apreciação dêsse seu trabalho, porém, é matéria para outra oportunidade.

TUDO ISTO ACONTECEU



OS "GANGSTERS" EM IPANEMA

O Cinema Pirajá, da linha Severiano Ribeiro, foi assaltado à moda de Chicago: depois de terminada a última sessão do domingo 30 de abril p.p., o gerente do mesmo estabelecimento estava entregue à conferência da bilheteria, quando, sorrateiramente, penetraram no escritório dois indivíduos empunhando revólveres. O empregado sentiu correr-lhe pela espinha aquêle friozinho precursor da morte certa. Se fizesse qualquer movimento seria fuzilado sem ver vovó. E como os gerentes de cinema não trabalham para morrer a bala, o sr. Euclides de Araújo Cavalcanti ficou quietinho, enquanto os ladrões esvaziavam o cofre, que naquele momento estava aberto. Para que não fôsse dado qualquer alarma, os salteadores amarraram-no e o deixaram amordaçado a um canto. O assalto rendeu Cr$ 16.400,OO, o apurado daquele dia. De posse da importância, deixaram o recinto e ganharam a rua. Reproduzindo as cenas que êle tantas vêzes vira na tela de seu cinema, o gerente tratou de desvencilhar-se dos nós e da mordaça, o que conseguiu depois de muito esfôrço e remexido de corpo. Logo que se viu livre das cordas, correu para a rua em perseguição aos dois delinquentes. E o porteiro? Êste, chamado a depor, declarou que havia ido tomar um café nas proximidades, tendo deixado a entrada desguarnecida. E assim, por causa de um simples cafèzinho, o Cinema Pirajá perdeu mais de dezesseis mil cruzeiros! E os ladrões? Tomaram um carro na esquina da rua Visconde de Pirajá e... piraram. Agora, compete à argúcia de nossa polícia deitar-lhes a mão e levá-los para a cadeia. O caso é digno de meditação, mas sem nenhuma pausa para negociantes e a polícia...



NÃO ADIVINHOU TUDO...

O professor Leite, ou melhor, Guilherme Celestino Leite, é um dos muitos cidadãos que procuram resolver seus problemas financeiros prometendo solucionar os mesmos apertos dos seus clientes. E como para isso nada mais fácil do que apresentar-se com os dons divinatórios das pitonisas orientais, o professor Leite se dizia desvendador dos mistérios da vida. Mas como essa história de quirologia e cartomancia já está muito desmoralizada, imaginou êle uma nova maneira de atrair in-gênuos. E fundou a ciência novíssima da "radioestésia"... Que quer dizer isso? A ciência que estuda a afinidade entre o corpos.

Lançadas as bases para a nova inves-tigação dos mistérios da vida e o desven-damento da sorte dos outros, iniciou o cientista intensa campanha de propaganda e publicidade em Niterói e São Gonçalo instalando seu gabinete em Alcântara. Den-tre os privilégios com que conta, o prof Leite se propunha ler o futuro, curar enfer-midades, localizar pessoas a distância, adi-vinhar coisas, — enfim, realizar maravilha dêste mundo e do outro. No mesmo di em que se espalharam os avulsos, afluíram ao seu escritório numerosos grupos de pes-soas que vinham consultar o vidente radio-estético. Para isso era necessário adquiri os cartões numerados com a secretária a preço de 20 e 30 cruzeiros, conforme dese-jassem consulta comum ou especial. E cho-veram os cruzeiros; mas infelizmente, professor não pôde adivinhar uma cois simples: agentes de polícia entre os con-sulentes. E foi prêso o adivinho que nã conseguiu adivinhar tudo. Mas a detençã não se confirmou por falta de testem-nhas... Correu todo mundo!



MULHERES-GARÍ NO CENTRO DE MOSCOU

A foto acima reproduzida, foi batida na Praça Sverdlova, considerada o coração da capital soviética, e situada a pouca distância do Kremlin. E' nessa praça que se efetua o «footing» elegante de Moscou. O famoso Hotel Metropol, em que se hospedam os vititantes estrangeiros, especialmente os que merecem maior consideração por parte das autoridades, está situado em posição privilegiada da praça e é o que se vê ao fundo. Tôdas as manhãs a praça é cuidadosamente varrida, conforme mostra a foto, pelas mulheres-gari. Isso é porque na Rússia, as mulheres, havendo conquistado a ambicionada igualdade frente aos representantes do sexo forte, trabalham em paridade de condições com os homens, substituindo-os, sempre que fôr necessário, mesmo nos afazeres mais humildes e penosos e menos condizentes com a natureza feminina. Publicamos esta fotografia com vistas às simpatizantes do russismo e às praticantes do capitalismo. As primeiras devem pensar no que lhes poderia acontecer se um dia houvesse alteração de regime aqui no Brasil. As segundas também devem pensar como ficariam «fotogênicas» se, na ânsia de conquistar um lugar ao sol do funcionalismo, fôssem obrigadas a substituir os homens não apenas nos escritórios e nas fábricas, mas também nos trabalhos mais grosseiros e humildes. Seria mesmo engraçado ver algumas dessas estonteantes morenas «copacabanais» de vassoura em punho, varrerem a Avenida Rio Branco.

RESPEITAI OS MORTOS!

A evolução dos sentimentos políticos dos brasileiros avança por estradas cujos desfiladeiros tendem a destruir os nossos mais sagrados conceitos de cortesia e respeito aos adversários.

O que acaba de ocorrer em Alagoas é um sintoma de incrivel intolerância partidária, com os ódios do sectarismo ferrenho a despejar sôbre o túmulo de um homem a condenação dos vivos no poder e seus adversários políticos.

Faleceu nesta capital o deputado Lauro Montenegro, representante do PSD na Câmara Federal. Integrava a bancada alagoana, e, embora pouco nos interessando sua posição política local, de vez que é um direito que assiste a todos os brasileiros em idade de votar e discernir politicamente, não podemos deixar de registrar neste tópico o que acaba de passar-se em tôrno do deputado desaparecido.

Conhecida que foi a notícia de seu falecimento na capital de Alagoas, a Câmara Municipal aprovo um voto de pesar em homenage ao morto, já não sucedendo o mesm gesto na Assembléia Legislativa d quele Estado, que lhe negou es corriqueira praxe.

Diante do corpo inanimado d um adversário os seus inimigos na mais têm a temer, especialmente e se tratando de lutas verbais, de pr gramas entre partidos, de peleja eleitorais. Mas o deputado Lau Montenegro, ainda depois de mor e distante da terra que representav provocou ódios de adversários, co um voto de pesar negado pelo pres dente do Legislativo alagoano, q desempatou contra! O voto de M nerva sempre é concedido ao ré mas com o que se passou agora dia te do político falecido, nem iss lhe foi concedido.

E' de lamentar-se que a politic de Alagoas chegue a essa culmi nância de rigorismo partidário. Qu ódio tremendo, êsse ódio político!

DISCRIMINAÇÃO RACIAL

AINDA não se explicou, psicológica e socialmente, o motivo por que é cada vez mais rigorosa a discriminação racial nos Estados Unidos, entre os brancos e os negros. Todo mundo fala que o indivíduo de côr na América do Norte, especialmente nos Estados do sul vive segregado da sociedade e tem que organizar o seu próprio ambiente, vivendo entre gente de sua côr. Mas qual a razão disso? A escravidão? Mas esta, por si só, não poderia criar na alma dos brancos tamanha odiosidade. Antes do feudalismo qualquer pessoa, mesmo criança, podia ser escrava e essa circunstância bárbara não criou essa discriminação entre os povos antigos, de cujo seio saíam grandes contingentes de escravos brancos. O caso dos Estados Unidos, único no mundo, é uma anomalia. País formado sob o signo do cristianismo e com uma constituição nacional democrática, mantém o seu povo uma tradição de aspecto bárbaro e que não se coaduna com os sentimentos cristãos daquela gente.

Mas a verdade é que o fato existe e é cada vez mais grave. Segundo narra um telegrama da A.F.P., na cidade de Spokane, Estados Unidos, acaba de verificar-se êste episódio que vem demonstrar como é intensa a discriminação racial na Amé-



rica do Norte. A pianista negra Ha Scott, espôsa do deputado Adam Clayt Powell, entrou num restaurante daque cidade para fazer uma refeição. Co qualquer pessoa, sentou-se a uma d mesas e esperou que o "water" a servis Mas, com surprêsa sua, foi advertida que não podia frequentar a casa porq ali não se aceitava gente de côr. A qu xosa moveu uma ação contra o dono d restaurante, pedindo indenização de 50 dólares, estribada numa lei que proíb discriminação racial nos lugares público Mas o júri, composto exclusivamente d brancos, condenou o restaurante apena em 250 dólares...



DEUS OS OUVIU

O casal Joaquim Alves e Luísa Ramos Alves, de Belo Horizonte, é gente modesta. Êle trabalha como pedreiro, e ela tem a profissão de doméstica. Como sempre sucede entre os mineiros e a gente pobre, a família de Joaquim e Luísa já ia pela casa dos cinco filhos. Como é natural, a vida de todos é apertadíssima. A crise de construções urbanas, de imóveis, se agravou muito de uns anos a esta parte, vivendo entre privações os pais e os filhos. Mas Joaquim Alves é homem corajoso e, sempre que alguém lhe dizia que não sabia como êle sustentava família tão numerosa ganhando tão pouco, êle ampliava o brocardo: "Onde comem sete, comem oito, nove, dez...".

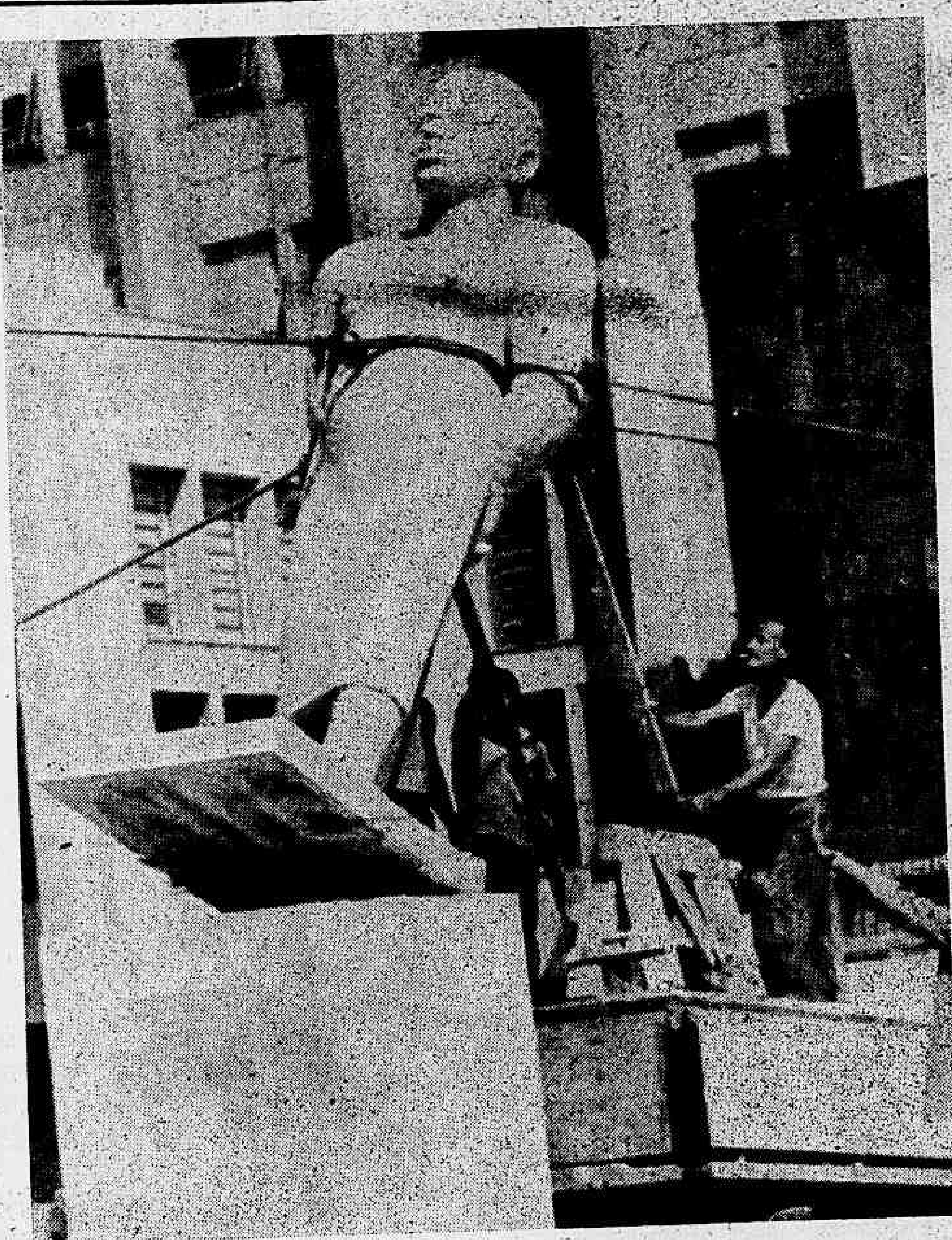
Sua espôsa também não desanimava diante das dificuldades, repetindo sempre que "Deus dá o frio conforme a roupa". Como vemos, a confiança no futuro era sempre sólida entre aquêle casal de gente humilde, mas cheia de fé. Nesse ínterim Luísa apareceu com os sintomas de quem vai aumentar a prole. Joaquim, ao invés de preocupar-se, entregou o caso ao Criador de tôdas as coisas. Fôsse o que Deus quisesse. Divertimento de gente pobre era êsse mesmo...

Chegado o momento de dar à luz mais um rebento, Joaquim e a espôsa viram que a dádiva celeste estava muito exagerada, pois que, em lugar de mais um, vieram mais três! E agora? Já era aflitiva a situação dêsse casal de proletários com os cinco filhos para criar, vestir e educar; como aguentar mais três bebês numa casinha que mal dá para cinco? Entretanto Joaquim ergue os olhos para o céu e diz: "Deixa vir que o Brasil precisa de gente"...

AO PRESO DESCONHECIDO

A primeira grande guerra inspirou, em vários países que nela tomaram parte e na mesma perderam populações, riqueza e anos de progresso, um monumento até então inédito: o em homenagem ao "Soldado Desconhecido". Manifestação de patriotismo e gratidão veio exaltar os milhões de soldados que morreram no campo da honra, anônimamente, sem qualquer ato póstumo, com medalhas e fitas solenizadoras de seus atos de bravura.

A guerra destrói milhões de pessoas, mas, como é natural, nem tôdas as suas vítimas receberão estátuas, monumentos, bustos e condecorações por atos de bravura. Sòmente alguns, os mais em evidência, os comandantes, os chefes militares são homenageados e entram na posteridade estatuados em praças públicas. Para compensar essa disparidade, criaram os monumentos "Ao Soldado Desconhecido", que é como quem diz: a todos que morreram na guerra e que não aparecem, isoladamente, com as honrarias dos heróis conhecidos". Isso foi criação da primeira conflagração européia que se alastrou por outras partes do mundo. Agora, com a segunda grandíssima guerra, outros problemas surgiram, outros métodos apareceram, graças aos nazistas. E os campos de concentração, as câmaras de tortura, os fornos para torrar gente viva e reduzir tudo a cinzas, os tubos de gás para exterminar judeus, etc., trouxeram aos que escaparam, uma visão dantesca da escola de Hitler. E a segunda grande conflagração criou outro monumento de aspecto novo: o monumento ao "Prêso Desconhecido". O primeiro acaba de ser erguido em Dachau, Alemanha, onde foram assassinados cêrca de duzentos e quarenta mil presos.



APÓS UM CURTO REINADO

POR ocasião dos festejos em honra do trabalhador brasileiro, realizados no dia 1.º de maio, culminando com o discurso proferido pelo sr. presidente da República, foi inaugurado um monumento ao próprio trabalhador, em praça pública. Dizem que a iniciativa foi levada adiante, quase em segrêdo, pelo ministro do Trabalho. Ninguém sabia o que encerrava a cortina que escondia a massa do monumento. Durante o discurso do presidente, no momento oportuno, foi descerrado o pano e aos olhares curiosos de todos apareceu isso que aí está reproduzido. Dizem que o próprio presidente calou alguns instantes para se convencer de que na realidade a "estátua" representava o Trabalhador Brasileiro que êle estava homenageando naquela solenidade. Ninguém gostou. Começou a grita da imprensa e afinal às 11 horas do dia 3 de maio, foi o "espantalho" deposto da posição de destaque em cima do pedestal. O sr. Honório Monteiro disse que aquilo era apenas uma cópia rudimentar do original que deverá ser feito em granito e pôsto em seu lugar definitivo dentro de noventa dias. Deverá representar um operário de origem indígena, de calção com um pano de aniagem à guisa de tanga ou avental. Mas o povo carioca anda dizendo que o original do escultor Celso Antônio não chegará a ser reproduzido tal como foi apresentado em "avant-première". A estátua foi considerada uma obra-prima da arte moderna, mas o povo não vai muito com futurismo, monumento a trabalhadores e coisas parecidas. Melhor seria inaugurar um novo padrão de vida para êsses heróis anônimos...



ADEUS, ARISTOCRACIA!

DESDE muito que correm mundo certas notícias sôbre as aperturas financeiras de grande parte da nobreza britânica, cujas rendas descem vertiginosamente, ano a ano. Entretanto, a crise não parecia assim tão grave. Revistas e jornais da Inglaterra e dos Estados Unidos têm-se ocupado dêsses episódios da alta aristocracia inglêsa e mostram senhoras nobres e senhores de sangue real a correr nas veias, convertidos em "ciceroni", como qualquer outro mortal, acompanhando visitantes nacionais ou turistas estrangeiros em visita a antigos castelos medievais, a trôco de alguns xelins...

Muita gente não acreditava nessas histórias. A Inglaterra não sofrera, como a Rússia, os efeitos de qualquer revolução radical, como a queda da nobreza e a subida do proletariado ao poder. Como seria possível que a famosa e tradicionalmente rica nobreza britânica estivesse assim em tamanha decadência? O raciocínio não deixava de ser lógico e aceitável. Todo mundo sabe que, embora levando uma vida sem maiores preocupações, os nobres do Império de Sua Majestade possuem propriedades vultosas hereditárias, grandes extensões de terras férteis de cujo solo e sub-solo retiram com largueza os proventos para a subsistência, a educação dos filhos, as excursões da família, as corridas de cavalos com obstáculo ou sem êle. Mas o caso é outro. Essa nobreza está passando dificuldades. Um dos mais recentes exemplos foi o que sucedeu com o duque de Norfolk, da mais alta nobreza britânica: A fim de ganhar mais "algum", acaba de requerer licença para montar um pôsto de gasolina perto de seu castelo de Arundel. Alega que a coisa está difícil e êle vai vender gasolina para poder viver...

ENTRE A ESPOSA E O CAVALO



O mais sério passo que se pode dar nesta vida não é, absolutamente, o estabelecer-se com botequim em lugar de brigas, à beira dos cais, nem ingressar em política de aldeia, ou ensinar violino em casa de cômodos. O mais sério passo desta vida é o casamento. Não há nenhuma pilhéria nisso. Casar é uma coisa muito complicada e exige paciência, meditação, dinheiro, técnica de viver, psicologia, crédito, cheques com bons fundos, casa própria, bons rendimentos ou excelente emprêgo vitalício.

Mas se tudo isso já estiver conseguido, ainda o casamento exige tática e perspicácia entre os nubentes. Vejam os leitores o que acaba de suceder com a senhorita Maria Lightner, residente em S. José de Costa Rica. Essa jovem apaixonou-se loucamente por um patrício. Era um rapagão esbelto, rico, culto, querido na sociedade. Um casamento de arromba, como dizem os nordestinos, e com razão. Por sua vez a noiva era bem apessoada, possuía recursos, educação, finura. Um par esplêndidamente bem proporcionado. Tudo deveria correr como num mar de rosas. Não havia cigana ou cartomante, quiromante ou adivinho que não prejulgasse a mais ampla e permanente felicidade para aquêle par venturoso.

Mas, por estranho que pareça, os dois só permaneceram unidos pelos laços do matrimônio o ligeiríssimo espaço de 32 dias. Que motivou a separação assim tão imediata, mal saíam êles da lua de mel? Um cavalo. O espôso possuía cavalos de corrida e era louco por um dêles. Desprezada pelo quadrúpede, ela reclamou. Quando esperou um arrependimento, o rapaz declarou alto e bom som: "Amo apaixonadamente o meu cavalo. Amo-o mais do que a qualquer ser humano no mundo". Era o bastante. Maria, chocada com aquêle coice, requereu divórcio e o tribunal concedeu imediatamente... Casar, casar...

A "REVISTA DA SEMANA" EM ROMA

O mundo inteiro está voltado para a Itália, porque tôda a humanidade católica acompanha com vivo interêsse as extraordinárias comemorações do Ano Santo. Milhares de peregrinos, que de todos os continentes vão à Cidade Eterna, já lá se encontram ou estão viajando para a Itália. Do Brasil centenas de pessoas já desembarcaram em território italiano com destino a Roma e mesmo agora está terminando a viagem e chegando a portos italianos o transporte nacional "Duque de Caxias", que partiu cheio de peregrinos procedentes de todos os pontos do território brasileiro, movidos por sentimentos de fé cristã. A REVISTA DA SEMANA não podia ficar indiferente ao grande acontecimento. Por isso fêz embarcar para a Itália, como enviado especial, o sr. Celestino Silveira, que já começou a enviar notas e reportagens sôbre o Ano Santo. Assim, a contar do próximo número, a REVISTA DA SEMANA publicará uma série de reportagens ilustradas sôbre o magno assunto. O público brasileiro poderá portanto acompanhar as comemorações do Ano Santo lendo a nossa revista. Na foto um flagrante comum agora em Roma. Peregrinos dos mais variados idiomas, não dispondo de verba suficiente para pagar um intérprete, compram guias que os possam orientar na visita aos lugares santos. Cansados, com pouco dinheiro, mas felizes por haver finalmente atingido a meta desejada, repousam agora sob a cúpula da Basílica de São Pedro, o templo máximo da Igreja Católica Romana.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

O que os olhos não vêem... (Milton Pedrosa) 4/ 6
Televisão na França (Claude Dufresne) 20/22
Não me sinto feliz fora do teatro (M. Cordeiro, A. Fernando) 25/27
Portland 1950 (Nelson Vainer) 29/32
Uma visita ao Coliseu (Celestino Silveira) 33/35

LITERATURA

Almôço a um antropófago (Paulo Fabio) 3
A flor da samambaia (Maria Leticia) 24
O mistério do colar de safiras (Lysa Castro) 28

HUMORISMO

Bom humor 16/17
A cruz e a caldeirinha (Nicodemus) 23
A mulher perfeita (Théo) 27

FEMININAS

Acessórios 37
Manhãs de frio 38/39
Costumes ligeiros 40
Modelos esportivos 41
Novos chapéus 42
Temporada lírica 43
Modelos exóticos 44
Week-end na cozinha 46/47

ATUALIDADES

No amor, como na guerra... (Max Gold) 18/19
Monstro prehistórico no Ceará (Renato Sóldon) 54/55

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista — Personagem da semana 10
Puxe pelo cérebro — Palavras cruzadas 11
A saúde do bebé (Dr Saboia Ribeiro) 48
Música (Roberto Lkra Fº.) 49
Tudo isto aconteceu 56/57

CINEMA

O Conde de Monte Cristo 7/ 9

TEATRO

Ai, Teresa! (Sabino Canalini) 13/15

ARTES PLASTICAS

Um retratista espanhol 12

FOLHETIM

Eu amava outro homem 53

FOTOS

Arnaldo Vieira
Celestino Silveira
Avulsas

BONECOS

Rafael

ILUSTRAÇAO

Oswaldo da Cunha

★

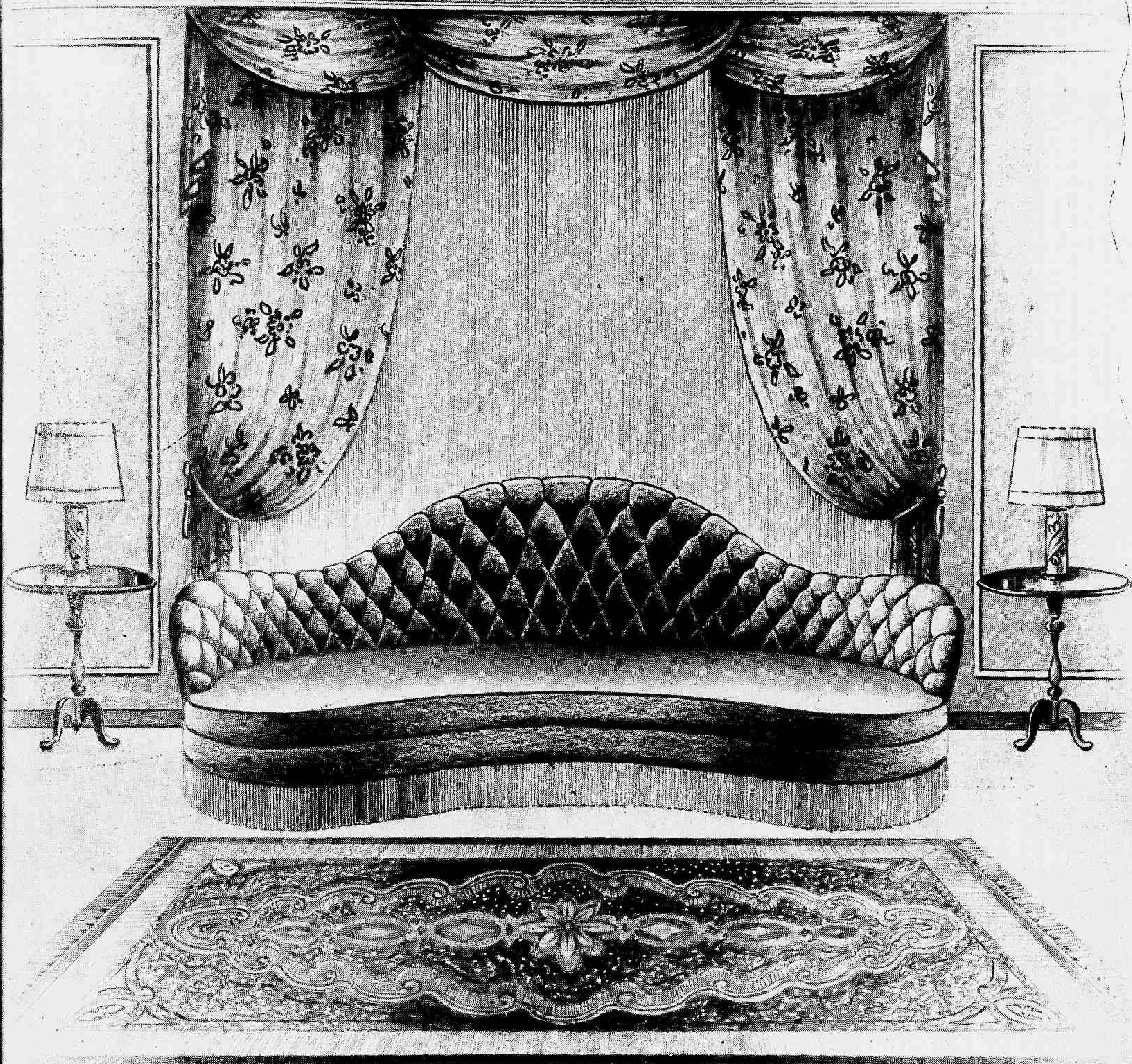
NOSSA CAPA

Olivia de Havilland
Paramount

Puxe pelo cérebro

(Respostas da pág. 11)

1 — Afonso Celso de Figueiredo
2 — Ungido
3 — Aprisionado e remetido para a Irlanda
4 — Pouco mais de 40 mil
5 — 69 (sem incluir as capelas, em número de 74)
6 — D. João VI (22-4-1821)
7 — 4 (Lisboa, Coimbra, Santarém e Alenquer)
8 — 24-2-1897
9 — Seita fundada por Simão, o Mago
10 — No Passeio Público
11 — 1913
12 — Mais ou menos a metade (544.611 metros quadrados)
13 — Ato do ladrão que mata para roubar
14 — Apôio
15 — 1-4-1808
16 — Aparelho para medir a velocidade dos trens
17 — Mozart (compôs aos 5 anos, deu concerto aos 6 e publicou trabalhos aos 7)
18 — Apagava-se por falta de oxigênio
19 — Andaraí Grande
20 — Pico da Tijuca (1.020 mts.)



Projeto e execução da
CASA NUNES

Mobiliários e Decorações

Orçamentos executados por técnicos-decoradores
ESPECIALIDADE EM

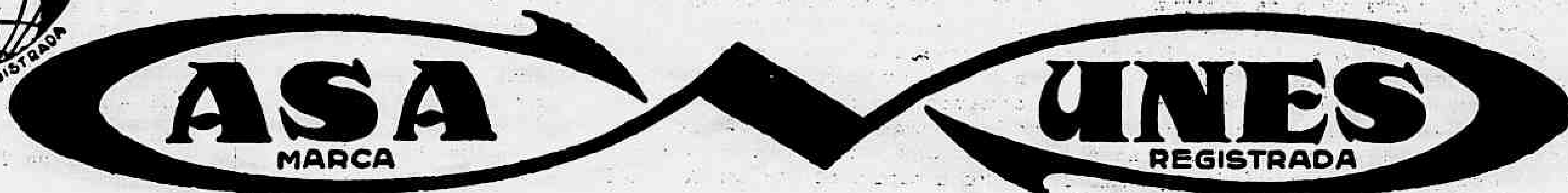
Grupos Estofados

PARA ENTREGA IMEDIATA

Tapetes e Passadeiras

de todo o mundo fabricados especialmente para a





65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



A boite do Hotel Excelsior, animada pela magnifica orquestra de Zacharias, é um dos mais elegantes centros de reunião da sociedade paulista.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Chegou a hora do *show*... mas, para apreciá-lo melhor, acenda um Hollywood — o cigarro que dá mais realce às horas de lazer e faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial... resultado dos fumos escolhidos e combinados com acerto, Hollywood é, de há muito, o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

88.009-II